EXCLUSIVAS: CAZUZA, VIOLETA DE OUTONO, THE MISSION

EDITORA AZUL
Nº 22
Maio 1987
Cz$ 45,00

BIZZ

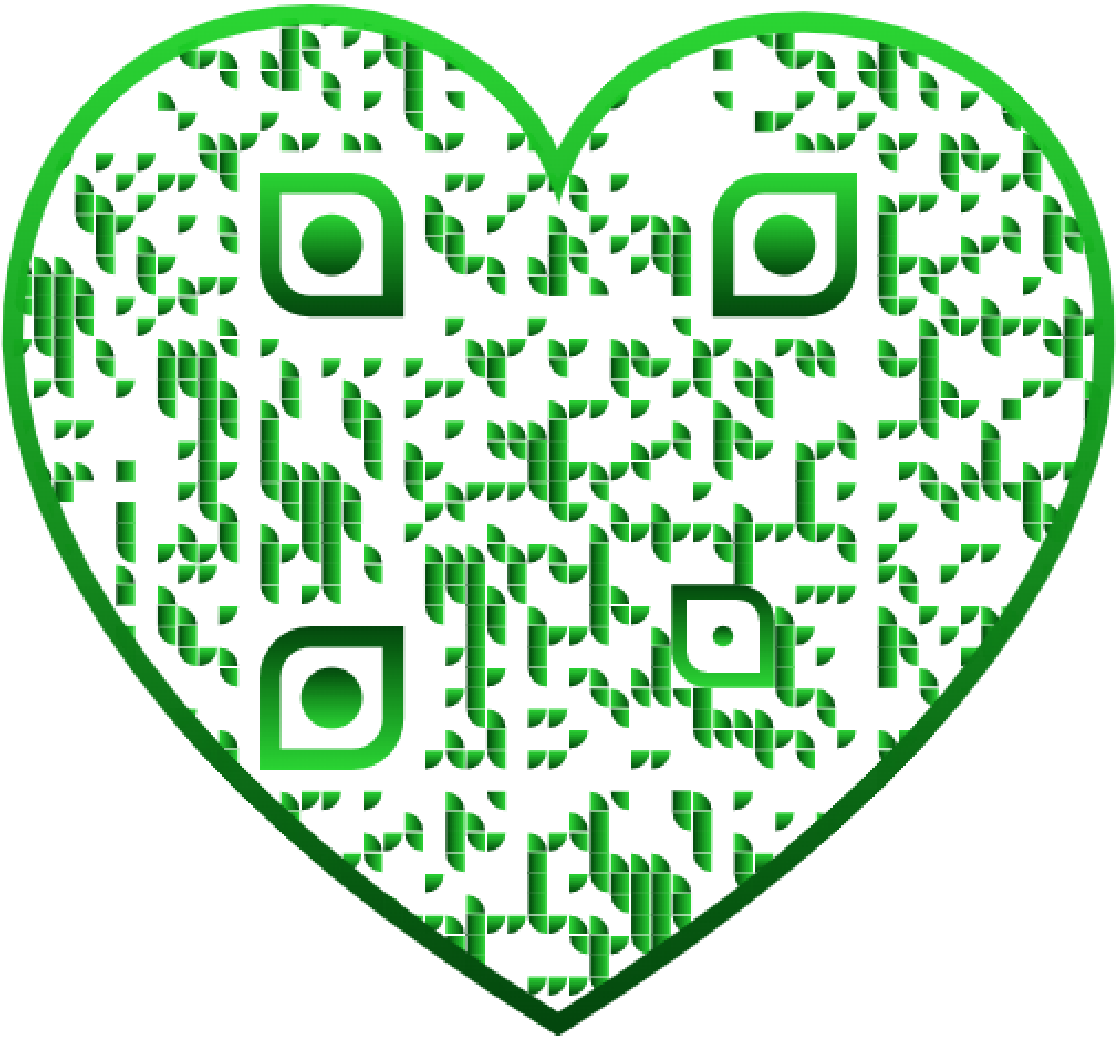
JANET JACKSON
DEIXANDO MICHAEL PARA TRÁS

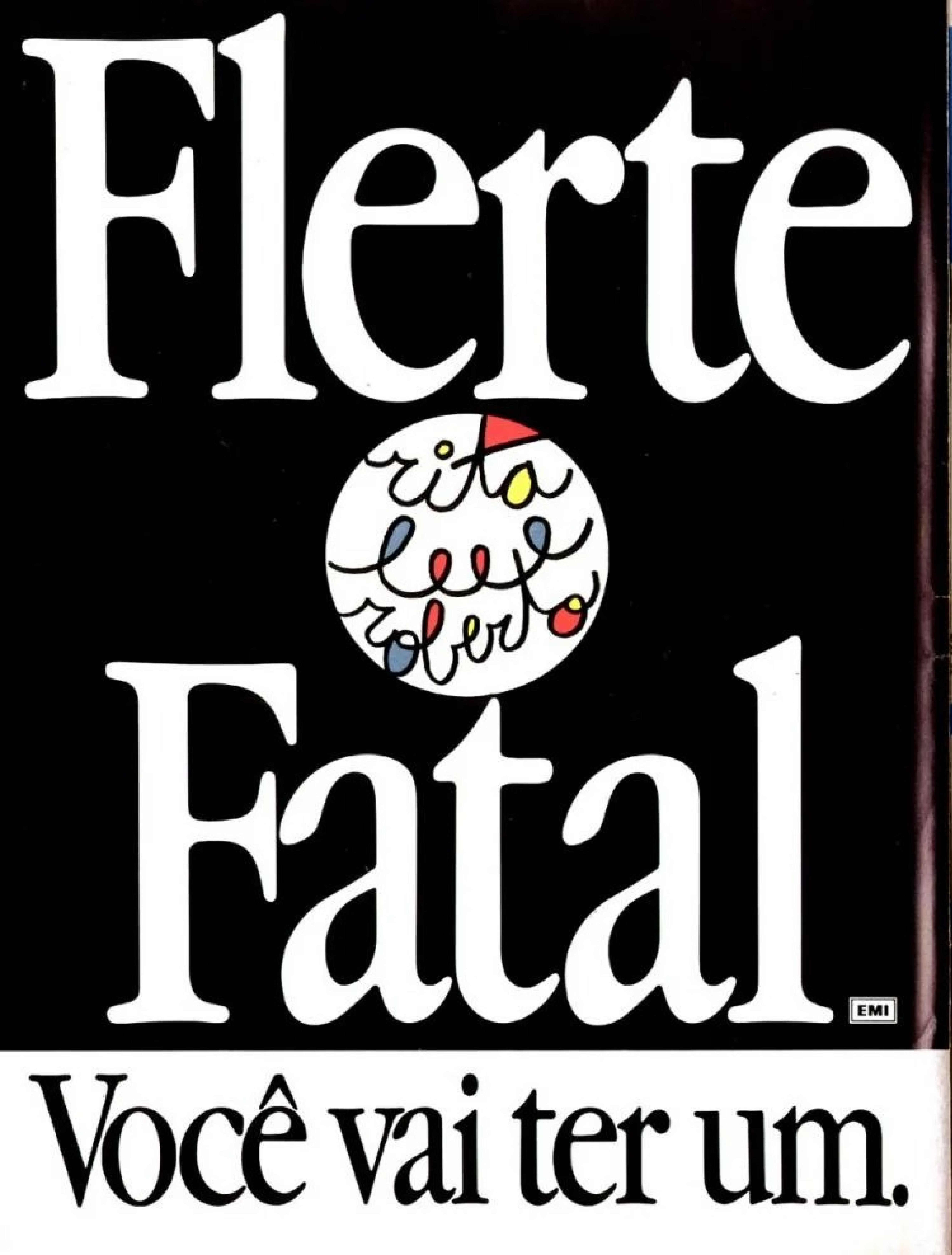
ERIC CLAPTON
UM ENTREVISTÃO HISTÓRICO

EXCLUSIVÍSSIMA
ECHO & THE BUNNYMEN

DAVID BOWIE
VOLTA COM TUDO

+ HÜSKER DÜ • JOÃO BOSCO • LONE JUSTICE
NAU • STYLE COUNCIL • METRÔ • GILBERTO GIL





BIZZ

No entrevistão (pág. 51), a hora e a vez do primeiro guitar hero: Eric Clapton

Três anos e meio depois de ter atingido um pico inédito de carreira, após um semi-hiato que o viu dedicado exclusivamente ao cinema — como estrela ou autor de trilha —, **David Bowie** está de volta. Enquanto você lê esta revista Mr. Bowie já está cruzando a Europa, em plena *Glass Spider Tour*. *Never Let Me Down*, o novo álbum, será, a essa altura, mais um intrigante capítulo na carreira de um artista mutante e imprevisível. Todos os planos de Bowie para este ano foram revelados numa disputada coletiva em Nova York, em março. **Ana Maria Bahiana** estava lá e BIZZ, com exclusividade, publica nesta edição tudo que David falou depois de tocar "Day in Day out" e antes de se despedir da imprensa com uma faiscante versão de "Bang Bang", do cúmplice Iggy Pop. Também exclusiva foi a conversa telefônica travada entre **José Augusto Lemos** (em São Paulo) e **Ian McCullough** (em Liverpool), do **Echo and the Bunnymen.** Ian estava, naquela hora, ensaiando para a turnê brasileira de seu grupo e Lemos arrancou dele algumas impressões pré-excursão bastante reveladoras.

O leque de opções desta edição é tão eclético quanto o próprio universo pop. **Janet Jackson** — a irmã daquele enluvado rapaz — diz "presente", ao lado do **Mission** (entrevistado por **Eva Joory**, devidamente encucada com as possibilidades de vida após o **Sisters of Mercy**, o pai do Mission) e do **Hüsker Dü**, também entrevistado por telefone. O entrevistão com Deus — ou melhor, **Eric Clapton** — é o relatório mais completo já publicado na imprensa brasileira sobre a vida e os desvãos do maior guitarrista vivo (apesar de Clapton achar que esse é Buddy Guy). É uma verdadeira aula de blues que deverá permanecer na cabeceira de todo bom aficionado do gênero.

Também: **João Bosco** se reinventando, **Violeta de Outono** estreando num grande selo (e visitados por nossa **Sonia Maia**), **Geronimo** (o homem do "Eu Sou Negão") e **Cazuza.** Divirtam-se. E até a próxima.

José Emílio Rondeau.

ESTE MÊS

30 **DAVID BOWIE**
O novo disco do homem que caiu na terra > *Ana Maria Bahiana*

36 **CAZUZA**
Ele já foi exagerado, agora só se for a dois > *José Emílio Rondeau*

40 **THE MISSION**
Um papo com os dissidentes do Sisters of Mercy > *Eva Joory*

42 **VIOLETA DE OUTONO**
O trio revelação dos leitores > *Sônia Maia*

44 **JANET JACKSON**
Tudo sob controle

46 **JOÃO BOSCO**
Não, isso não é um engano

60 **METRÔ**
Rumo a novas estações

62 **HÜSKER DÜ**
Calma, é só rock'n'roll

65 **NAU**
Por mares nunca antes navegados > *Bia Abramo*

68 **GERONIMO**
O baiano sem fricote

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

14 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

26 **VÍDEO**
Uma garimpada no acervo das locadoras

51 **ENTREVISTA**
Eric Clapton: o deus fala aos mortais

72 **AO VIVO**
Lone Justice, Obina Shok, Age of Chance, Michael Clark & Co., Style Council, Psychedelic Furs, Gilberto Gil e De Falla

80 **CINEMA**
A viagem sentimental de *Peggy Sue — Seu Passado A Espera*, de *Francis Coppola* e *Arma Mortífera, Mona Lisa, O Nome da Rosa, Chuva de Chumbo, Conta Comigo* e *O Destemido Senhor da Guerra*

88 **CLIP**
"You Know I Love You... Don't You?", *Howard Jones*

92 **PORÃO**
Squirrel Bait, As Virgens Lagarto e *Último Número*

96 **LETRAS**
"Two People", *Tina Turner*

98 **MEU INSTRUMENTO**
André Christovam

100 **AIR MAIL**
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

102 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. Nesta edição, *Marquee Moon* de Television

104 **CARTAS E SERVIÇOS**

106 **FLASHBIZZ**

Bruce Brasil

Pela primeira vez nos últimos dez anos, um LP chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos na primeira semana de lançamento. Trata-se da nova caixa de cinco LPs gravados ao vivo por Bruce Springsteen. Enfrentando neve e frio intenso, multidões se aglomeraram diante das lojas desde as 5 horas da manhã em todas as grandes cidades americanas, no dia em que saiu o estojo que traz a retrospectiva das gravações ao vivo de Bruce feitas entre 1975 - 1985. Toda a primeira prensagem feita pela CBS foi esgotada nas primeiras horas da manha, numa venda que hoje atinge 3,5 milhões de caixas, totalizando 17,5 milhões de LPs. Segundo a imprensa americana, este fenômeno nunca ocorreu na história da música popular, nem mesmo com os lançamentos de Michael Jackson, Beatles ou Elvis Presley.

UM MEGA-SUCESSO AGORA EM TODAS AS LOJAS DO BRASIL.

CAIXA COM 5 LPs
Gravações ao vivo de shows realizados entre 1975/1985

DISCO 1
Lado A
Thunder road
Adam raised a cain
Spirit in the night
4th of July, Asbury Park
Lado B
Paradise by the "C"
Fire
Growin' up
It's hard to be a saint in the city

DISCO 2
Lado A
Backstreets
Rosalita (come out tonight)
Raise your hand
Lado B
Hungry heart
Two hearts
Cadillac ranch
You can look
(but you better not touch)
Independence day

DISCO 3
Lado A
Badlands
Because the night
Candy's room
Darkness on the edge of town
Racing in the street
Lado B
This land is your land
Nebraska
Johnny 99
Reason to believe

DISCO 4
Lado A
Born in the U.S.A.
Seeds
The river
Lado B
War
Darlington county
Working on the highway
The promised land

DISCO 5
Lado A
Cover me
I'm on fire
Bobby Jean
My hometown
Lado B
Born to run
No surrender
Tenth Avenue freeze-out
Jersey girl

CBS

EXTRA!
LIVRETO DE 36 PÁGINAS A CORES COM TODAS AS LETRAS DAS MÚSICAS E FOTOS DOS SHOWS

EXTRA!

PAREM AS IMPRESSORAS!

ECHO & THE BUNNYMEN NO BRASIL!

Foto Luciano Viti · Retna

Há uns três, quatro anos, a prefeitura de Liverpool anunciou sua intenção de erguer, em praça pública, estátuas dos honoráveis Beatles. Resultado: choveram cartas da moçada local, no seguinte tom: "Já que vão gastar dinheiro com uma bobagem dessas, por que não homenagear outro fabuloso quarteto de Liverpool, o Echo & the Bunnymen?"

Pois quando muita gente estava ainda curtindo a ressaca dos show do Cure, chegava à redação de BIZZ a notícia oficial: Echo e seus coelhinhos humanos desembarcam no Brasil no dia 6 deste mês de maio para uma batelada de shows. Eis as datas: 9/5 no Gigantinho de **Porto Alegre;** 11 a 17/5 no Palácio das Convenções do Anhembi, em **São Paulo;** 19 e 20/5 no Canecão e 21/5 no Maracanãzinho, ambos no **Rio de Janeiro.**

Assim que a turnê foi confirmada, **José Augusto Lemos** bateu um fio para Liverpool, onde o aguardava o sr. **Ian McCollouch,** vocalista, letrista e eventual guitarra-base dos coelhos. Segue o papo.

BIZZ — *E então, Ian, quais as suas expectativas — e as do grupo — em relação à turnê pelo Brasil?*

Ian — Estamos muito excitados, mas não temos idéia do que vamos encontrar. É um lugar que sempre quisemos conhecer... e uma oportunidade única.

BIZZ — *A julgar pela reação provocada pelo Cure e pelos Banshees, vocês devem se dar bem... Nos shows do Cure, o público até cantava junto.*

Ian — *Really? Bloody Hell!* É engraçado, porque nunca esperamos que houvesse gente no Brasil — na América do Sul — que gostasse de música inglesa. Fico feliz que gostem. Acho que vamos conhecer pessoas legais, nos divertir um pouco também. Faremos o melhor.

BIZZ — *A banda teve umas longas férias, não? O último LP,* Ocean Rain, *saiu há três anos e desde então...*

Ian — É, tivemos alguns problemas... o disco novo demorou mais do que esperávamos. Pete (de Freitas, o baterista) saiu e depois voltou. Passamos por uma fase estranha... de amadurecimento, eu acho...

BIZZ — *Uma coisa que chegou no Brasil, durante esse tempo, foi um pirata, com versões do Velvet Underground, dos Doors* (BIZZ 17)...

Ian — Devemos tocar algumas delas aí no Brasil — ainda não sabemos quais ao certo, provavelmente "Soul Kitchen" (Doors) e "Paint it Black" (Rolling Stones)... são geralmente as que as pessoas mais gostam.

BIZZ — *Eu, particularmente, acho demais a versão de "Run Run Run" (Velvet Underground).*

Ian — Talvez toquemos essa também. O mais provável é que, cada noite, a gente toque versões diferentes. Quem for a mais de um show vai ouvir... Nós fazemos isso porque sempre gostamos de tocar, entre nós, músicas dos outros, principalmente dos grupos da década de 60. São fáceis de tocar.

BIZZ — *A única cujo original não conseguimos detectar aqui é "Action Woman".*

Ian — É de um grupo chamado Litter. Eu também nunca tinha ouvido, foi Will (Sargeant, o guitarrista) quem apareceu com isso; ele está sempre comprando um monte de coisas dessas *garage bands* mais psicodélicas. Mas não devemos tocar essa, não ficou tão boa quanto as outras. Devemos tocar também a do Dylan. Essa está no pirata?

BIZZ — *"It's All Over Now, Baby Blue"? Está sim...*

Ian — *Good.* Esse pirata é da Escandinávia?

BIZZ — *Havia uma fita pirata, ao vivo, gravada de uma rádio escandinava. Mas depois apareceu também um disco, que parece ser de estúdio, com um número maior de versões, intitulado* Songs the Lord Taught Us, *como o primeiro disco dos Cramps.*

Ian — Não sabia desse disco. Não sou de ficar ouvindo piratas, a qualidade geralmente é tão ruim... Mas ouvi essa fita e as versões parecem muito boas, melhores até do que nossas próprias músicas. É mais tranqüilo e nos deixa relaxados, como se, pelo fato das músicas serem dos outros, nada pudesse sair errado. *Todo o mundo* gosta de "Soul Kitchen" e "Paint it Black", são clássicos, fica mais fácil para a gente...

BIZZ — *Sabendo que você foi fanático pelo Bowie, fico surpreso de não haver nenhuma versão das músicas dele...*

Ian — Nós tentamos tocar uma do *Man Who Sold the World,* "All the Madmen", mas... não sei. As coisas do Bowie não são muito "de banda", são mais centradas nele. Gostaria muito também de tocar algo como "Golden Years", mas acho que o resto da banda não entraria nessa.

BIZZ — *A última notícia que tivemos foi de que vocês estavam gravando uma versão de "People Are Strange" (Doors), com o Ray Manzarek produzindo.* (BIZZ 21).

Ian — Fizemos isso para um filme, deve sair em julho. *Lost Boys* é o título provisório. O diretor queria, especificamente, uma regravação dessa música. O Manzarek sugeriu a gente e também toca teclados nela. Ficou muito parecida com o original.

BIZZ — *Como vocês sentem essa conexão? Quer dizer, aqui no Brasil também se ouve gente dizendo: "Echo & the Bunnymen? Eles são os Doors dos anos 80".*

Ian — Passamos oito anos tentando negar isso, porque obviamente não soamos igualzinho a eles. *Às vezes,* sim. Ficamos até em dúvida se devíamos gravar "People Are Strange", mas com o Manzarek envolvido a coisa ficou diferente. É um convite que deixaria qualquer banda orgulhosa.

BIZZ — *Vocês já se conheciam?*

Ian — Sim, ele já tinha ido a vários shows nossos nos Estados Unidos. Ele sempre gostou da gente. É um cara muito engraçado, com um senso de humor bem cínico, do tipo que a gente tem aqui em Liverpool.

BIZZ — *E o disco novo, está pronto?*

Ian — Estamos terminando a mixagem. Estou gostando muito, ficou bem direto e básico, nesse sentido lembra um pouco o *Crocodiles* (primeiro LP da banda, inédito no Brasil).

BIZZ — *Já tem título?*

Ian — Sim, chama-se *The Game.* As letras também estão bem mais diretas e um pouco autobiográficas.

BIZZ — *Uma curiosidade. Em relação ao Crucial Three, o grupo em que você começou — com Julian Cope (que depois fundaria o Teardrop Explodes) e o Pete Wylie (que depois fundaria o Wah!) —, você tem acompanhado o trabalho dos dois?*

Ian (rindo) — Ah! Não acho nada de especial. Gosto de "World Shut Your Mouth", de Julian Cope, e de "You Better Scream", com o Wah!, mas é só isso. Prefiro o Cure, é a banda de que eu mais gosto atualmente, tirando os Bunnymen. O último LP do Cure é *great.* Ouvi dizer que o Robert Smith andou falando bem da gente por aí...

BIZZ — *É, ele colocou "Killing Moon" na sua lista das "Dez Mais de Todos os Tempos".*

Ian — *Really?* É a minha favorita, também. Você foi ver o Cure?

BIZZ — *Fui.*

Ian — Foi bom?

BIZZ — *Muito bom... A acústica dos ginásios é que não ajuda muito.*

Ian — É... bem, nós vamos tocar em lugares menores...

BIZZ — *Bem, soube que vocês estão ensaiando aí, vou deixá-los em paz.*

Ian — Ah, tudo bem, deixa pra lá...

(Ian fez ainda mil perguntas sobre o Brasil, futebol, vida noturna, mas *por enquanto* é só. Esta entrevista é dedicada ao **Plautino,** de Nova Iguaçu, fã do Echo, que escreve desde o comecinho da revista, sempre com críticas certeiras e construtivas, um dos leitores favoritos da redação. Aquele abraço!)

ROCK MOLOTOV

Alô bandas nacionais de rock! A Rádio Liberdade FM de Belo Horizonte transmite aos sábados, das 15 às 17 hs, o programa Rock Molotov, dedicado exclusivamente ao rock tupiniquim. Os produtores, Luís Crisóstomo e Marcelo Dolabela, avisam que qualquer material — discos, demo tapes, gravações de ensaio — de bandas nacionais será bem-vindo.

O endereço: *Rua Tupis, 207/1101, CEP 30190, Belo Horizonte, MG.*

AÍ VEM ELA DE NOVO

Diane Keaton, está iniciando os preparativos para sua produção da segunda refilmagem do clássico *O Anjo Azul.* A versão original é de 1930. Keaton ainda não revelou quem vai dirigir a nova versão, mas já disse quem vai ficar com os dois papéis principais. **Nick Nolte** ou **Richard Dreyfuss** ficará com o papel do Professor Unrath, que no filme se apaixona e casa com uma cantora de cabaré. Sabem quem vai reencarnar a cantora, papel que era de **Marlene Dietrich**? Bidu! É **Madonna**!

Cena da versão de 1930, dirigida por Josef Von Sternberg

OUÇA ESSA

"Gostaria muito de conhecer um dark"
Robert Smith, na coletiva de Porto Alegre

CLÁSSICOS EM CROMO

A Basf e a Polygram acabam de lançar a série *Galleria*, um pacote de vinte gravações de música erudita em fitas cassete de cromo. É a primeira vez no Brasil que a fita de cromo perde a virgindade para um tratamento profissional de gravação.

As obras da série representam o que há de mais comum no repertório erudito ("Bolero" de Ravel e valsas de Strauss, por exemplo), visando mais ao iniciante do que ao aficionado no gênero. Seja como for, a iniciativa traz duas vantagens: a melhor qualidade sonora das fitas e boas leituras dessas obras consagradas. Entre elas, destaca-se a ótima abordagem dos concertos para piano de Liszt por Lazar Berman e a Sinfônica de Viena.

CÓLERA NA EUROPA

Eis os emissários do hardcore nacional

Vai de vento em popa a excursão do **Cólera** pela Europa, que começou em fevereiro e deverá se estender até o final de maio. Eles já tocaram na Bélgica, Holanda, e Alemanha e têm shows marcados em mais nove países. Segundo informações da gravadora deles, a independente Ataque Frontal, a recepção do público europeu tem sido muito boa. O Cólera tem dividido shows com várias bandas hardcore como **Disorder** e **Broken Bones** (inglesas), **Inferno** (alemã) e **Aflicted** (holandesa). E, se tudo correr bem, o grupo ainda tentará agitar o lançamento do LP *Pela Paz em Todo o Mundo* na Europa.

BOY GEORGE & CULTURE CLUB

O novo visu de Boy George, depois que largou as drogas (pelo menos as mais pesadas)

Depois de passar por uma série de escaramuças com a justiça britânica e de ter sua saúde física e espiritual debilitada, **Boy George** parece que está dando a volta por cima. Seu primeiro trabalho solo, o single "Everything I Own" (versão de um antigo clássico do — glup! — Bread), ficou semanas nos primeiros postos das paradas inglesas, e Boy George voltou a ser um dos *darlings* da imprensa musical local.

Enquanto isso, os outros integrantes do Culture Club — que está temporariamente com suas atividades suspensas — andam se ajeitando em projetos paralelos. O guitarrista/tecladista **Roy Hay** formou o grupo **This Way Up** com um desconhecido cantor escocês chamado **Robert Reid. Jon Moss,** o baterista, tem uma banda chamada **Heartbeat UK,** cujo cantor é o ex-Roman Holiday **Steve Lambert.** E o sorridente baixista **Mickey Craig** se mandou para os EUA para fazer um trabalho musical com seu irmão, que canta.

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Robert Plant: mais peso no próximo LP

Robert Plant estava decidido: seu próximo LP devia ser *bem* pesado. E parece que vai ser mesmo. Chamou para as gravações o guitarrista **Billy Duffy** (do **Cult**), o baixista **Youth** (do **Brilliant,** e ex-**Killing Joke**) e o baterista **Paul Ferguson (Killing Joke).** Com um time desse, dá até para amenizar as saudades do **Led Zep.**

Rápido e rasteiro: dizem por aí que **Robert Palmer** — detentor do Grammy 86 de melhor cantor de rock — anda flertando com o pessoal dos **Scorpions** para tentar uma produção musical conjunta. Meio heterogênea, a mistura...

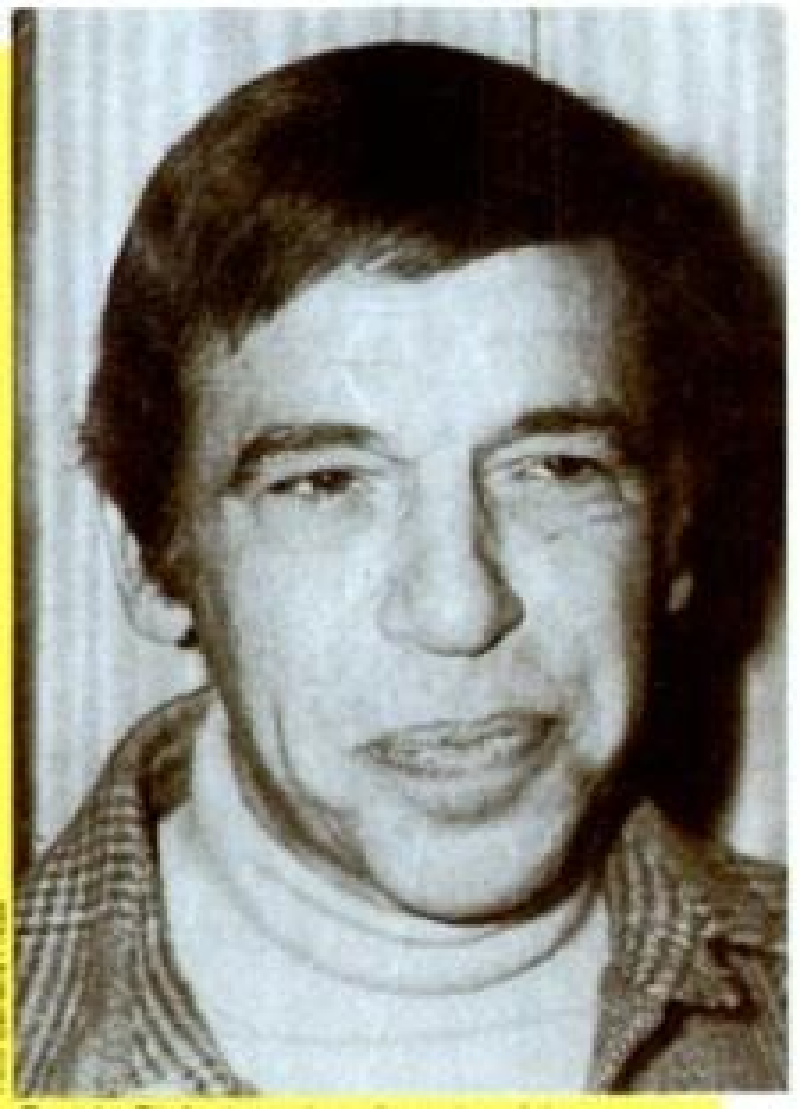
EM BUSCA DO BRANCO TOTAL

O que será que passa pela cabeça de **Michael Jackson?** Vento? Já não bastam as várias plásticas que fez para mudar seu queixo, nariz, lábios e bochechas, tudo para se desfazer de seus traços negros, e o rapaz ainda não se deu por satisfeito. Enquanto nós seres normais aguardamos ansiosamente o seu novo LP, ele está se submetendo a uma complicada operação que consiste numa técnica especial de *peeling* para que sua pele fique mais branca (!?!). *Holy Shit!*

Michael, nos tempos em que era black

A MORTE DE BUDDY RICH

O jazz está de luto. Morreu um dos mais importantes bateristas americanos do gênero, no dia 2 de abril passado: **Buddy Rich.** Ele já estava tendo problemas de saúde há algum tempo, e chegou a ser operado de um tumor cerebral. Mesmo assim, encontrava disposição para liderar a Buddy Rich Orchestra (que tem alguns discos lançados no Brasil). Rich foi, ao lado de **Gene Krupa** e **Max Roach,** um dos bateristas que criaram novas funções para o instrumento, dentro do jazz. Quando eles tocavam, a bateria estava em primeiro plano, "comandado" o naipe instrumental. Buddy Rich é citado entre as influências de vários bateristas de rock e fusion, como **Tony Williams** e **Bill Bruford.** O grande baterista morreu em Los Angeles aos 69 anos de idade.



Buddy Rich: baterista fora de série

CANTORES ESCRITORES

Você aceitaria conselhos de Dee Snider?

Joan Baez, sem dúvida, tem muito o que contar na autobiografia que está terminando de escrever. O livro já tem título: *And a Voice to Sing With.*

Resta saber o que é que **Dee Snider,** cantor do Twisted Sister, tem para nos contar no seu livro *Dee Snider's Teenage Survival Guide.* Aparentemente trata-se de um guia de sobrevivência para adolescentes. Deve ser bem diferente do manual do escoteiro mirim...

ATORES E CANASTRÕES

Continua aumentando a lista dos músicos que se embrenham na sétima arte. **Sting** (oh não, esse canastra de novo!) contracena com **Kathleen Turner** na produção italiana *Linea Di Confine*, dirigida por **Peter Del Monte. Ryuichi Sakamoto** atua ao lado de **Peter O'Toole** em *O Último Imperador*, o novo filme de **Bernardo "Ultimo Tango" Bertolucci. Joe Strummer, Tom Waits** e **Iggy Pop** estão no elenco de *Candy Mountains*, dirigido por **Robert Frank,** uma das grandes influências sobre o cinema de **Jim Jarmusch** *(Stranger Than Paradise, Down By Law).*

OUÇA ESSA II

"Eu admiro Margaret Thatcher porque está mostrando que é possível uma mulher ser tão horrível quanto um homem"
Michael Clark, dançarino inglês, um dos destaques do Carlton Dance Festival

FUNDOS CONTRA A AIDS

Enquanto a AIDS segue ceifando vidas, se sucedem os shows e outras atividades que visam levantar fundos para pesquisas da doença e tratamento de pacientes. No dia 1º de abril — data do Dia Internacional da AIDS — foi realizado um gigantesco concerto beneficente no estádio de Wembley, em Londres. Participaram, entre outros, **George Michael, Bob Geldof** e **Womack and Womack**. Alguns artistas importantes como **Steve Winwood** e **Peter Gabriel** estão preparando faixas para um LP que também se destina ao levantamento de fundos no combate a AIDS.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Fellini: gravando pela Baratos Afins

Com a greve dos músicos de estúdio no Rio, várias gravações andaram suspensas, o que atrasou consideravelmente o cronograma de lançamentos das gravadoras.

A **Plebe Rude** voltou aos estúdios da Odeon para concluir as gravações e mixagens do segundo LP, que já tem título: *Nunca Fomos Tão Brasileiros*. Além deles, pela Odeon, estão gravando **Dulce Quental** e o grupo de pagode **Só Preto Sem Preconceito**.

Pela RCA, estão gravando **Marquinhos Satã, Fevers, Nelson Gonçalves, Raça, Prentice** e **Obina Shok**. Na Continental estão **Anjo Caído** e a dupla **Cleiton e Cristiane**. A Polygram está com **Célia Pinheiro, Marina** e **Zizi Possi**. A Copacabana com **Leci Brandão, Exporta Samba** e **Jair Rodrigues**. A CBS ataca de **Tânia Alves, Zé Ramalho, Guilherme Arantes** e a facção **Jairzinho e Simoni**, da Turma do Balão Mágico. E do lado independente, a Baratos Afins informa que estão em estúdio os grupos **Fellini, Ratos de Porão** e **Kafka**.

ONDE O JAZZ É CRIME

Que coisa feia! Tá ruça a situação dos amantes da música e outras artes na Tchecoslováquia, ainda mais agora que os dirigentes da Seção de Jazz da União de Músicos local foram condenados à prisão. As manifestações realizadas por centenas de simpatizantes da *Jazz Section* não sensibilizaram os juízes que dirigiam o processo em que **Karl Srp** e **Vladimir Kouril** eram acusados de promover "atividades subversivas". Na verdade, a *Jazz Section* era um ativo fórum cultural que promovia shows, debates e distribuição de publicações sobre os mais variados assuntos musicais. A entidade era extremamente ativa e abria espaço para outros gêneros musicais, como o punk e new-wave. A *Jazz Section* era bem popular e conhecida, apesar das sucessivas restrições impostas pela ditadura tcheca (que, ao que tudo indica, não sintoniza muito com a "glasnost" — política de abertura — promovida pelos dirigentes soviéticos). O tradicional Festival de Jazz de Praga — *Prague Jazz Days* —, organizado pela *Jazz Section*, foi proibido a partir de 80 e, recentemente, a *Section* foi proscrita. Seus dirigentes foram presos, alguns deles soltos mais tarde. Srp e Kouril, entretanto, apesar dos inúmeros abaixo-assinados de protesto enviados por personalidades musicais de todo o mundo, deverão amargar seu amor e dedicação pela música na cadeia. A rotina do cárcere certamente poderá ser animada por cartas de apoio. Eis o endereço deles: *Ruzyne Prison, Praga, Tchecoslováquia*.

VINTE ANOS DE MADE

Com uma série de shows realizados ao longo do ano, o grupo paulista (da mais genuína safra da Pompéia) **Made in Brazil** está comemorando vinte anos de existência. Participam destes shows músicos que já passaram pelas várias formações da banda: **Cornélius, Percy, Tony Osanah, Júnior, Fenili, Caio Flávio** e outros.

O grupo, fundado e liderado pelos irmãos **Oswaldo** e **Celso Vecchione**, lançou seis LPs até hoje (o último foi o duplo *Pirata*, gravado ao vivo) e tem dezenas de fãs espalhados pelo país inteiro. O Made é sem dúvida o primeiro grupo brasileiro (dos conhecidos) a sobreviver durante um período tão longo. Alô *Guiness Book of Records*, olho neles!

Made in Brazil, o único grupo heavy-glitter-rhythm'n'blues do país

The Knack: a volta da new wave?

ELES NÃO DESISTEM

Será que alguém se lembra do **Knack?** Foi um dos primeiros grupos lançados no Brasil como "banda new-wave", lá nos idos de 78/79. Lançaram três LPs (todos saíram aqui) e conseguiram um certo sucesso com a música "My Sharona". Pois é, e depois de seis anos na inativa, eles resolveram voltar. Estão com a mesma formação e dando alguns shows na costa oeste americana.

O **Captain & Tenille** (aaaargh!) também está de volta. Estão preparando um novo LP.

Country Joe McDonald é outro que não desiste tão facilmente da carreira musical. Veterano de Woodstock e da guerra do Vietnã, ele lançou recentemente um LP duplo chamado *Viet Nam Experience*, pelo selo independente Rag Baby Records.

The Edge e Bono, do U2: conquistando a Europa com The Joshua Tree, e os EUA com a turnê promocional

OUÇA ESSA III

"Nós iremos aí para arrancar seus corações e colocar suas bundas acima de suas cabeças". **Lemmy**, do **Motorhead**, mandando um recado aos fãs brasileiros.

ARIZONA ÜBER ALLES

"Não façam shows no Arizona"! Este foi o apelo que **Stevie Wonder** fez para a rapaziada do **U2**, se referindo aos concertos — já com ingressos esgotados —, da turnê americana do grupo irlandês, programados para o Arizona. A razão disso tudo é que o Arizona é o único estado americano que se recusou a declarar feriado o Dia de Martin Luther King, data oficializada por Ronald Reagan para homenagear o líder pacifista negro. Os poderes legislativos estaduais nos EUA têm autonomia própria, e no Arizona, eles estão nas mãos de direitistas. É provável que o **U2** acate o pedido de Stevie Maravilha. Eles já chegaram a fazer um tributo a Martin Luther King, com a música "Pride (In The Name Of Love)".

KUBRICK E *BLADE RUNNER*

O diretor inglês Stanley Kubrick: preparando um novo filme

Boas novas para os fãs de **Stanley Kubrick** e do filme *Blade Runner*. Kubrick esteve parado desde *O Iluminado*, de 80. Ele retorna dirigindo *Full Metal Jacket*, produção americana que tem no elenco o excelente **Matthew Modine** *(Birdy, Asas da Liberdade)*.

E o personagem Rick Deckard, o caçador de andróides de *Blade Runner*, volta às telas — só que desta feita são as eletrônicas, pois trata-se de uma produção feita para a TV americana. **Harrison Ford** interpreta o personagem (não poderia ser outro) e **Ridley Scott** dirige o filme, que tem o título de *Police 2000*. Oooooooooobaaaaaaaa!!!

ROCK'N'DRUGS

Topper Headon, quando tocava no Clash. Em 85, lançou o LP solo Drummer Man

Drogas pesadas sempre puseram em perigo carreiras de músicos talentosos. **Andy Rourke,** o jovem baixista dos **Smiths,** teve de escolher entre uma fiança de mil libras esterlinas (equivalentes a 45 mil cruzados) ou seis meses de cadeia, por ter sido detido no final do ano passado por posse de heroína. Aparentemente ele andava gastando duzentas libras por semana para sustentar o vício. Com a ajuda de amigos e familiares, Rourke largou a droga e garantiu seu posto — que já perdera certa vez pelo mesmo problema — nos Smiths.

Topper Headon, ex-baterista do Clash, está sendo julgado em Dover, na costa inglesa. Ele está envolvido em tráfico de heroína. Headon — que saiu do Clash por causa do vício — chegou a lançar um LP, mas teve dificuldades para manter sua carreira solo e andou fazendo alguns bicos como motorista de táxi. Ainda bem que ele ainda tem um certo prestígio e seu empresário — enquanto eles aguardam o resultado do julgamento — anunciou que em breve Headon deverá formar uma nova banda para excursionar pelo Japão.

A justiça inglesa foi mais branda com **Nick Cave**, outro junkie tarimbado. Terá de desembolsar 125 mangos ingleses — libras esterlinas — para manter distância das grades, depois de ter sido detido no ano passado com uma "módica" quantidade de heroína. *Take it easy, boys...*

OUÇA ESSA IV

"Eles parecem um bando de aposentados"
Mick Jagger, referindo-se a seus companheiros dos Rolling Stones
"Ele está obcecado pela idade"
Keith Richards, sobre Jagger

THATCHER NA SMASH HITS

Vale tudo na busca de votos. Os espertos assessores de **Margaret Thatcher**, a primeiro ministro da Inglaterra, conseguiram marcar uma entrevista da "dama de ferro" com um repórter da *Smash Hits*, revista musical repleta de fofocas e futilidades, bastante popular entre os *teenies* (adolescentes) britânicos. Na matéria, Mrs. Thatcher declara que é fã (!) de **Elton John, Cliff Richard, Dusty Springfield, Tornadoes** e **Beatles**. Para as perguntas mais desagradáveis — por exemplo "o que você acha dos astros da música pop como **Paul Weller, Housemartins** e **Billy Bragg**, que mal podem esperar para que você saia do governo?" — ela usou a velha técnica dos políticos tarimbados: fez de conta que a pergunta foi outra totalmente diferente. Surpreendente, entretanto, foi o momento em que ela falou sobre suas preferências cinematográficas na infância. Ela adorou **Carmem Miranda** em *South Of The Border*.

NOVIDADES NO VINIL

Nona Hendrix, ex-integrante do grupo vocal Labelle, lança agora o seu quarto LP

Greg Allman está de volta, depois de uma ausência de dez anos do mercado fonográfico. O líder da extinta **Allman Brothers Band** esteve todo esse tempo no ostracismo, mergulhado em álcool e drogas, e agora está recuperado. Aparentando boa saúde, Allman lança o LP *I'm No Angel*, onde mostra porque é considerado um dos grandes tecladistas e compositores de rhythm'n'blues.

Peter Gabriel e **Prince** (usando o pseudônimo de J. Coco) dão uma força no novo LP solo da cantora **Nona Hendrix** — que já cantou com os Talking Heads. Gabriel canta e toca teclados, e Prince cedeu uma música. O nome do disco é *Female Trouble*, e ele é inspirado nas cartas enviadas por **Winnie Mandela** ao seu marido **Nelson Mandela**, principal prisioneiro político da África do Sul e líder do proscrito Congresso Nacional Africano.

Vem aí mais um LP do **Wall of Voodoo**, grupo americano (em que **Stan Ridgway** cantava — ver Porão da BIZZ 16) que mescla temas de faroeste e música country com tecnopop e afins. O título do LP é *Happy Planet*. Alô CBS, olho neles!

NOVIDADES NO VINIL II

Manzanera, um dos fundadores do Roxy Music, e sua Gibson Les Paul: mais um LP solo

Vários discos curiosos andaram aparecendo recentemente, e outros — por enquanto — ficaram na promessa. **Bill Bruford**, baterista do **King Crimson**, se juntou a três integrantes da **Charlie Watts Orchestra** para gravar o LP **Earthworks** — que, aliás, é o nome do grupo.

Os **Beach Boys** aceitaram o convite dos **Fat Boys** para gravarem juntos uma versão de "Wipeout", clássico composto em 63 pelos **Surfaris**. A versão, que também terá um videoclip reunindo as duas bandas, estará no próximo LP dos Fat Boys, que está sendo lançado lá fora e tem o nome de *Crushin*.

Phil Manzanera, guitarrista do Roxy Music, lançou mais um disco solo, chamase *Guitarríssimo*.

Enquanto o novo disco não fica pronto — a gravação está sendo produzida por **Scott Litt** em Nashville — o **R.E.M.** lança uma compilação bem interessante. É uma reunião de lados B de compactos, sobras de sessões de estúdio e algumas *covers* (versões), tudo isso inédito em LPs. O nome do disco é *Dead Letter Office*.

GREGORY ABBOTT DÁ AS CARAS

Mr. Abbott e sua revista predileta

Quem também esteve por estas bandas, no final de março, foi o cantor e compositor norte-americano **Gregory Abbott**, cujo *hit* "Shake You Down" o coloca como um dos mais sérios pretendentes ao trono deixado vago por Marvin Gaye.

Pois não é que, numa rápida entrevista à BIZZ, Gregory confirmou a herança, afirmando que era amigo pessoal do grande Marvin. Entre essa e outras, declarou que tinha vindo junto com seu empresário para dar uma conferida no mercado brasileiro e sondar as possibilidades de incluir a terrinha no roteiro de sua próxima turnê.

A VOLTA DOS ORIGINAIS

Groroaaaarr!! **Phil "Animal" Taylor** está de volta! O baterista que abandonou o Motorhead há três anos para "repousar" depois de oito anos de pauleira, voltou ao grupo, deixando os fãs e os integrantes satisfeitíssimos. Taylor entra no lugar de Pete Gill, que saiu recentemente do Motorhead, em clima amigável.

No mesmo clima se consumou a saída de **Cozy Powell** do **Emerson, Lake & Powell**. Em seu lugar, entra o baterista original do grupo, **Carl Palmer** — isto evidentemente significa que o nome do grupo voltou a ser **Emerson, Lake & Palmer**. Powell por sua vez está montando uma banda com o guitarrista **John Sykes** (que tocou no Rock in Rio com o White snake) e o baixista do Firm (grupo que acabou — graças a Deus!), **Tony Franklin**.

Carl Palmer: depois do Asia, a volta ao ELP

Lennon: focalizado em um documentário

DOCUMENTÁRIO SOBRE LENNON

In My Life é o título do documentário sobre a vida de **John Lennon**, que está sendo produzido nos EUA pelo experiente **David Wolper**, responsável pela produção de filmes (*This is Elvis*), minisséries de TV (*Roots*) e eventos grandiosos como as cerimônias de abertura e encerramento das Olimpíadas de Los Angeles. Wolper conseguiu o importante apoio de **Yoko Ono**, que se dispôs a ceder todo o material que guardou sobre Lennon — filmes e tapes, que incluem coisas inéditas. Ele também conseguiu autorização da Capitol/EMI para utilizar material dos Beatles e de John Lennon na trilha sonora, que deverá ser lançada em disco. Tanto o filme como a trilha deverão ser lançados em 88.

"Dom Bosco estará, como sempre, nu. Mas não creia que isso o impressiona. (...) Ele se supera, ele consegue fazer uma orquestra sozinho". Estes comentários, feitos pelo crítico Rémy Kolpa Kopoul no jornal Liberation, dão uma boa idéia da impressão causada por **João Bosco** em sua passagem pela França. Bosco lotou todas as casas de espetáculos em que se apresentou — incluindo o Olympia de Paris — sempre acompanhado apenas pelo seu violão. Apresentou músicas dos seus dois últimos LPs (*Cabeça de Nego* e *Ai Ai Ai de Mim*), e aproveitou para prestigiar o lançamento de seu último LP na França, no dia 30 de março. A excursão se estendeu até a Suíça, e Bosco já assumiu outro compromisso para julho: deverá tocar — e conquistar — a Espanha.

Monsieur Bosco em Paris: sucesso total

PRENSAS SEM PRESSA

Tá difícil a situação das gravadoras independentes no Brasil. Quase todos os lançamentos prometidos desde o ano passado continuam dependendo de uma solução para a falta de material para prensagem de capas e discos. No que tange a parte gráfica, os problemas já foram contornados, principalmente depois do descongelamento de preços — em outros casos o jeito foi buscar fontes alternativas de matéria prima (papel). Já no que concerne a prensagem dos discos, a coisa toda se agravou tanto que já se fala em boicote por parte das gravadoras grandes, que são as proprietárias das únicas prensas do país e prestam serviços por encomenda. Elas estão alegando falta de vinil para justificar essa longa espera a que estão submetidas as gravadoras independentes. "Mas então, como é que elas (as gravadoras grandes) tem matéria prima para prensar as volumosas tiragens de seus artistas, e ainda privilegiam edições especiais que nem estavam planejadas no início do ano?", perguntam, estupefatos, os donos das independentes. Má vontade? Boicote? E enquanto a reportagem da BIZZ busca respostas precisas (aguardem matéria a respeito, em breve), continuamos esperando pelos discos que já foram mixados há meses de grupos como **Akira S** e as **Garotas Que Erraram**, e as bandas do Não São Paulo II (todas da gravadora Baratos Afins), **Vírus 27, Tropa Suicida, Caos 64, BSBH** e **Stuhlzäpfchen Von "N"** (da Devil Disco, de SP), e **May East, Harry** e **Laura Finokiaro** (da Wop Bop Discos).

ENO NA URSS

Eno: com viagem marcada para a URSS

Depois do reggae do **UB 40**, chegou a vez dos soviéticos conhecerem o trabalho de um não-músico declarado, grande especialista em ambient music e outras tantas produções ousadas. **Brian Eno** está arrumando as malas para realizar alguns shows na União Soviética em junho. Correm rumores de que um projeto envolvendo músicos soviéticos e alguns que já trabalharam com Eno no passado — como **Bryan Ferry, U2** e **Talking Heads** — poderia rolar logo em seguida.

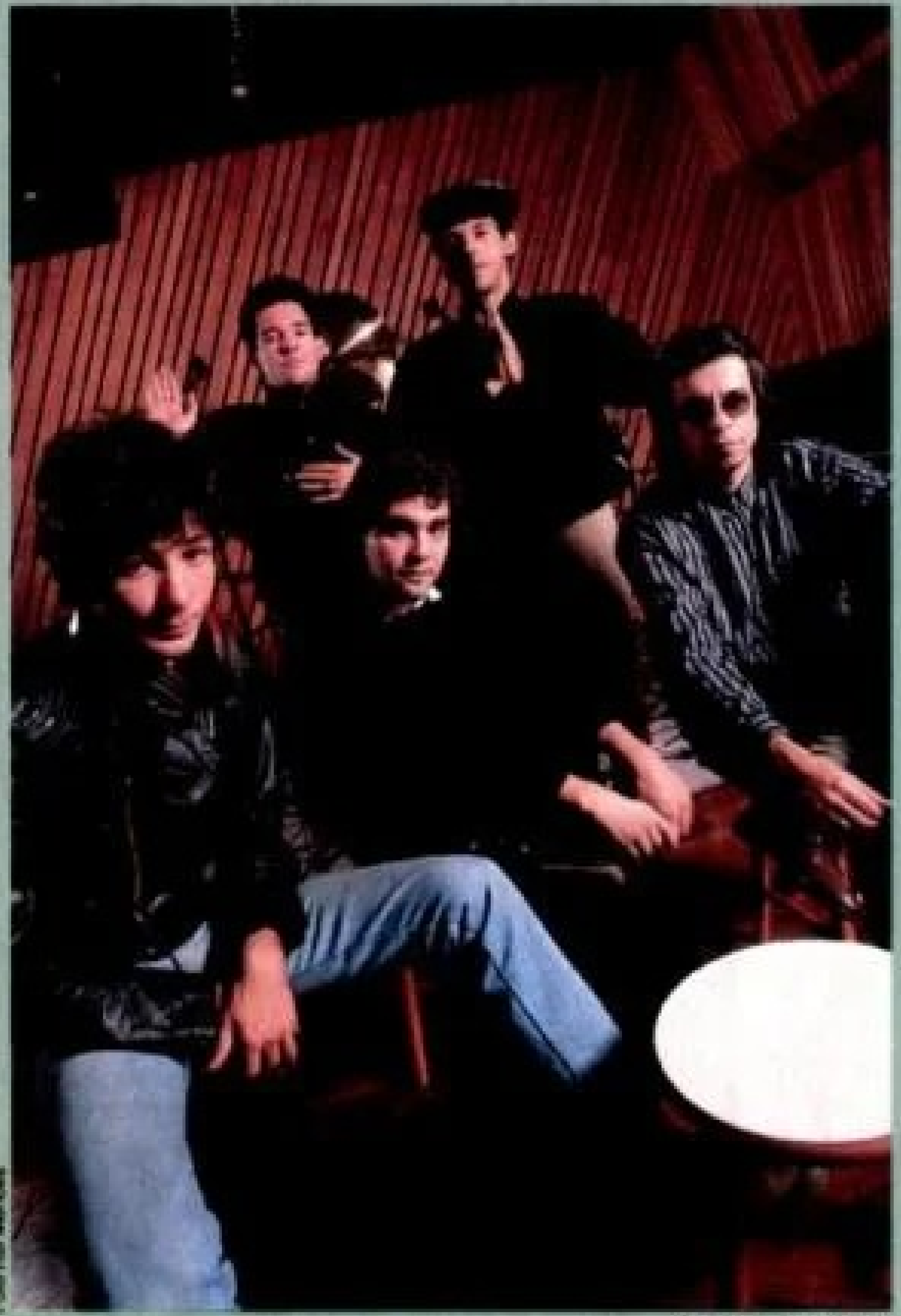


Foto Rui Mendes

Camisa de Vênus

LPs (EUA)

1 (2) *Licensed to Ill* — **Beastie Boys** (Def Jam)
2 (1) *Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
3 (4) *The Way It is* — **Bruce Horsby & the Range** (RCA)
4 (R) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
5 (10) *Invisible Touch* — **Genesis** (Atlantic)
6 (8) *Control* — **Janet Jackson** (A&M)
7 (5) *Night Songs* — **Cinderella** (Mercury)
8 (N) *Life, Love and Pain* — **Club Nouveau** (Warner Bros)
9 (N) *Georgia Satellites* — **Georgia Satellites** (Elektra)
10 (N) *The Final Countdown* — **Europe** (Epic)

Compactos (EUA)

1 (N) "Lean on Me" — **Club Noveau** (Warner Bros)
2 (N) "Let's Wait a While" — **Janet Jackson** (A&M)
3 (8) "Jacob's Ladder" — **Huey Lewis and the News** (Chrysalis)
4 (N) "Somewhere Out There" — **Linda Ronstad & James Ingram** (MCA)
5 (N) "Mandolin Rain" — **Bruce Hornsby and the Range** (RCA)
(N) "Nothing's Gonna Stop Us Now" — **Starship** (Grunt)
7 (1) "Livin' On a Prayer" — **Bon Jovi** (Mercury)
8 (N) "Tonight, Tonight, Tonight" — **Genesis** (Atlantic)
9 (N) "(You Gotta) Fight for You Right" — **Beastie Boys** (Def Jam)
10 (3) "Will You Still Love Me?" — **Chicago** (Warner Bros)

LPs (GB)

1 (6) *The Phantom of the Opera* — **Vários** (Polydor)
2 (1) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
3 (N) *The Very Best of Hot Chocolate* — **Hot Chocolate** (Rak)
4 (N) *The World Won't Listen* — **Smiths** (Rough Trade)
5 (N) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
6 (4) *August* — **Eric Clapton** (Duck)
7 (N) *Picture Book* — **Simply Red** (Elektra)
8 (N) *Men and Women* — **Simply Red** (WEA)
9 (8) *Silk and Steel* — **Five Star** (Tent)
10 (N) *Give Me the Reason* — **Luther Vandross** (Epic)

Compactos (GB)

1 (5) "Stand by Me" — **Ben E. King** (Atlantic)
2 (10) "Male Stripper" — **Man 2 Meets Man Parrish** (Bolts)
3 (N) "The Great Pretender" — **Freddie Mercury** (Parlophone)
4 (8) "When a Man Loves a Woman" — **Percy Sledge** (WEA)
5 (N) "I Get the Sweetest Feeling" — **Jackie Wilson** (SMP)
6 (N) "Respectable" — **Mel & Kim** (Supreme)
7 (N) "Crush on You" — **Jets** (MCA)
8 (N) "Moonlight Theme" — **Al Jarreau** (WEA)
9 (N) "Running in the Family" — **Level 42** (Polydor)
10 (N) "Down to Earth" — **Curiosity Killed the Cat** (Mercury)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *The World Won't Listen* — **Smiths** (Rough Trade)
2 (N) *Back Again in the Dhss* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
3 (10) *Up for a Bit With* — **Pastels** (Glass)
4 (1) *Shabini* — **Bhundu Boys** (Disque Afrique)
5 (4) *The Texas Campfire Tapes* — **Michelle Shocked** (Cooking Vinyl)
6 (3) *Dirt Dish* — **Wiseblood** (Some Bizzare)
7 (5) *Quirk Out* — **Stump** (Stuff)
8 (9) *Especially for You* — **Smithreens** (Enigma)
9 (N) *Horse Rotorvator* — **Coil** (K-422)
10 (2) *Pictures of Starving Children* — **Chumbawamba** (Agit Pop)

Compactos Independentes (GB)

1 (5) *"Sweet Sweet Pie"* — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
2 (9) *"My Favourite Dress"* — **Wedding Present** (Reception)
3 (9) *"Brighter"* — **Railway Children** (Factory)
4 (N) *"It Doesn't Have To Be"* — **Erasure** (Mute)
5 (1) *"Shoplifters of the World Unite"* — **Smiths** (Rough Trade)
(N) *"Love is Dead"* — **Godfathers** (Corporate Image)
7 (N) *"Stop Killing Me"* — **Primitives** (Lazy)
8 (3) *"Head Gone Astray* — **Soup Dragons** (Raw TV)
9 (2) *"Kiss"* — **Age of Change** (Fon)
10 (R) *"Peel Sessions"* — **Joy Division** (Strange Fruit)

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (3) *Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
3 (4) *Vivendo e Não Aprendendo* — **Ira!** (WEA)
4 (2) *Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
5 (10) *Correndo o Risco* — **Camisa de Vênus** (WEA)
6 (4) *Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
(7) *O Concreto já Rachou* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
8 (11) *Radio Pirata ao Vivo* — **RPM** (CBS)
(8) *True Blue* — **Madonna** (WEA)
10 (4) *The Queen is Dead* — **Smiths** (WEA)
(N) *Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
12 (12) *Flaunt it* — **Sigue Sigue Sputnik** (EMI-Odeon)
13 (12) *Longe Demais das Capitais* — **Engenheiros do Hawaii** (RCA)
14 (14) *Bring on the Night* — **Sting** (Polygram)
(R) *Notorious* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)

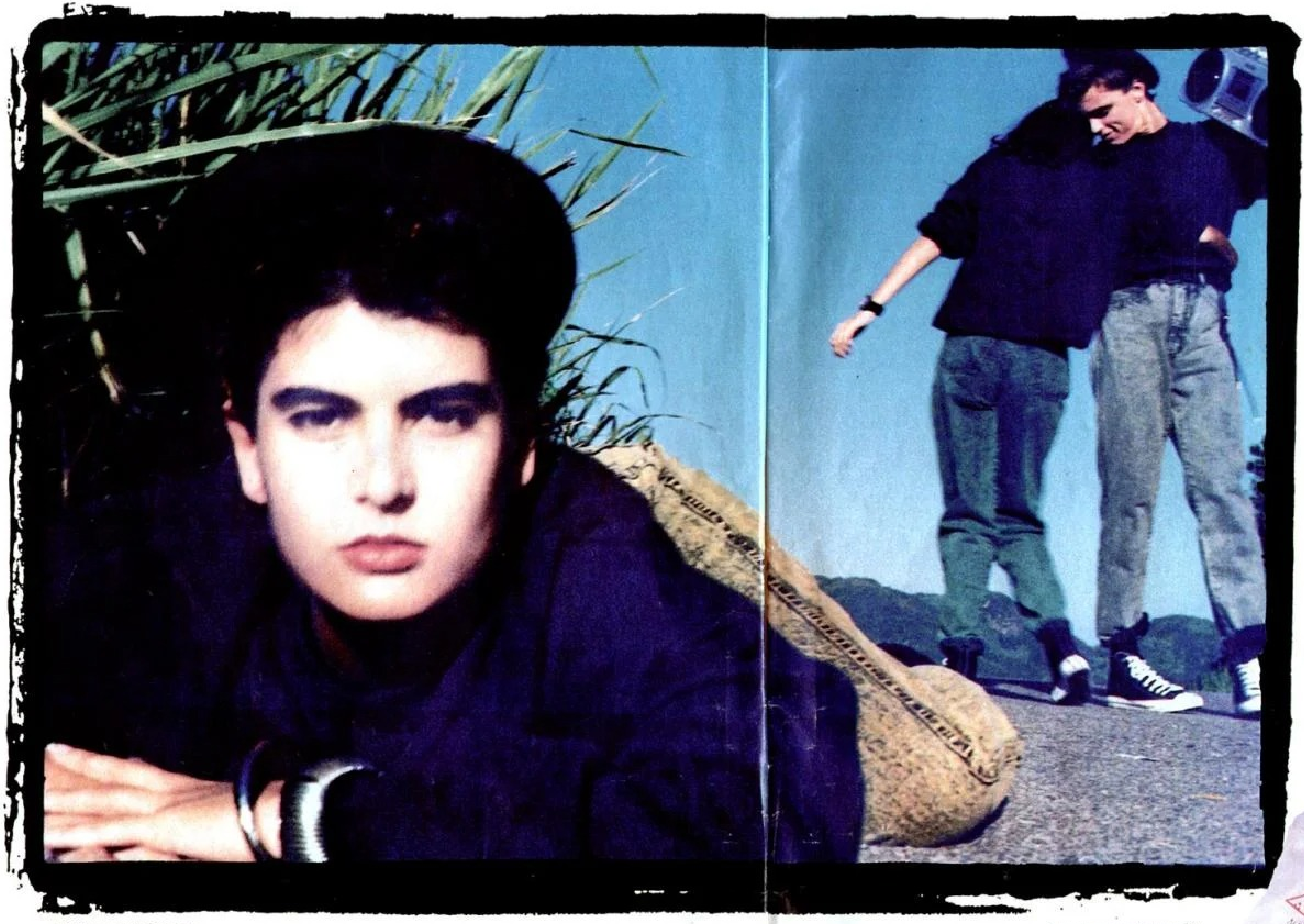
Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 07 a 28/03/87.

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.



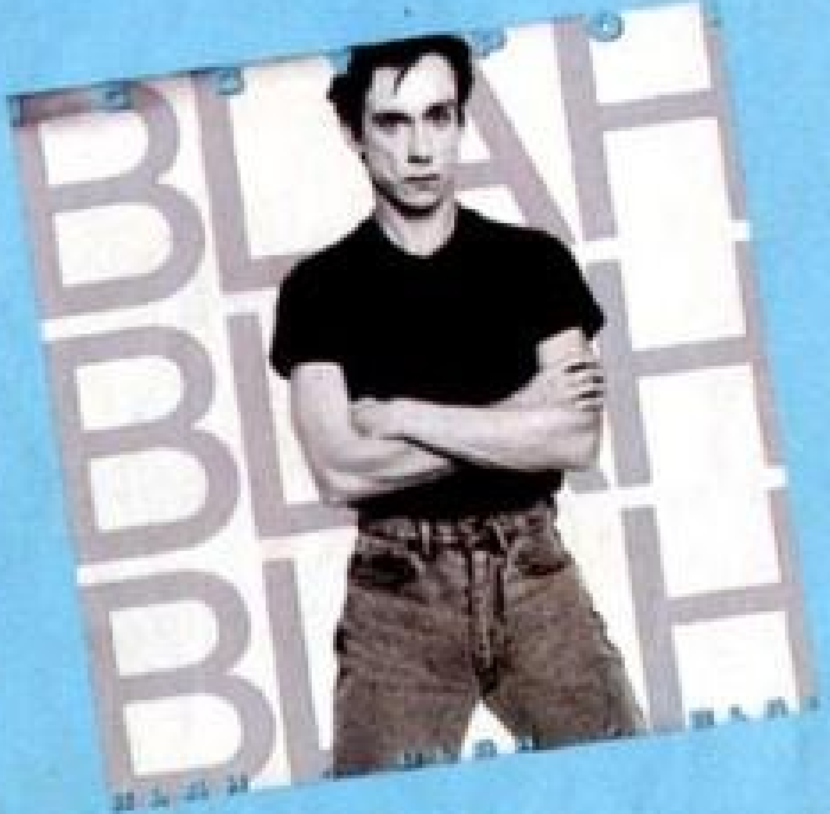
A VIDA USA JEANS.

A VIDA VESTE JEANS. A VIDA VAI PRA ESTRADA. A VIDA VAI PRA QUALQUER LUGAR. A VIDA QUER VIAJAR. A VIDA QUER VIVER. JEANS JET COLOR. A VIDA COLORIDA DE ALTERNATIVA.

EXCLUSIVIDADE
MESBLA

Sweatshirt em moletom - Tam. P/M/G - 790,
Calça jet color - Tam. 38 a 44 - 990,
Tênis - Tam. 33 a 43 - 590,

ALTERNATIVA®
NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR



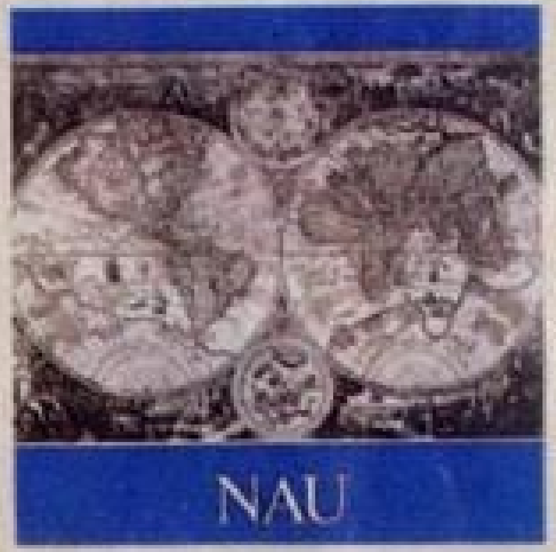
BLAH BLAH BLAH — Iggy Pop (Polygram)

Cada vez mais parece claro que o pop dos anos 80 tem a cara de Huey Lewis: seria feio, se não fosse comum. E vocês podem ter certeza que até Iggy Pop está jogando conforme as regras do jogo. "Isso é o mais perto que ele poderia chegar da Madonna", disse um crítico inglês a respeito de *Blah Blah Blah*. Dito e feito: duas das faixas presentes se tornaram os primeiros hits da carreira do Iguana — "Cry for Love" e a velha "Real Wild Child", regravação de um rhythm'n'blues de 1958.

Tem peso, dá para dançar, as letras são divertidas e espertinhas; ou seja, Iggy conseguiu o que queria com seu pior disco, *Party* (81), pré-concebido como "new wave" e "comercial". OK, ele não tem mais idade para sair fumegando e faiscando como uma locomotiva movida a ódio, nem existem mais punks na Inglaterra. O melhor que este disco tem a dar é um joguinho para espantar o tédio das tardes de domingo: quais dessas faixas o honorável co-produtor David Bowie vai regravar em seu álbum para 1991?

Não é um disco ruim, não mesmo. O que não dá para esquecer é que essas duas comadres foram importantes — Iggy como um embrião explosivo de efeito retardado e Bowie como hábil manipulador/catalisador de tendências. A questão mais interessante é: como *Blah Blah Blah* soa aos ouvidos de um moleque virgem de toda essa pré-história? Se ele responder "Huey Lewis", não será nenhuma surpresa. Se responder "David Bowie", também não.

E não é um disco ruim, não mesmo. *J.A.L.*



NAU (CBS)

O primeiro LP do quarteto paulistano surge dentro de uma geração mergulhada em crises de experimentação e rumos. Tal como Smack e Finis Africae, a banda deixa-se contaminar por ambigüidades de estilo em letras introspectivas. Num feixe de onze rocks articulados com inteligência e ótimos arranjos, o disco da Nau exibe a maturidade precoce típica da nova geração. A guitarra de Zique impera como poucas no Brasil, sabendo variar ritmos e criar rifes. O vocal de Vange Leonel também se impõe numa dicção adolescente e maneirista. Se as letras são ingênuas à moda da MPB dos anos 70 (Suely Costa, Abel Silva?), as músicas variam da valsa ao rock pesado e à rumba. O LP serve, portanto, como antídoto para aqueles que pensam que as bandas nacionais só copiam modelos fixos. *L.A.G.*

Fotos Estúdio Abril

THIS IS THIS — Weather Report (CBS)

É perfeitamente compreensível que uma banda de músicos talentosos, sempre centrada em dois deles (o tecladista Joe Zawinul e o saxofonista Wayne Shorter, aquele amigo do Milton), queira sempre tocar suas próprias composições. Não é tão compreensível assim, nem aceitável, que depois dos primeiros LPs eles passassem a compor sempre *as mesmas* músicas. Não se sabe se é o fim do grupo. Sabe-se que Shorter saiu depois deste LP. Mesmo assim, restam as belezas das lentas "I'll Never Forget You" e "Consequently". E o talento instrumental inegável do percussionista Omar Hakim (do grupo de Sting, aqui em "Consequently") e do guitarrista Carlos Santana, que entra rachando logo na abertura com a faixa-título. Miles Davis inventou o gênero e, gênio, partiu pra outras. Estes, pelo jeito, ficaram. *J.E.M.*

SÓ SE FOR A DOIS — Cazuza (Polygram)

Uma voz rascante banhada de observadoras madrugadas. "Pra que chorar/a vida é bela e cruel despida/tão desprevenida e exata/que um dia acaba" (do rock "Ritual"). Um poeta exagerado e corajoso no meio da pasmaceira pop tupiniquim. "Como é estranha a natureza morta dos que não têm dor" (de "Completamente Blue"). Um músico que, bem acompanhado, passeia com desenvoltura pela cultura diversa de seu universo geracional. Preocupado, como em "O Lobo Mau da Ucrânia", um rock pesado com medo de Chernobyl. Ligado nas modernas e instáveis relações amorosas, como na carregada "Heavy Love": "A televisão sem som já é um quadro pro nosso amor descarado". Cazuza, como ele mesmo se define em "Só Se For a Dois", tem "sangue negro, branco, amarelo e vermelho". Uma boa e transparente fusão, elementos de uma forte e madura unidade. *J.E.M.*

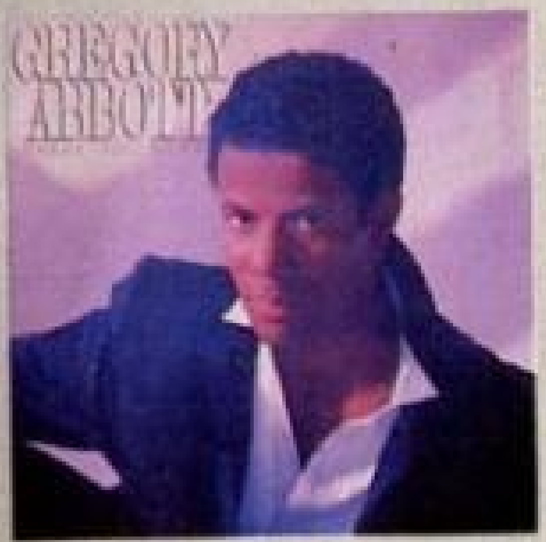
GOD'S OWN MEDICINE — The Mission (Polygram)

Este disco de estréia de uma das metades do extinto Sisters of Mercy é um bom exemplo de como realizar um trabalho que agrade aos fãs e ouvintes eventuais por igual. Da capa à qualidade técnica, tudo é perfeito. Há faixas para as rádios, pistas de dança ("Wasteland" e "Sacrilege") e várias outras para serem curtidas em trips particulares, religiosamente.

Wayne Hussey (que antes do Sisters tinha uma carreira solo de pouca repercussão) possui voz límpida e nítida (ao contrário da cavernosa voz de Andrew Eldritch, que junto com a outra metade das *irmãs* formou o não tão bem-sucedido Sisterhood), lembrando Billy Idol em certas inflexões. Musicalmente, a turma toca apenas o que deve, sem devaneios. E sem viajar tanto na síndrome de Led Zeppelin quanto o Cult, o que já salva. *T.L.*

SHOT IN THE DARK — Great White (EMI-Odeon)

Embora acima da média, é o dito hard melodioso, bem produzido, sem extravagância, nada de excepcional e notadamente direcionado para FM. Para variar, como acontece com muitos grupos da área, regravaram um *cover* famoso (no caso, "Gimme Some Lovin", de Spencer Davis e Traffic, de 67) que não supera as gravações originais nem usando toda a tecnologia atual. Nada de temas demoníacos ou afins, e sim romances de garbosos rapazes motoqueiros urbanos. *L.R.*

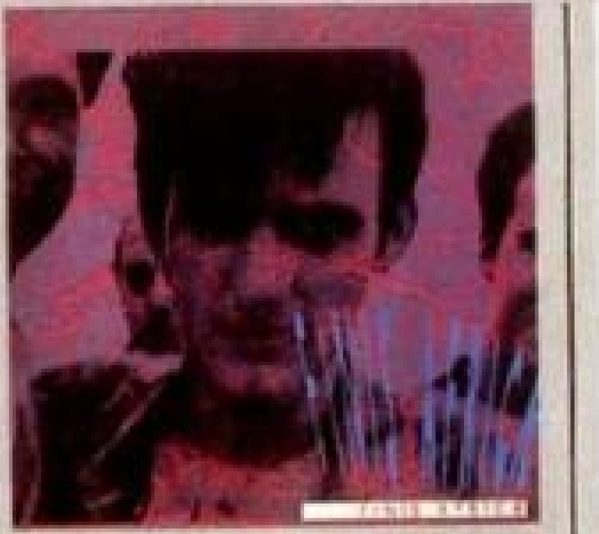


GREGORY ABBOTT (CBS)

Aí, de repente, você passou a ouvir insistentemente nas rádios uma musiquinha suave com um cantor que sua tia jurava ser o finado Marvin Gaye. Você investiga e comprova que não é. Investiga mais e nota que a tal musiquinha é um plágio misto de duas outras: "Sexual Healing" (uma das mais belas canções da década), do legítimo Marvin Gaye, e "I Miss You", que Diana Ross, grande amiga de Marvin, compôs em homenagem póstuma ao inigualável negão. Aí passa a ouvir dizer que o tal cantor é considerado pela crítica internacional o novo Smokey Robinson, o novo Marvin Gaye (sacrilégio!). Nada disso. Abbott apenas canta bem. *T.L.*

INSPIRADO — Carlinhos Vieira (Independente)

O violonista, guitarrista e compositor Carlinhos Vieira esperou doze anos para produzir este LP exemplar. Pelas onze faixas puramente instrumentais, sente-se os doze anos de acúmulo e depuração de um estilo novo de tocar violão. Todas as composições mostram estímulos diferentes para o ouvinte e outros violonistas. O flamenco se mistura com o dedilhado brasileiro em escalas às vezes cromáticas, às vezes politonais. Por isso, as melodias todas possuem uma assimetria nervosa, como se a mão direita duelasse constantemente com a esquerda. O resultado não poderia ser outro: crise e aventura. *L.A.G.*



FINIS AFRICAE (EMI-Odeon)

Dentro do páreo brasiliense, cada vez mais concorrido, o quarteto parece ter chegado tarde demais. O tal "rock federal" já está catalogado no inconsciente de todos os ouvintes: músicas críticas conduzidas por vocalistas de voz típica, influências do rock inglês, um sotaque acanocado que convive com o pessimismo à paulista. Assim, quando você ouve o primeiro LP do Finis, sente o já ouvido. Mas procure vencer a impressão e afunde no balanço tétrico e bem urdido deste "Joy Division do planalto". O vocalista Eduardo é fraco, fato compensado por ótimo power trio e letras medianas depressivas. *L.A.G.*

ORGASMATRON — Motorhead (GWR/Rock Brigade)

Orgasmatron é uma porrada categórica. Headbanger nenhum pode botar defeito. Lemmy deu na mosca com dois guitarristas (Würzel e Phil Campbell) que estão além da medida certa em seus duelos e solos, limpando aquela zoeira de outros discos do grupo. Isso sem contar o trabalho firme do ex-Saxon, Pete Gill (que pelo jeito acertou ao sair daquela decadente banda).

O vocal rouco, louco e raivoso de Lemmy agora está melhor assessorado e ele até cavoca pra caramba seu baixo. Letras fortes e fudidíssimas, como em "Deaf Forever" e "Orgasmatron": "Eu sou o único, Orgasmatron, a mão avarenta esticada. Minha imagem é de agonia/ meus serviçais violam a terra, servis e arrogantes, clandestinos e vaidosos. Dois mil anos de miséria e tortura em meu nome". E é bom notar que o disco foi produzido pelo avant/funk Bill Laswell. *L.R.*

Capa em produção

CRIME (WEA)

As garage bands paulistas lembram muito as da Califórnia — aquela coisa meio punk, meio hardcore que recicla o rock'n'roll com fúria, com guitarras afiadas, letras falando de automóveis, sexo, bebida, dia-a-dia. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça quando ouvi a fita com as seis músicas do disco de estréia do Crime. Aqui também são jovens classe média reclamando do mundo.

Assim, o Crime cumpre bem seu delito musical com um disco audível e interessante. *Burn out!* *T.L.*

VARSÓVIA (Ataque Frontal)

Uma banda de nome Varsóvia, com uma música chamada "Ian", não deixa dúvidas a respeito de suas intenções. (Os fãs do Joy sabem do que se trata.) A situação agrava-se com a falta de um Martin Hannett na produção. Este papel acabou nas mãos de Redson (!), vocalista do Cólera. E os climas desolados do original refletiram-se numa mixagem desoladora, estéril. A cada virada de bateria, uma parada cardíaca. A verdade é que o perseguido som de Manchester do Varsóvia está mais para sub-Legião e sub-Capital. *M.P.*

SEXO!!" — Ultraje a Rigor (WEA)

Se o Ultraje fizesse hip hop ele seria nosso Beastie Boys. As letras anárquicas e a postura infanto-cafajeste dos grupos se parecem, só que os Boys estão saindo da adolescência, e a moçada do Ultraje já encostou quase toda nos trintaninhos. Mesmo assim, nenhum outro grupo compõe hinos que se adeqüem tão certinho aos boyzinhos do Brasil. "Eu Gosto é de Mulher" é o espelho fiel dessas mentes. Musicalmente o Ultraje passeia em várias praias do rock'n'roll. A faixa "Terceiro" é puro surf-skate-rock, com guitarrinhas a la Ventures e tudo. "Prisioneiro" é heavy, "Sexo" tem balanço funk, "Pelado" é rockabilly, "A Festa" é doo-wop e por aí vai.

O disco foi gravado em dois períodos, e por isso há a guitarra de Carlinhos, que saiu para estudar o instrumento na Califórnia, e a de seu substituto, o carioca Serginho, que equilibra as gírias. Do repertório primitivo (do tempo de Edgard Scandurra) tem "Ponto de Ônibus" (o arranjo original era melhor) e "Will Robinson e seus Robôs", semi-instrumental que fecha o disco. Vale citar, ainda, "Maxmilliam Sheldon". Sexo não explícito numa festa de rock'n'roll sem drogas.

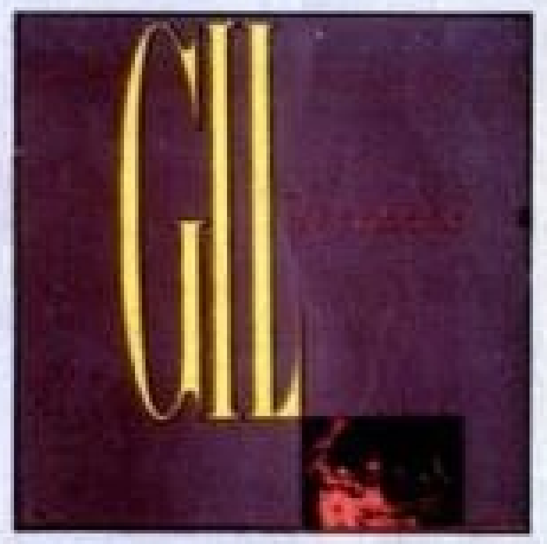
Tom Leão

THE TOP — The Cure (Polygram)

The Top é conhecido como o "disco psicodélico" do Cure... Psicodélico é *Blue Sunshine* do Glove (Robert Smith e Steve Severin, dos Banshees). O conteúdo deste lançamento não é restritivo. Também inclui os climas dançantes dos campactos anteriores e *hard rocks* (curiosidade: o arranjo de "Piggy in the Mirror" remete a "Kashmir", do Led Zeppelin). As gravações são de 84 e trazem muitas mudanças. Como o nome sugere, este disco está milhas acima de depressão de *Pornography*, o LP anterior. Bichinhos dançam e cantam em várias faixas ("Shake Dog Shake", "Birdmad Girl", "The Caterpillar", "Piggy in the Mirror"). Não que o dia esteja azul. "Give Me It", em seu *speed* angustiado, irrita-se com o canto dos passarinhos ("Sing birds sing birds.../ Get away").

O que faz diferença é o bom humor — ainda que negro — de Bob Smith. A primeira faixa precipita-se para dentro do disco com um *ha ha ha* e até hoje está abrindo shows. Toda essa animação tem um porquê. O Cure estava começando de novo. Dois anos separam *The Top* de seu predecessor. Sem baixista (Gallup ausentou-se depois de *Pornography)* e com Robert Smith nos Banshees, a banda era um fantasma. Apoiados no sucesso de seus compactos, Smith e Tolhurst resolveram tocar o barco. Tocaram praticamente tudo no novo LP — à exceção de bateria (Andy Anderson) e sax (Porl Thompson) — para o show continuar. O resultado é um (bom) disco de transição, que, se não chegou a formar uma nova banda — o que foi acontecer por ocasião de *The Head on the Door* —, mudou muitas concepções. Como Smith expressa em "The Top", a canção: "Não me importo/ Se pudesse dizer apenas isto/ E não me sentir tão doente e amedrontado.../ Todo dia eu minto aqui/ E sei que isto é verdade/ Tudo o que eu realmente quero é você".

Marcel Plasse



Em Concerto — Gilberto Gil (WEA)

Um show do projeto *Luz do Solo* foi gravado ao vivo e se tornou este excelente feixe de nove canções. Gil é sempre melhor em ação do que em estúdio: conversa com o público, canta e dedilha o violão com a sensibilidade de um velho mestre. E, como tal, propõe ao ouvinte uma panorâmica criativa sobre seus 21 anos de carreira. Êxitos do princípio de carreira, como "Procissão" e "Domingo no Parque", recebem um tratamento *cool*, despido dos arranjos conturbados do tropicalismo. Já em "Soy Loco Por Ti America", Gil reafirma as remotas inflexões da música num arranjo para teclados, violão e percussão. Tudo isso para expor suas bases, que se encontram na música baiana, caribenha e na bossa nova. A melhor faixa é novidade em meio a um clima de retroação: a versão de "I Just Called To Say I Love You", de Stevie Wonder. Viva a falsa velhice!

Luiz Antônio Giron

Fotos Estúdio Apel

THIS SIDE OF PARADISE — Ric Ocasek (WEA)

De todos os integrantes do Cars, Ric Ocasek sempre foi o esquisitão. Não só isso — apesar de possuir um ouvido afiado para burilar ganchos pop. Ocasek é o que mais se aventurou em experimentalismos na banda. *Beatitude*, seu primeiro álbum solo, ousava buscar caminhos que nenhum disco do Cars se atreveu a tentar. Daí, talvez, seu fracasso comercial ter contrastado com as entusiasmadas reações da crítica.

Ocasek retornou ao estúdio para o novo disco solo, e de lá saiu com um bom meio-termo entre o desvario e o apelo popular que convivem dentro dele. Há, portanto, o lado quase demente de "Keep on Laughlin", mas também está lá o artesão da FM em "Emotion in Motion", que até já foi incluída em trilha de novela.

J.E.R.

DOWN TO THE MOON — Andreas Vollenweider (CBS)

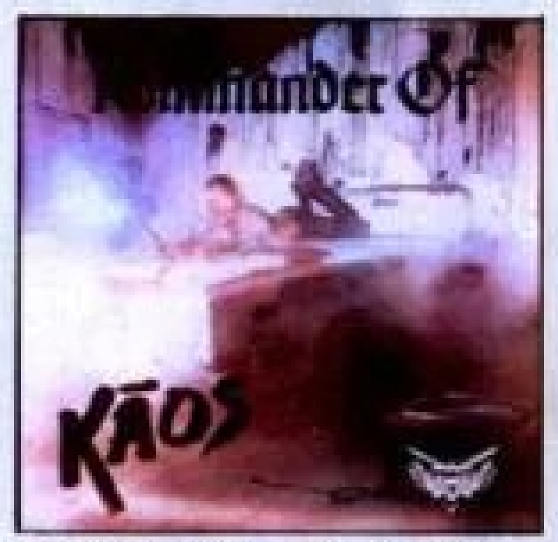
Dizem que a única coisa que a Suíça inventou foi o relógio-cuco. Antes fosse apenas isto. Inventou também Andreas Vollenweider, aquele rapaz harpista tão popular entre a geração com mais de trinta cuja cabeça parou (o que é quase a regra). É seu quarto disco, que é igual ao primeiro, ao segundo e ao terceiro. Pesquisador, o moço tasca até um berimbau em uma das faixas, mas esquece que, em música, pesquisar vai muito além de descobrir novos instrumentos. Em vez de ter erroneamente usado a belíssima e afro "Graceland" de Paul Simon como fundo do último capítulo de *Roda de Fogo* (lembram-se, e numa cena supostamente caribenha) a tia Globo poderia ter usado qualquer faixa de *Down to the Moon* para ilustrar o romance Renato/Lúcia: é tudo insosso, brega, fútil, desnecessário e vulgar.

J.E.M.

PESCADOR DE PÉROLAS — Ney Matogrosso (CBS)

Ah, se fosse a Maysa. Ainda se fosse, em algumas faixas, o Caetano. Mas calhou aqui de ser o Ney, que destila um calvário de músicas de fossa cujas interpretações, em sua voz, resultam pouco mais que histriônicas. Belo repertório, sem dúvida, que inclui Cartola ("O Mundo É um Moinho"), Herivelto Martins ("Segredo") ou Bororó ("Da Cor do Pecado"). Belo, mesmo com a concessão ao pessoal da Vila Madalena (do poncho e conga), na inclusão das chatas "Dos Cruces" e "Alma Llanera". Também, sem dúvida, belo time de acompanhantes — Arthur Moreira Lima e Paulo Moura, entre outros. Se fosse com outro, a fossa poderia arrancar sinceras lágrimas. Já com ele...

J.E.M.



KOMMANDER OF KAOS — Wendy O. Williams (Continental)

Seus fudidos filhos da mãe. Demorou, mas chegou. Isso é Wendy comandando o caos da humanidade com sua interpretação gutural, sexo saltando pelos olhos. Muito mais que uns grupelhos de rock metidos a besta só porque usam umas tachinhas a mais em lugares estratégicos. La William é tudo. É heavy, é punk, é hardcore e muita adrenalina. E sua banda está muito na dela em todos os temas. No mais, ela homenageia seu chapinha Kilminster (aquele Motorhead) em "Jailbait" e arrebenta tudo que o Kiss não conseguiu em "Ain't None of Your Business".

L.R.

Quando você entrar num Olympikus ninguém vai lhe pedir nada.

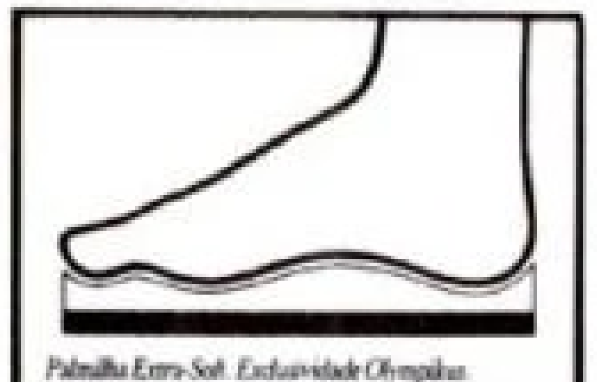
Com Olympikus, seu pé não precisa do famoso tempo de adaptação.

"Depois ele melhora", "andando você acostuma", são frases que você não vai ouvir.

Tudo isso tem uma razão muito simples: quem testa Olympikus é a fábrica e não o seu pé. E os testes são os mais rigorosos e complicados.

O resultado você vai sentir com Olympikus no pé.

Sentir no conforto, na resistência, na anatomia perfeita, nos detalhes exclusivos.



Palmilha Extra-Soft. Exclusividade Olympikus. Flexível e anatômica. A primeira camada absorve o suor. A segunda, amortece os impactos.

Olympikus tem palmilha Extra-Soft, desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Olympikus. É anti-transpirante e você pode retirá-la quando quiser. Lavou, está nova.

Com Olympikus você tem toda a segurança. O solado é antiderrapante, de borracha pura, vulcanizado pelo sistema autoclave, o mais avançado.

A lona é sanforizada, super-resistente, nunca encolhe nem estica.

O design é o show.

Exclusivo, charmoso, com várias cores e uma personalidade que deixa todos os outros tênis para trás.

Por tudo isso é que já é hora do seu pé deixar de ser piloto de prova de qualquer tênis.

Entre num Olympikus.

OLYMPIKUS
Um show de tecnologia.

LANÇAMENTOS

COLLECTOR'S EDITION: COMPOSITIONS & COLLABORATIONS — Benny Goodman (CBS)

O clarinetista americano Benny Goodman (1909-1986) não foi apenas o "rei do swing", chefe de uma famosa *big band* dos anos 40. Ele atuou igualmente como mestre da música moderna. Soube, como poucos em seu tempo, unir música popular e "erudita" de vanguarda. Este LP antológico prova o fato. Em quatro obras gravadas entre os anos 30 e 50 — no disco reprocessadas digitalmente —, Goodman aborda duas peças que operam a fusão entre jazz e contraponto: "Prelude, Fugue & Riffs", de Bernstein, com o Columbia Jazz Combo, sob regência do compositor, e o "Concerto para Clarinete e Orquestra de Cordas", de Copland, com o compositor à frente da Sinfônica Columbia. Goodman consegue rigor e ginga a um só tempo, como requerem aventuras entre fronteiras.

Mas é nas duas peças seguintes que Goodman se exibe monstro: o "Ebony Concert", de Stravinsky, com o Jazz Combo orientado pelo compositor e os "Contrasts" de Bartok, interpretado por Goodman, Bartok ao piano e o violinista Joseph Szigetti. Gravada em Budapeste em 1938, a peça é uma verdadeira *jam session* de vanguarda. São, portanto, quatro lições sublimes sobre o parentesco entre popular e erudito.

Luís Antônio Giron

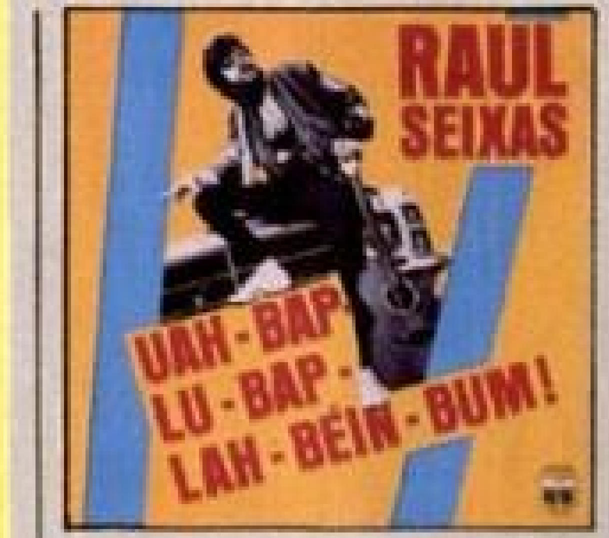
MOSAIC — Wang Chung (WEA)

Felizmente pertencem ao passado os dias de "Dance Hall Days", canção e clip que apresentaram ao mundo os ingleses do Wang Chung — era de uma chatura a toda prova, afetada, artificial.

Mosaic não chega a ser uma obra-prima do pop, mas o produtor Peter Wolf (não confundir com o ex-gogó da J. Geils Band) deu uma geral no grupo, jogou a pose no lixo e acrescentou funkice e vida aos arranjos. É ótimo, por exemplo, o resultado de "Everybody Have Fun Tonight". *J.E.R.*

KING KONGO — Kongo (EMI-Odeon)

Kongo não é uma banda de filhos de diplomatas africanos. Sua praia é mais pra *The Beat* do que qualquer outro ritmo caliente. Mesmo assim, longe de *The Beat*. Mas que letras são estas? "Oh, meu! Bacana reclama da TRU/ Oh, meu! Cuca toma muito caju/ Oh, meu! Bacana sempre o maior sú." Ou: "Não sei se devo me alistar ao PT/ Ou me produzir lá na MC"... Preciosidades. A última esperança é que seja apenas uma produção de Dino De Laurentis. Que azar! É de Bi Ribeiro... *M.P.*



UAH-BAP-LU-BAP-LAH-BÉIN-BUM! — Raul Seixas (Continental)

Um LP cara-de-pau. A única relação possível entre seu conteúdo e o grito de Little Richard, aportuguesado na capa, é o passado do cantor. Apesar de todos os clichês de *country* e *blues*, o disco não tem cara de roquenrou.

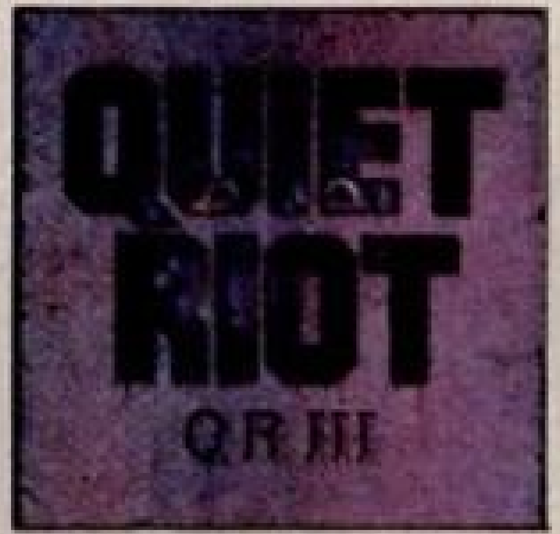
A mixagem é clara. É fácil ouvir os *riffs* chupados e a bateria eletrônica. Tudo bem produzidinho. Raul, porém, nunca precisou de muita produção para chegar aos fãs.

O melhor ainda é "Gita", agora vertida para o inglês e devidamente americanizada (..."The red, the white and the blue"). Há, também, a boa faixa "Loba", uma balada infantil maliciosa. A nova versão de "Cambalache", o tango de Henrique Discépolo gravado por Caetano em 69, entretanto, está mais para Dusek do que para Raul.

O resto... é melhor esquecer, para não prejudicar a imagem brega-maldita deste velho roqueiro. *M.P.*

FULL FORCE GET BUSY 1 TIME! — Full Force (CBS)

Num espaço de seis meses, o grupo de funk-balanço — ou *street music*, como já rotulou a imprensa americana — lançou dois discos e ambos são disponíveis no Brasil. Este segundo é notavelmente menos pesado que o anterior, inclusive com a falta de sons graves na prensagem nacional. Se você já acostumou seus ouvidos com a pauleira dos Beastie Boys ou o arraso do Mantronix, vai sentir logo a diferença. Mesmo assim, bate um bolão num baile, principalmente as faixas "So Much" e "Chain Me to the Night". *T.L.*



Q R III — Quiet Riot (CBS)

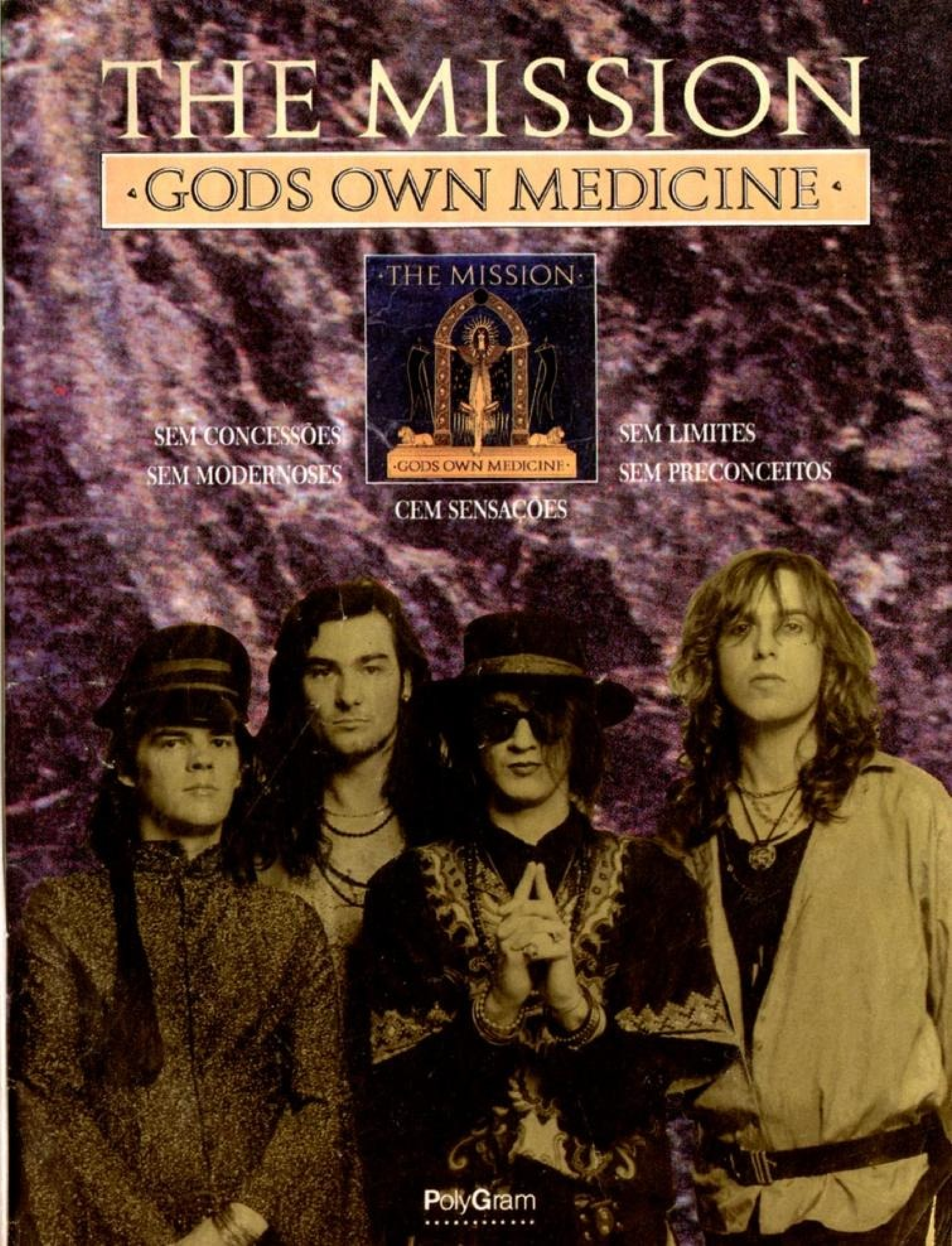
Depois de lançar este terceiro LP, o Quiet Riot passa por séria crise com a saída (ou seria dispensa?) do vocalista Kevin Dubrow. Nem excursionaram. A crise adveio talvez da descambada definitiva que o som do grupo deu pró-FMs como em "The Wild and the Young" e "Main Attraction". É um trabalho cheio de efeitos e outros truques de estúdio, inclusive teclados usados abusivamente. Pelo menos, para tentar um sucesso, não usaram *covers* de outros grupos como fizeram nos discos anteriores. Assim mesmo "Helpin' Hands" lembra ainda o Slade, coisa da qual não conseguem se livrar, assim como seus riffs manjados e de fácil assimilação pelo público. *L.R.*

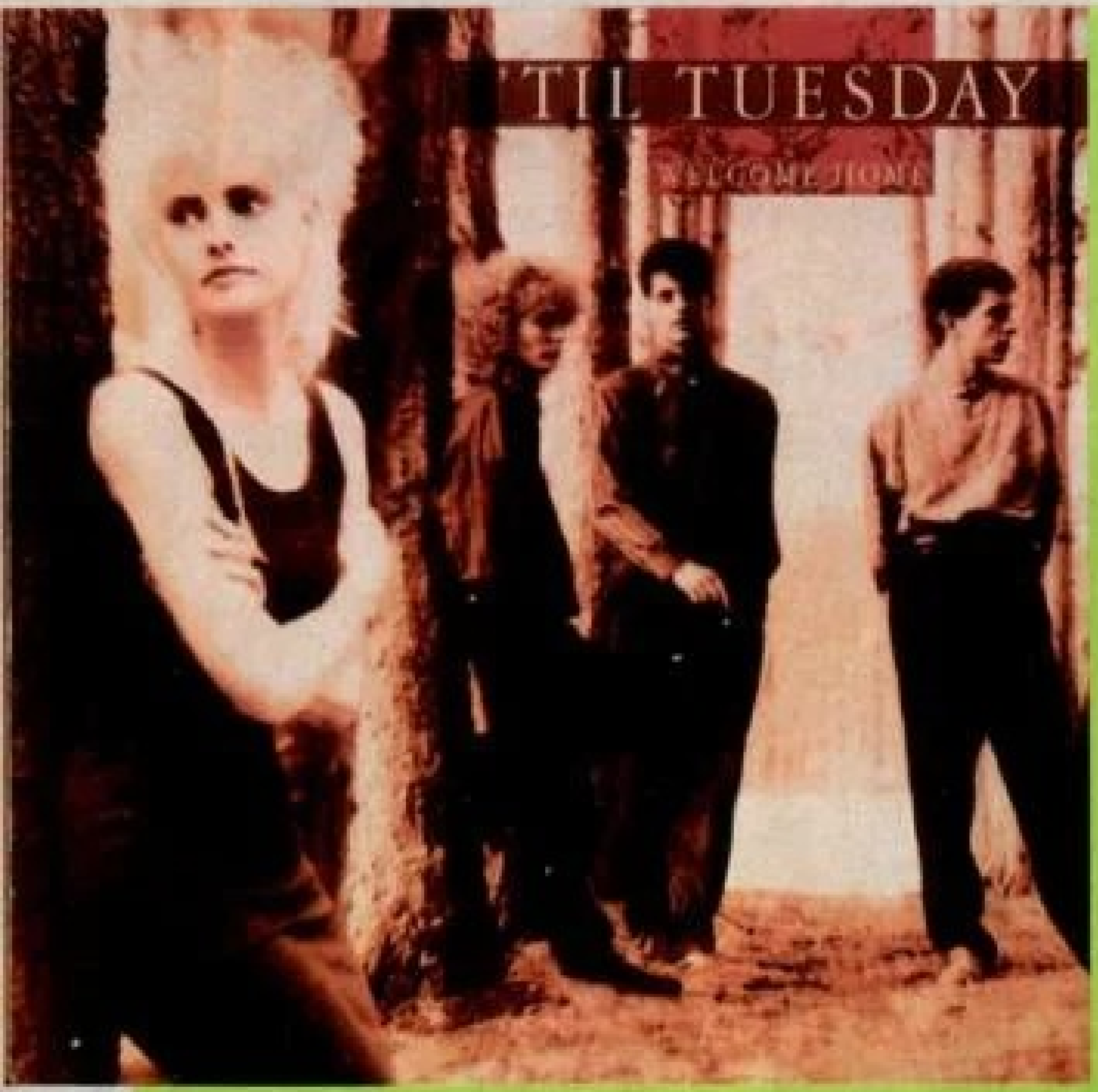
WHIPLASH SMILE — Billy Idol (CBS)

Numa reportagem da revista americana Spin sobre o décimo aniversário do punk, havia um artigo investigando onde estavam os precursores, "dez anos depois". O comentário não poderia ser mais incisivo: "Billy Idol do Generation X agora é Billy Idol". Não é para menos. Idol e Tony James (do Sigue Sigue Sputnik) disputam cabeça a cabeça o título de "ex-Gen X mais bem-sucedido no showbiz".

O novo trabalho do ídolo é uma continuação de seus dois LPs anteriores (insinuada pelos dois lados do disco: o 5 e o 6). Foi gravado em duo com o guitarrista Steve Stevens (que também toca baixo, teclados e ritmos programados) e eventuais convidados. Na voz de Idol, faixas como "To Be a Lover" ou "Sweet Sixteen" têm tudo para se tornar *big hits*, para delícia dos fãs (e dos não-fãs) chegados num "sorriso de relho de chicote"... *C.P.*

Fotos Estúdio Abril



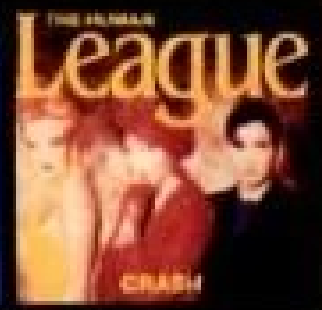
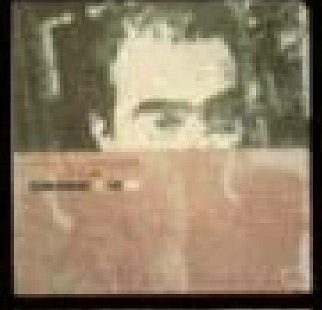


RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO &

Falta papel, falta acetato, os pequenos selos padecem... Chega a ser um pecado colocar a agulha nestes lançamentos. Melhor partir logo para a serra elétrica. ⊗ Começamos com o LP **EMOTIONAL** (WEA) do vienense **Falco** ("Rock Me Amadeus , lembram-se?), entre um bocejo e outro. Numa das faixas, ele descobre que somente Kathleen Turner, no mundo inteiro, pode fazê-lo feliz. E como é infeliz este pastiche tecnopop! Apesar do título, a única emoção que consegue despertar é o prazer de trucidá-lo. ⊗ A serra elétrica continua seu massacre no LP **BETTER THAN HEAVEN**(WEA)de **Stacey Q.** Mais uma sub-Madonna pra desespero total. E ela ainda pede pra não partirem seu coração. Ha ha ha! ⊗ Aimée Mann, a vocalista do **'Til Tuesday,** é bonitinha. Dá pra guardar a capa do seu segundo LP, **WELCOME HOME** (CBS), com uma bela foto da gata. Dá até pra ouvir, um pouco, as coisas bobas que ela diz, com sua vozinha parecida com a de Chrissie Hynde (Pretenders). Em cima disso, um instrumental FM padrão. E o barulho do vinil partindo ante os dentes incisivos da serra elétrica. ⊗ **The Manhattans** também seguem a linha que as FMs pediram a Deus. Se a serra emperrar, a coleção completa da revista *Billboard*, jogada direto sobre o LP **BACK TO BASICS** (CBS), tem o mesmo efeito. ⊗ Sucessos e mais sucessos é o que promete a audição de **THE AUTOBIOGRAPHY OF SUPERTRAMP** (Polygram). Todos os hits que encheram o saco dos ouvintes de rádio nos anos 70 reunidos numa única edição. Ideal para quem está perdendo cabelo e engordando rapidamente. WWHIIIZZZZZZZZ (barulho de serra elétrica destroçando acetato)!! ⊗ Já o novo (?) LP do **Alan Parsons Project, GAUDI** (RCA), por sua vez, encerra com chave de esqueleto este cortejo fúnebre. Quer coisa mais morta do que rock progressivo? WWHIIIZZZZZZZZ WWHIIIZZZZZZZZ WWHIIIZZZZZZZZ WWHIIIZZZZZZZ WWHIIIZZZZZZZZZ!!!!!...

M.P.

BOLSA DE DISCOS

	RUBI Alceu Valença (RCA)	RAISING HELL Run DMC (Polygram)	 CRASH Human League (RCA)	Nº 10, UPPER ST. Big Audio Dynamite (CBS)	MADE IN USA Beach Boys (EMI-Odeon)	 LIFES RICH PAGEANT R.E.M. (CBS)
Carlos Arruda	Bom	Bom	Razoável	●	●	Razoável
Thomas Pappon	Interessante	Interessante	Razoável	Razoável	Bom	Bom
Alex Antunes	Bom	Interessante	Razoável	Bom	Razoável	Razoável
José Emílio Rondeau	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom	Sublime
Luis Antônio Giron	Razoável	Sublime	Razoável	Bom	Interessante	Bom
Jean-Yves de Neufville	Interessante	Interessante	Razoável	Bom	Sublime	Interessante
Marcel Plasse	●	Bom	Razoável	Sublime	Interessante	Bom

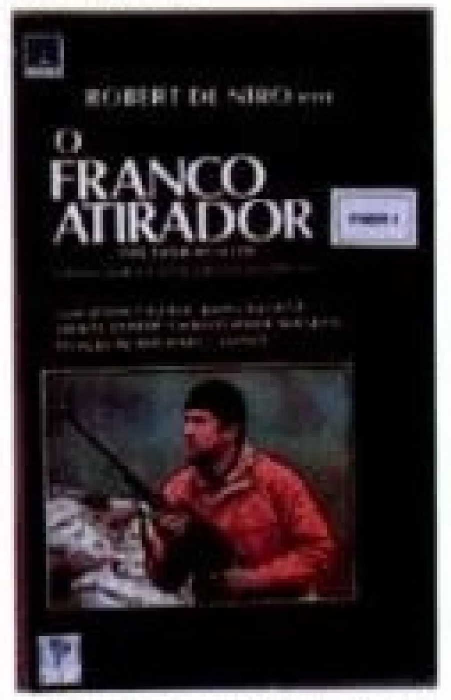
Sublime · Bom · Interessante · Razoável · Lixo

As cores do All Star

ALL STAR

LANÇAMENTO

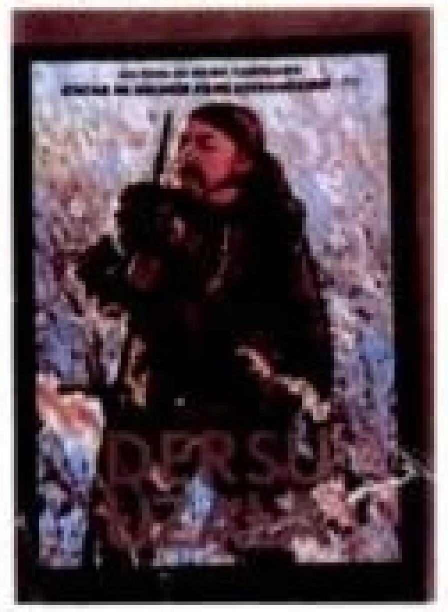
O Franco Atirador (The Deer Hunter, 1978)



Direção: Michael Cimino. Com Robert De Niro, John Savage, Christopher Walken e Meryl Streep. VTI

Três rapazes de uma pequena cidade americana são convocados para a guerra do Vietnam. Nunca mais serão os mesmos... O diretor de *O Ano do Dragão* realizou um filme prolixo, lento, mas que, na época, chegou a ser polêmico, pois as cenas de guerra só mostram vietcongs cometendo atrocidades contra os pobres e inocentes soldados americanos. Vale pelas cenas de roleta-russa, que são realmente tensas e apavorantes... *B.A.*

Dersu Uzala (1975)



Direção: Akira Kurosawa. Com Maxim Munzuk e Yuri Solomin. Globo Video

Um filme de rara beleza, dirigido com sutileza pelo mestre Kurosawa.

Nas montanhas da Sibéria, em 1902, uma expedição chefiada pelo Capitão Arseniev procura estudar a topografia da região. Dersu Uzala é um caçador que vive nas colinas e vai servir-lhes de guia. O seu respeito pela natureza, sabedoria, perspicácia e a beleza da sua alma formam inesquecíveis lições de solidariedade humana. Destaque para a excelente fotografia. *B.Av.*

Se Segura, Malandro! (1976)

Direção: Hugo Carvana. Com Hugo Carvana, Denise Bandeira, Louise Cardoso. Top Tape

Bom filme de Carvana, contando com sua bem-humorada atuação como ator. O espírito é o mesmo de *Vai Trabalhar, Vagabundo*, seu filme anterior, captando com eficiência o dia-a-dia carioca. Neste filme, ele é um alucinado locutor de uma rádio pirata com sede num morro. Sua única repórter, Calói Volante (Bandeira), se depara com um caso inusitado: um funcionário "exemplar" que prende os colegas de trabalho no elevador. Não perca. *C.G.L.*

COMÉDIA

Golpe de Tiras (Les Ripoux, 1984)

Direção: Claude Zidi. Com Phillipe Noiret e Thierry Lhermitte.

Também conhecida como *My New Partner*, essa comédia inspiradíssima desacata com humor demolidor qualquer noção de moral e respeito às "autoridades policiais". Noiret, o excelente comediante de *Meus Caros Amigos*, é o tira corrupto designado para companheiro de um policial recém-formado e honestíssimo. É claro que o tal caxias acaba caindo na vida... e por motivos que o ex-policial que escreveu o roteiro deve conhecer bem. *A.A.*

DRAMA

Touro Indomável (Raging Bull, 1980)

Foto Abril

Direção: Martin Scorsese. Com Robert De Niro, Cathy Moriarty, Joe Pesci e Frank Vincent.

Um excelente filme do diretor de *A Cor do Dinheiro* e *Depois de Horas*. De Niro chegou a engordar trinta quilos para interpretar a fase decadente do campeão Jake La Motta e está soberbo. Scorsese escolheu fazer o filme em preto e branco, para evocar o clima dos grandes filmes clássicos sobre *boxeurs*. As cenas de luta são fortes, mas não brutais. A violência fica muito mais por conta da personalidade atormentada e algo masoquista de La Motta, que valeu a De Niro o Oscar de melhor ator. *B.A.*

The Flamingo Kid (1984)

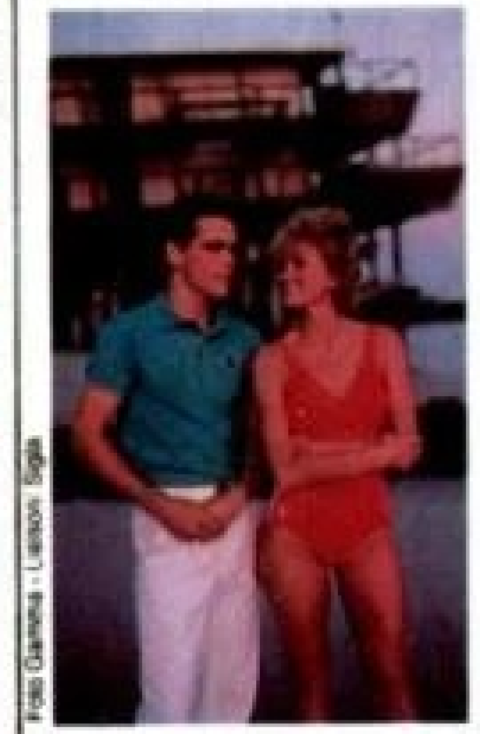


Foto Gamma - Liaison Sigla

Direção: Garry Marshall. Com Matt Dillon e Richard Crenna

Filme feito para promover Matt Dillon. Ele é um garoto pobre do Brooklyn, no início dos anos 60, que entra em conflito com a família ao se apaixonar por uma garota mais rica e conhecer um jogador de cartas (Crenna). O clima é bem de sessão-da-tarde, com os tradicionais carros-garotas-praia, brigas típicas de adolescentes com os pais, igualmente típicos, embalado por canções da época. Mais indicado para fãs do delicioso Dillon, que deixa a desejar como ator mas é uma belezinha. *B.A.*

POLICIAL

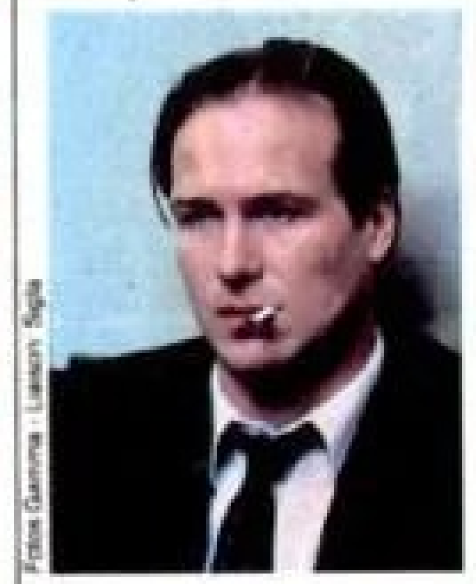
Corpos Ardentes (Body Heat, 1981).

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner.

No verão escaldante da Flórida, um advogado pouco ambicioso, Ned Racine (Hurt), conhece a deslumbrante e sensual Matty Walker (Turner), uma socialite entediada.

Deste encontro irá derivar uma paixão ardente, que os fará desejar a morte do marido de Matty. Mas os acontecimentos começam a revelar facetas inéditas na labiríntica personalidade da bela mulher. Detalhe: Mickey Rourke faz uma ponta. Não perca! *B.Av.*

Mistério no Parque Gorky (Gorky Park, 1983)



Fotos Gamma - Liaison Sigla

Direção: Michael Apted. Com William Hurt, Lee Marvin, Joanna Pakula.

Baseado no livro do mesmo nome, este é um filme desigual, mas com bons momentos. Hurt é um policial soviético que investiga o caso de três cadáveres com rostos mutilados, encontrados no famoso parque de Moscou. Desde o início, ele desconfia da própria KGB, a polícia secreta soviética. Entre justiceiro e nacionalista, ele tenta desvendar o mistério por conta própria. Ideal para vídeo, que permite rever as reviravoltas da trama. *C.G.L.*

SUSPENSE

The Dead Zone (1983)

Foto Sipa Press

Direção: David Cronenberg. Com Christopher Walken, Brooke Adams, Martin Sheen.

Suspense lento, inédito no cinema. Baseado num texto de Stephen King. Vítima de um acidente, depois de cinco anos em coma, acorda com poderes de prever o futuro. Trama de história em quadrinhos. Porém, quem diz *ação* é o diretor de *Scanners*, *Videodrome* e *A Mosca*. E quando Christopher Walken (vide *O Franco Atirador*) descobre que a eleição de um político (Martin Sheen) pode levar ao apocalipse, ninguém mais levanta. *M.P.*

Fotos Estúdio Abril

AVENTURA

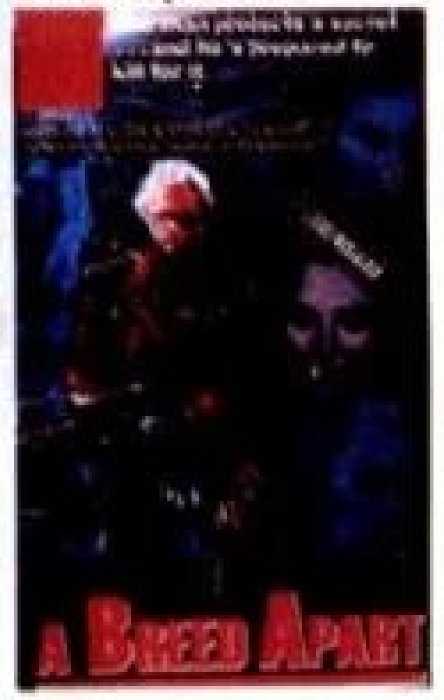
F/X — Assassinato sem Morte (F/X, 1986)

Foto Fox

Direção: Robert Mandel. Com Bryan Brown e Brian Dennehy.

Um dos melhores filmes de 86, do promissor diretor Mandel, que infelizmente passou quase despercebido. O jeito é vê-lo (com algumas perdas) em vídeo. *F/X* designa, no jargão cinematográfico americano, a área de efeitos especiais. Rollie Tyler (o ótimo Brown) é um dos bons na matéria, contatado pelo Departamento de Justiça para simular o assassinato, em público, de um *capo* mafioso pronto para dedurar a família e sumir de cena. Ele acaba descobrindo que o serviço é bem menos honesto do que parecia, e tem de usar todo o seu arsenal de truques para escapar do fogo cruzado entre bandidões e policiais corruptos. Sensacional. *A.A.*

A Breed Apart (1984)

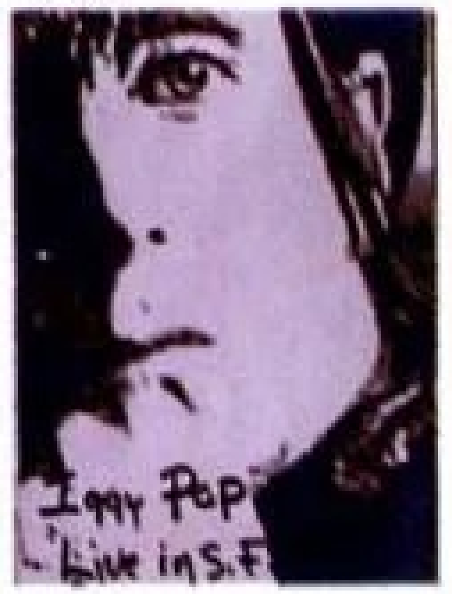


Direção: Philippe Mora. Com Rutger Hauer, Kathleen Turner, Powers Boothe.

A maior atração deste filme fica por conta da dupla Hauer e Turner. A fotografia é interessante, pontuada pela trilha sonora discreta (quem diria?) de Maurice Gibb, um dos Bee Gees. Hauer é uma espécie de protetor de animais, que vive sozinho numa ilha. Turner é a dona de um armazém onde ele vai comprar mantimentos. Ela gosta dele, que por sua vez procura não se envolver. A tranqüilidade acaba quando chega um alpinista com a intenção de roubar os ovos de uma águia em extinção, que mora na ilha. Dissimulado, ele fica amigo de todos. Um filme para curiosos. *C.G.L.*

MUSICAL

Iggy Pop — Live in San Francisco'81



Para quem espera chuvas e trovoadas, uma profunda decepção: este show fazia parte da turnê promocional de *Party* — disparado, o pior LP do Iguana — e dele são 90% das músicas apresentadas. Das clássicas mesmo, só se digna incluir "TV Eye", "Dum Dum Boys" e "Lust for Life".

Acontece, porém, que este é o único vídeo dessa seminal e esporrenta figurinha de que se tem notícia. Iggy está uma graçola, posando de "lenda viva" com uma minissaia de couro preto e meias com cinta-liga — mas o espírito parece estar viajando por outra galáxia. A presença de Carlos Alomar e do baterista Clem Burke não conseguem resgatá-lo. *JAL*

Os vídeos foram cedidos pelas distribuidoras VTI, Globo Vídeo e Top Tape e pelas locadoras 2001 Vídeo (284-8019/8788) e Rentacom (826-4399).

WILLIAM HURT

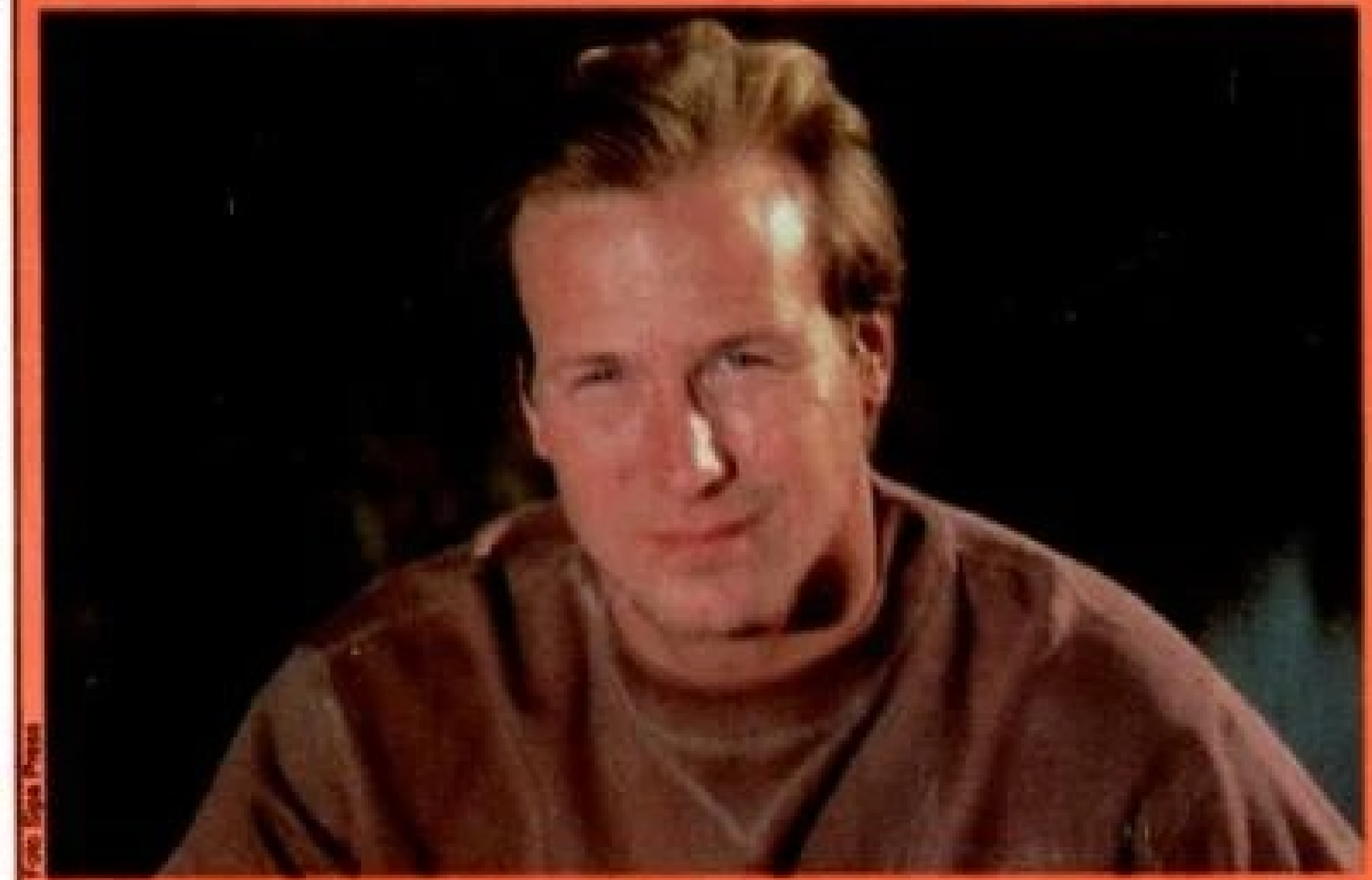


Foto Sipa Press

Ele sempre foi muito inquieto, reagindo com firmeza diante de seus próprios medos — o que não combina com seu ar de bom moço. Quando começou a estudar teatro, várias vezes perdeu o controle e deixou-se levar pelas emoções que os personagens lhe inspiravam. Com o tempo, aprendeu a expressar-se com técnica.

A biografia de Hurt (que em português significa ferido) é repleta de mudanças. Ele nasceu em 20 de março de 1950, em Washington e, desde criança, viajou por países como o Sudão, Paquistão, Mali, acompanhando o pai em seu trabalho como diplomata. Quando tinha seis anos, seus pais se separaram e a mãe se casou com Henry Luce III, herdeiro do multimilionário grupo jornalístico Time-Life. Hurt conheceu de perto os privilégios da classe alta americana e não gostou desse estilo de vida. Procurando novos rumos, ele estudou teologia na Inglaterra, ao lado da atriz Mary Beth, sua mulher. Acabou desistindo do curso e do casamento e foi viajar *on the road*, até parar numa comunidade australiana, onde passou a criar ovelhas. Mudou rápido de idéia e voltou para Londres, começando a fazer teatro. Freqüentou depois a Julliard Schooll, em Nova York. Uma de suas primeiras peças foi *Longa Jornada Noite Adentro*, de Eugene O'Neil, mesmo texto que consagrou Marlon Brando.

Seu filme de estréia foi *Viagens Alucinantes*, dirigido por Ken Russell, uma estranha produção sobre o efeito de drogas no corpo humano. Em *Corpos Ardentes*, de Lawrence Kasdan, ele fez o amante de Kathleen Turner, a musa de *A Honra do Poderoso Prizzi*. Mas seu melhor papel, sem dúvida, foi Molina, o homossexual de *O Beijo da Mulher Aranha*, pelo qual recebeu o Oscar de melhor ator em 86. Burt Lancaster era o escolhido para o papel, mas adoeceu, e Hurt foi indicado pelo ator Raul Julia, o outro protagonista do filme. Ele aceitou o desafio, mesmo contando apenas com uma participação nos lucros (imprevisíveis) do filme. A tarefa foi penosa, já que Hurt e Hector Babenco, diretor do filme, brigaram várias vezes. Babenco disse que "Hurt parece manso, mas é implacável". Talvez seja as duas coisas.

Há três anos atrás, Hurt teve um filho com a bailarina Sandra Jennings, de quem já se separou. Ano passado, ao lado de sua atual mulher, a atriz Marlee Matlin, fez *Filhos do Silêncio*, uma história sobre a paixão de um professor (Hurt) e uma surda-muda (Matlin). Ela, realmente surda-muda, foi premiada com o Oscar de melhor atriz pelo papel. Para resumir a carreira de Hurt, nada melhor que uma de suas frases: "Eu não pretendo ser outro. Atuar para mim é uma aventura. Não é fazer algo que sabia de antemão. É descobrir algo no momento em que faço".

Cesar Garcia Lima

FILMOGRAFIA COMPLETA (Todos os filmes, com exceção de *Filhos do Silêncio*, são disponíveis em vídeo): *Altered States (Viagens Alucinantes*, 1980); *Body Heat (Corpos Ardentes*, 1981); *Eyewitness (Testemunha Fatal*, 1981); *The Big Chill (O Reencontro*, 1983); *Gorky Park (Mistério no Parque Gorky*, 1983); *O Beijo da Mulher Aranha*, 1985; *Children of a Lesser God (Filhos do Silêncio*, 1986).

A juventude sempre teve seus símbolos.

Desenhados numa camiseta.

Vista este clima.

Não existe símbolo mais forte de juventude que uma camiseta. A Hering entende disso. Fabrica camisetas há 107 anos. É uma das maiores fabricantes de camisetas do mundo. Por isso, toda vez que alguém conta a história da juventude, está contando a história da Hering. E vice-versa. Vanguarda, inconformismo, paixão, idealismo, patriotismo fazem parte do dia-a-dia dos dois. Deles e da Hering. Venha para o lado dos sempre-jovens. Vista uma camiseta Hering. É aqui que as coisas acontecem.

Foto EMI/Odeon

DAVID BOWIE

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

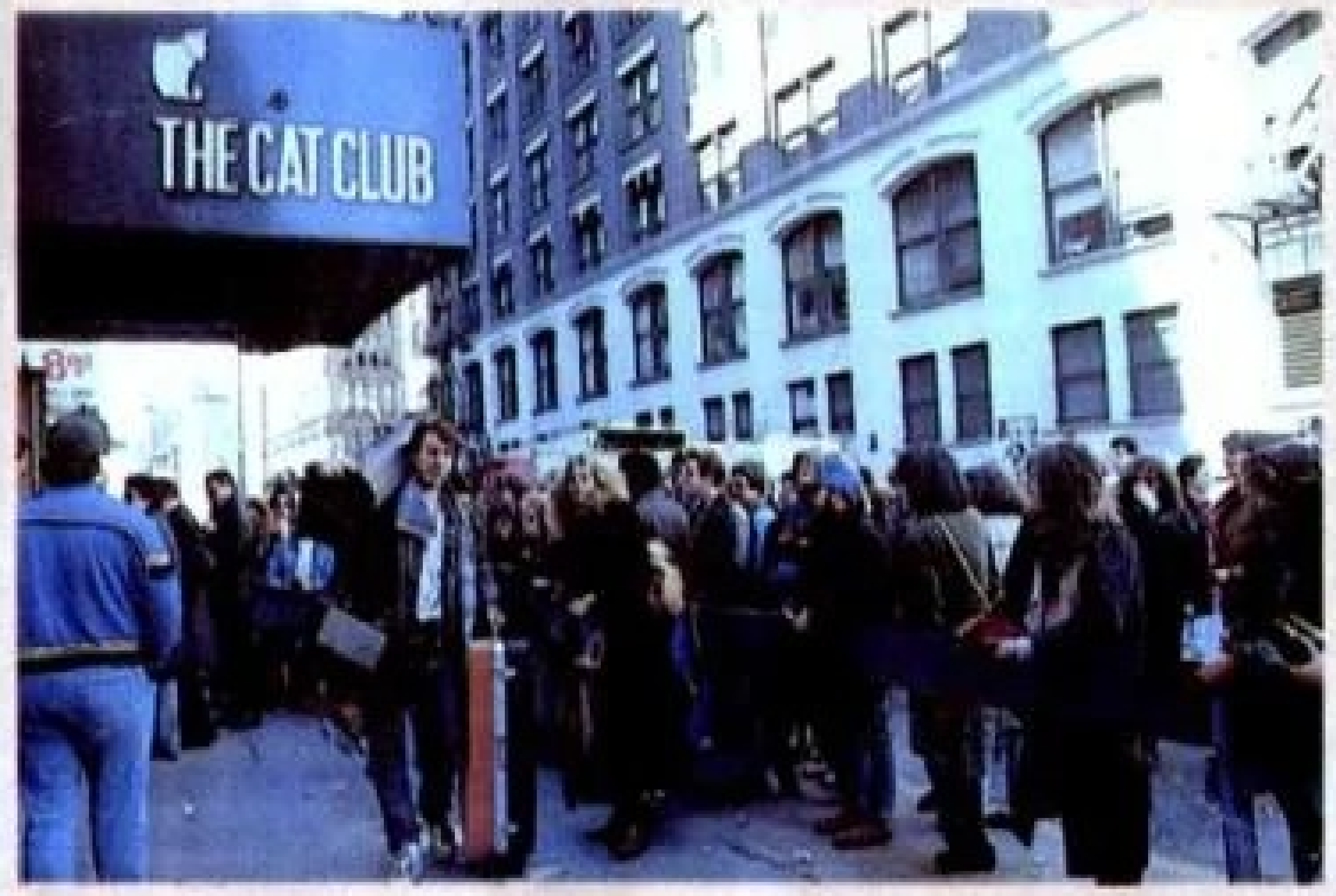


Foto Claudia Thompson

O mais imprevisível camaleão do rock novamente arregaça as mangas para uma turnê mundial — que inclui o Brasil! Desta vez, a bagagem é o repertório do álbum *Never Let Me Down*. Em Nova York, *Ana Maria Bahiana* participou da coletiva que anunciou ao mundo os novos planos de David Bowie

Para celebrar a chegada da primavera ao hemisfério norte, o diretor do Central Park de Nova York convocou a imprensa falada, escrita e televisionada & o povo em geral e, diante de seus olhos, incendiou um patinador. Não sem antes proferir um breve discurso à beira do famoso rinque de gelo: "Para marcar esta data feliz, quando o sol novamente se aproxima de nós, recordaremos os rituais antigos ateando fogo a um cidadão da cidade de Nova York".

O cidadão, um tanto ou quanto preocupado, era, na verdade, um *stuntman* profissional — executou meia dúzia de piruetas sobre o gelo, com as costas em chamas, e depois foi rapidamente envolvido por funcionários do parque, solícitos com seus cobertores.

Era o dia 20 de março, fazia frio, chovia granizo e o céu estava carregado. Nos jornais, as manchetes falavam de Reagan, do *affair* Irã/contras — metade da opinião pública apoiando o presidente — e de drogas miraculosas: uma faz nascer cabelo (mas provoca, em algumas pessoas, crises de espirro acompanhadas de acessos incontroláveis de tesão), a outra controla a queda imunológica provocada pela

DAVID BOWIE

AIDS (mas não cura nem previne a doença). As vitrines das lojas chiquérrimas da Quinta Avenida, do SoHo e da Columbus Avenue estavam lotadas de minissaias floridas. O rádio tocava os grandes sucessos dos anos 70, muito Beatles e Bruce Hornsby.

Quando, de repente, entrou "Day In, Day Out", o novo single de David Bowie.

Agora, sim, a primavera podia começar.

Há que se entender a febre primaveril: dois terços dos Estados Unidos — e quase todo o Primeiro Mundo, esse remoto hemisfério — passam três, quatro meses do ano sem ver o sol e praticamente sem andar ao ar livre. Os índices de depressão, psicose e suicídio aumentam: nas últimas semanas de março, uma verdadeira epidemia de suicídios juvenis devastou o país, com dúzias de adolescentes trancando-se em garagens com carros ligados, tentando sufocar-se com monóxido de carbono. Muitos conseguiram.

Mas, agora, o calendário virou: granizo e cinza-chumbo não importam mais. Vem aí o sol, o céu aberto, os torneios de beisebol, os churrascos, os banhos de rio, a praia: *fun, fun, fun*.

E muito dinheiro, também. Agora é a hora de *big bucks*, rios de dólares: a hora de encher os estádios com concertos de rock. As estrelas estão empenhadas numa guerra surda mas não muda, na qual sacar primeiro nem sempre vale grande coisa. Agora é hora de lançar o disco que será trabalhado verão adentro, até o outono, nas arenas da América. U2 (The Joshua Tree) e Prince (Sign of the Times) saíram na frente. Michael Jackson está segurando o jogo, claramente.

David Bowie arriscou-se ainda no primeiro tempo. Não sem tomar, é claro, algumas precauções.

A multidão começou a se aglomerar na porta do Cat Club, na rua 13, leste (a alguns metros de seu principal concorrente, o Ritz), ali pelo meio da manhã do dia 18 de março. Dia claro e azul, embora frio: dois dias antes da entrada oficial da primavera. A polícia montada chegou logo depois e controlou a situação. "O que estava havendo?", perguntou um morador. "Não era meio cedo para o clube começar a funcionar?" "Era", o policial respondeu. Mas o dia era especial, explicou: às 12 h, David Bowie estaria lá dentro, apresentando-se para uma seleta platéia de convidados e jornalistas e respondendo às perguntas da imprensa. "Ah, sim", retrucou o morador, passando batido para o mercadinho da esquina.

A multidão ficou do lado de fora mesmo. Já os eleitos, não muitos mas bem escolhidos, passavam por três barreiras de identificação, recebiam um crachá, eram filmados pela equipe de Julien Temple e tinham acesso ao Santo dos Santos, onde o bar servia drinques gratuitos, o palco estava armado como para um show e as conversas giravam em torno de jornais, revistas, críticas, bandas, tendências.

A idéia, em si, era das mais simpáticas e eficientes: no dia em que o primeiro compacto extraído do novo LP de Bowie entrava nas rádios, receber a imprensa num misto de coletiva, coquetel e show, com características exclusivas — num lugar pequeno, com pouca gente, *by invitation only*.

Alguma coisa substancial já era sabida e podia ser lida no *press-kit* distribuído à porta: havia um novo LP, é claro, que se chamava *Never Let Me Down*, fora gravado na Suíça, trazia Peter Frampton na guitarra (naquele papel de solista-incendiário que dialoga com a *coolness* de Bowie e que já foi, no passado, ocupado por Mick Ronson, Stevie Ray Vaughn, Earl Slick e Adrian Belew) e tinha a participação especial de Mickey Rourke fazendo um *rap* na faixa "Shining Star". O próprio Bowie e David Richards assinavam a produção, e o lançamento do LP era previsto para meados de abril.

Havia também uma renovação de contrato com sua atual gravadora, a EMI, e uma turnê de proporções gigantescas — seis meses de duração, seis continentes, 100 cidades em 15 países, incluindo Estados Unidos, Canadá, Europa, Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e Japão.

O que não era sabido foi divulgado logo aos primeiros minutos da festa/coletiva: a porção americana da *tour*, que inclui 30 cidades dos Estados Unidos e do Canadá, tem o patrocínio da Pepsi-Cola, "em mais uma inovação nas grandes guerras da *cola*", segundo o discurso empolgado de Mike Lorali, vice-presidente da companhia de refrigerantes. "Assim", continuou Lorali, "a Pepsi mais uma vez se associa ao que é novo, ao que é contemporâneo, ao que é quente." Como parte do contrato, Bowie fará um comercial para a Pepsi cantando uma canção especial, à semelhança do que Michael Jackson, Lionel Richie e Tina Turner já fizeram (e o nosso Evandro Mesquita também).

É exatamente na nuvem de zunzunzum que se segue ao anúncio que Bowie entra no palco, interpreta "Day In, Day Out", quase com tanto *gusto* quanto num show de verdade, e, ao terminar, pede, sorrindo: "Uma Pepsi, por favor, estou com sede".

Botas negras de biqueira, calça justa, tacheada e negra, blusão de couro surrado, cabelos louro-escuros penteados num topete vagamente rockabilly, Bowie não parece nem mais moço nem mais velho do que em sua derradeira encarnação, o *crooner* elegante da *Serious Moonlight Tour*. Quando sorri, o rosto levemente coberto por *pancake* mostra muitos vincos — mas, afinal, ele tem 40 anos recém-completados. "Sou um homem velho", ele comenta, sorrindo muito, ao explicar por que não teria fôlego para atacar outro projeto de vulto depois desta *tour*. Na verdade, ele exibe um ar de saúde conquistada, a mesma que brilha nas bochechas de seu melhor amigo, Iggy Pop — a saúde de quem já se drogou muito, já esbarrou em todas as extremidades e, agora, acalmou corpo e mente. "O segredo da minha aparência é uma vida limpa e uma mente sã", ele responde, às gargalhadas, quando inquirido sobre tanto vigor. Depois, sério, acrescenta: "Na verdade, isto se deve à felicidade pura e simples. Estou muito feliz com tudo em minha vida, hoje".

Do alto de suas negras botas de biqueiras, Bowie transpira sarcasmo: "Eu sou um homem velho"

É um artista, sem dúvida: responde às perguntas, tanto as inteligentes como as idiotas, as aduladoras e as agressivas, com a mesma classe, dirigindo-se aos repórteres por "*sir*" e "*lady*". Perder a compostura, ou quase, só uma vez: quando uma jornalista indaga "por que seus guitarristas vão sempre embora?" Bowie inclina-se na beirada do palco, fulmina a garota olho no olho e lança: "Você toma isso como um fato estabelecido, por isso dê-me *você* os exemplos. Mick Ronson? Trabalhamos juntos por três anos e nos vemos freqüentemente. Steve Ray Vaughn? Ele tem seu próprio grupo e está-se saindo extraordinariamente bem. Earl Slick? Isto é ridículo! Earl tocou comigo nos anos 70 e na *Serious Moonlight Tour*! Satisfeita?" E, depois, entre dentes (mas ao microfone): "Tem cada uma..."

O Bowie que emerge da tumultuada mas festiva coletiva é um esboço do que está no disco e um rascunho do que virá na turnê. É um Bowie de generalidades, de intenções, de projetos. Assim:

Cinema: "Está no horizonte, definitivamente, um filme com Mick Jagger".

Teatro: "Desde *Elephant Man* só me foram oferecidos espetáculos de *revival*, de remontagem, alguns até com alguma coisa para eu cantar. Mas não era nada que eu quisesse fazer. Se me oferecessem algo realmente interessante, eu voltaria ao teatro com todo o prazer. Se eu interpretaria o papel de Sinatra? Na verdade, já fiz isso, em 1976. Acho que essa idéia ficou no ar, mas eu absolutamente não tenho NENHUMA intenção de interpretar Sinatra. Parece, inclusive, que Frank ficou bastante aliviado quando soube disso".

Cidade favorita: "Nova York. E não é por estar aqui. Nova York sobe à minha cabeça. Também aprecio muito Filadélfia. E gosto de Houston e Dallas, acho-as lindas".

Bandas favoritas: "Gostei muito do som do novo disco do U2, o trabalho de Brian Eno continua excepcional. Também tenho ouvido muito The The. E minha banda número um, hoje, é Screaming Blue Messiahs".

Produtor favorito: "Brian Eno. É a pessoa com quem eu mais gostaria de trabalhar de novo, embora eu saiba que não há muitas possibilidades imediatas de isso acontecer. Por outro lado, creio ser inevitável que façamos alguma coisa juntos no futuro".

Compositor favorito: "Iggy Pop. Tem gente que regrava canções de Chuck Berry ou dos Rolling Stones. Eu regravo Iggy Pop". (No novo disco Bowie canta "Bang Bang", de Iggy.)

Peter Frampton: "Pete e eu nos cruzamos e nos esbarramos freqüentemente ao longo dos anos. E o pai dele foi meu professor de artes plásticas". (Bowie pinta, e bem. Sua especialidade é forjar, à perfeição, o traço de Matisse.) "Pete está totalmente integrado a este novo trabalho. Temos em comum o fato de termos desenvolvido nossas carreiras nos anos 70, eu mais como compositor, ele como músico. Pete sempre foi um excelente guitarrista; aliás para mim está claro que ele é dos melhores que existem."

Live Aid: "Foi ótimo. Valeu cada centavo".

A turnê: "Chama-se *The Glass Spider Tour*. 'Glass Spider' (aranha de vidro) é o nome de uma das faixas do álbum, uma faixa típica... Não consigo definir essa turnê, a não ser por seu nome. Ela começa no dia 28 de maio, em Roterdã — que, como vocês sabem, fica na Holanda. Depois, para maiores detalhes, só falando com os promotores. Sim, eu faria essa turnê mesmo sem o patrocínio da Pepsi. Mas o patrocínio foi oportuno, porque uma excursão dessas é incrivelmente cara".

Brasil: "Definitivamente está em meus planos. Na turnê passada fomos a lugares como Tailândia e Cingapura, e foi ótimo. Desta vez, quero ir também à América do Sul".

Propostas estéticas: "Ainda tenho dificuldades para definir. O disco é muito variado, mas, de um modo geral, eu diria que é o mais rock'n'roll que eu fiz nos últimos anos. Já os shows da turnê, ainda estão sendo criados. Tenho trabalhado muito neles e quero fazer algo basicamente teatral, em que as canções se encaixem no formato do espetáculo, e não ao contrário. O contrário foi o que fiz na *Serious Moonlight*: eu queria estabelecer, claramente, meu papel como compositor, levando ao palco as canções que as pessoas ouviram no rádio nos últimos 18 anos. Queria que elas ouvissem e reconhecessem: 'Ah, então foi ele quem fez essa'. Queria demonstrar que meu trabalho como compositor foi a base da minha carreira, e não o aspecto teatral. Agora, estou trabalhando num espetáculo essencialmente teatral, dramático. E diria que é a coisa mais teatral que fiz desde Ziggy. Mas não é Ziggy, de modo algum. É algo no espírito dos *early 70s*, mas é, ao mesmo tempo, algo totalmente diferente".

Fase favorita (da carreira): "Todo artista acha que é a fase atual. Eu não sou exceção. Mas a segunda melhor fase da minha carreira foi quando trabalhei com Brian Eno".

Novo visual: "Acredite se quiser, mas é assim que eu me visto normalmente fora do palco. E depois, todos os meus ternos da *Serious Moonlight* estavam acabados".

Vida amorosa: "Vai muito bem, obrigado" (a fofoca atual é que Bowie iria se casar com sua temida e feroz secretária pessoal, *Coco Schwab*).

Canção favorita (do novo disco): "Tenho duas: 'Time Will Crawl' e a faixa-título".

Canção favorita (de sua autoria): "Laughing Gnome". (Ele responde imediatamente. Depois pensa e acrescenta: "Mas sei lá... tem tantas... umas 200, pelo menos...")

Se voltasse ao passado, o que faria de diferente: "Vi uma menina num baile no Civic, em Londres, em 1969, e não a tirei para dançar".

Foto Erwitt/ Sipa Press

Dois colegas de escola se reencontram no palco: Bowie e Frampton

E assim, 40 minutos de papo depois, Bowie dá por encerrada sua entrevista-festa. Canta "Bang Bang", o *flip side* do compacto que tem "Day In, Day Out". E não se zanga nem um pouco quando um jornalista grita: "Mas afinal Bowie, existe algo que você possa nos dizer que não esteja nos *releases* da gravadora?". "Boa pergunta, boa pergunta", ele ri. "Me dê um tempo para pensar."

Lá fora, céu azul de primavera sobre Manhattan, a polícia ainda monta guarda sobre a curiosa multidão.

David Bowie tem olhos azuis.

DAVID BOWIE

Aliás, *um* olho. O outro, com a pupila paralisada desde um acidente na infância, é de cor indefinida. De vidro?

A aranha que dá nome a sua turnê é a faixa de abertura do lado B de um disco estranho, este novo, *Never Let Me Down*. Uma faixa típica, diz seu autor. Típica de quê? Bowie começa a canção recitando, em voz grave, um texto sobre uma gigantesca aranha de vidro que construiu uma teia igualmente monstruosa no alto de um castelo, aprisionando nela ''coisas delicadas, como cristal, prata, lágrimas''. A teia, contudo, foi abandonada por sua arquiteta: no momento da narrativa, ela é habitada apenas pelas aranhas-filhotes, que buscam desesperadamente a mãe. Os teclados pomposos dissolvem-se, uma bateria pesada entra, Bowie uiva, o corinho canta: ''Mamãe, volte/as águas baixaram/mamãe, volte/está escuro agora''. A primeira imagem — ou lembrança sonora — que vem à mente é a do Bowie de *Ziggy Stardust*, *Space Oddity*, *Diamond Dogs*, ou seja, o Bowie de 15 anos atrás. Entretanto, alguma coisa mudou, mas não para melhor — este Bowie parece alguém tentando imitar o estilo do primeiro.

O que acaba sendo a sensação predominante em todo o disco. As fulminantes guinadas estéticas que marcaram seu trabalho até a alvorada dos 80, a inquietação das colagens sonoras imprevistas, dos processos investigativos de criação — Adrian Belew gravou sua participação em *Scary Monsters* sem ouvir a base das faixas, instruído apenas a ''solar furiosamente'' — foram, ao que parece, definitivamente abandonadas. *Let's Dance* , o álbum-matriz da *Serious Moonlight* , já afirmava isso, mas retinha um brilho incomparável na concepção e no acabamento comercialmente pop — como se fosse um experimento no comercialismo pop, uma proposital revisão de seus sistemas.

Tonight , o álbum seguinte, era frouxo, desigual — e a memória retém, com certeza, apenas a veemência épica de ''Loving The Alien''. Em ''Never Let Me Down'', Bowie parece tentar um *bypass* que una o acabamento pop de *Let's Dance* a sua primitiva veia heavy metal, aquela que deu ao mundo a obscura gema de *Hunky Dory*.

Conseguirá?

As guitarras de Frampton e Carlos Alomar trovejam. ''Day In, Day Out'' comenta acidamente a extrema pobreza no coração da extrema riqueza que vive, hoje, na América — e o vídeo de Julien Temple ilustra didaticamente cada verso, perseguindo uma família de imigrantes latinos pelas ruas de Los Angeles até seu inevitável encontro com a violência institucionalizada da polícia. (Nota à parte: a polícia de L.A. colaborou espontaneamente na realização do clip, mas, ao ver o resultado final, abriu processo contra Temple e Bowie e está lutando na Justiça para impedir que o vídeo seja exibido na cidade. Bowie limita-se a comentar: ''Eles colaboraram de boa vontade. Não vejo como o vídeo possa ser controvertido''.)

E há mais — há mais violência urbana, contraponto a uma declaração de amor, em ''Shining Star'', com Mickey Rourke narrando, *cool*, uma matança de gangue enquanto Bowie promete fazer alguém feliz ''cada minuto de sua vida''. Há um

O homem bem-humorado da tarde no Cat Club tem evidentes saudades de seus tempos com Eno e Iggy

estranho hino aos rostos sem nome dos estádios e arenas — nós, vocês, o público de rock — em ''Zeroes''. E há essa angústia pelo tempo que passa, ''Time Will Crawl'', que diz ''o tempo se arrastará/até que o século XXI nasça''.

Entretanto, a descrição é melhor que a coisa em si. ''Never Let Me Down'' roda e roda, cresce um pouco na terceira ou quarta escutada, mas ainda assim algo fica suspenso no ar, quebra-cabeças irresolvido.

Talvez seja porque disco e turnê sejam obra de um homem sitiado. Aquele sorridente e ainda jovem homem de couro negro que recebeu a imprensa no dia 18 de março em Nova York é e sempre foi um ator, e seu jogo estético sempre foi esse, o da invenção. Tolice pensar que o *crooner* suave da *Serious Moonlight* era ele, ou que esse *street boy* é ele — máscara, máscara, onde está tua face?

Tem-se o direito de supor uma face tensa. Revolução estética completa (nos anos 70), Bowie resolveu, também, o enigma do sucesso comercial com *Let's Dance/Serious Moonlight*. Subitamente, abriu-se a seus pés o abismo, a imensa planície após o mais alto cume. Retirou-se para o cinema, mas nem aí houve conforto — suas últimas três participações, estrelando *Labyrinth* , fazendo um papel secundário em *Absolute Begginers* e uma pontinha em *Into the Night*, aconteceram em filmes de remoto sucesso e minguado aplauso crítico.

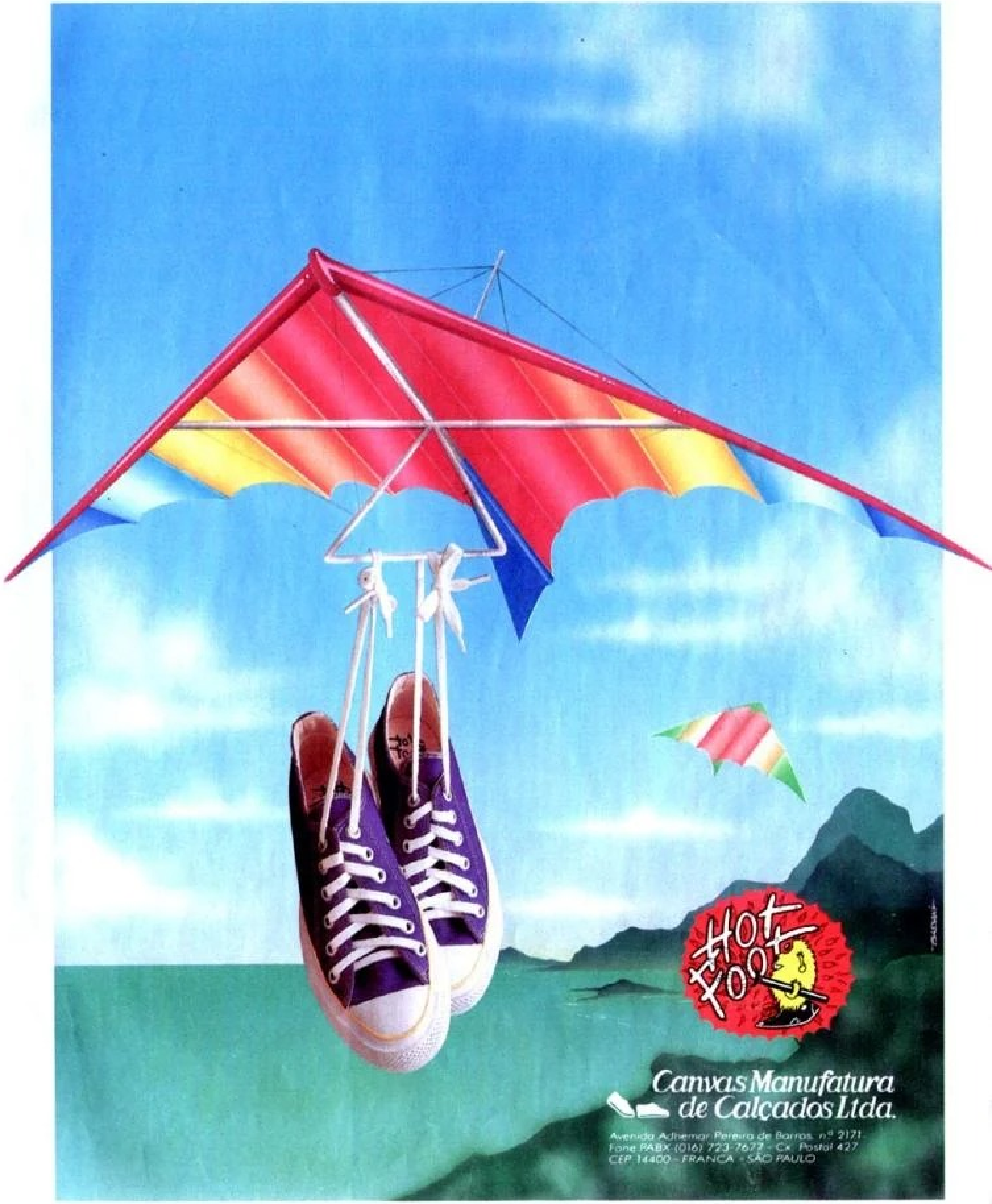
Para culminar, a imprensa saiu investigando sua vida pessoal, levantando histórias de doença mental na família, o suicídio de um irmão, a situação conturbada que envolve, hoje, sua ex-mulher Angela e seu filho Joey, que reclamam pensões não pagas e moram em Nova York, num estilo de vida extremamente modesto. (Perguntado por seu filho, na entrevista, Bowie respondeu laconicamente: ''Ele vai bem, obrigado''.)

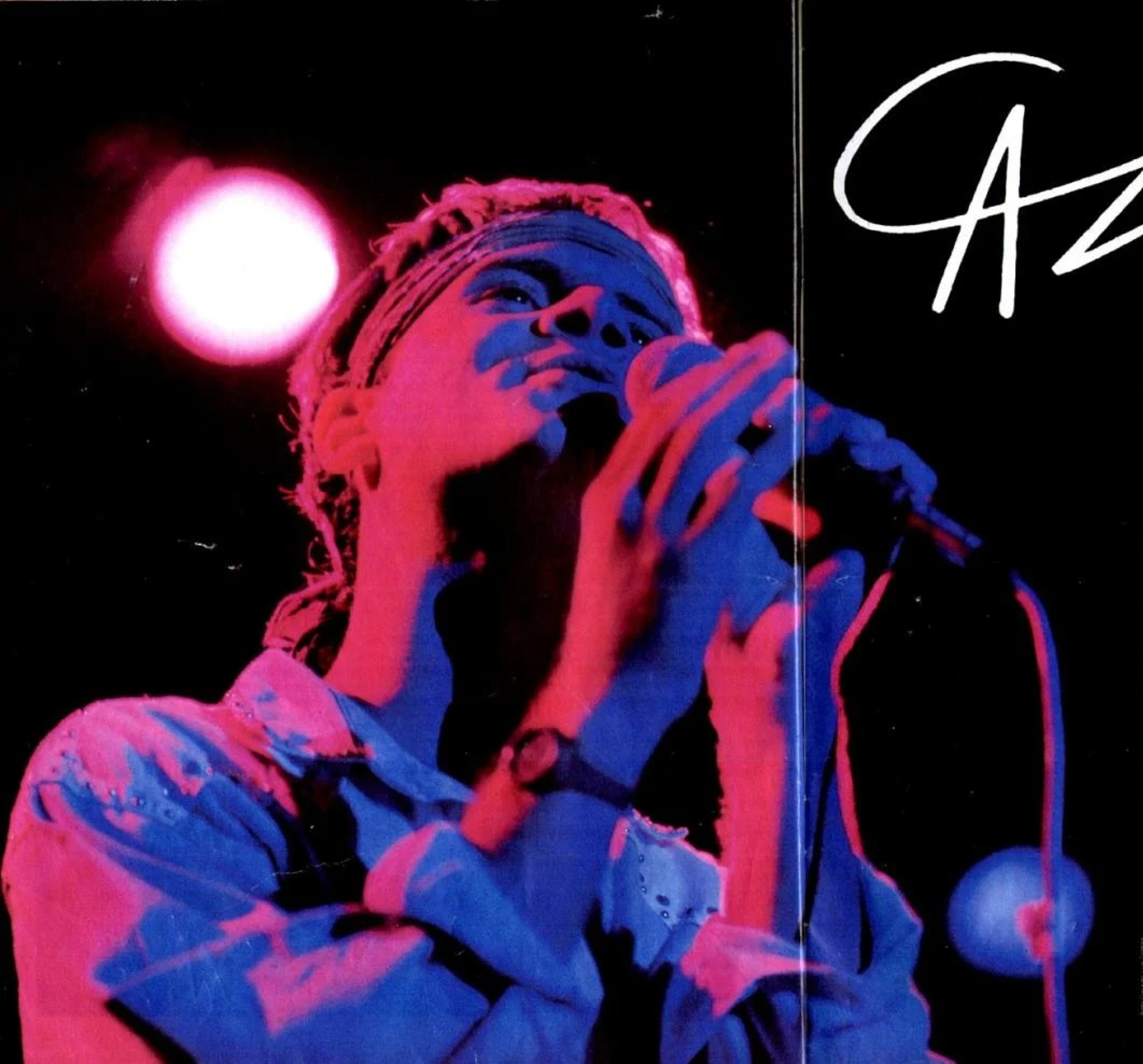
Numa longa e perfurante matéria, a revista americana *Spin* disse com todas as letras que Bowie não sabe o que fazer. E disse mais: que ele é uma frágil figura sem senso algum da realidade, alheio a tudo, acreditando cegamente naquilo que sua *entourage* — especialmente Coco Schwab — lhe diz.

Crer? Descrer? O homem bem-humorado da tarde no Cat Club tem evidentes saudades de seus tempos com Brian Eno e talvez veja em Iggy Pop o espelho de sua própria face, mais audaz, ou mais feliz. Iggy e Bowie têm esse problema em comum — como sustentar indefinidamente o turbilhão de rupturas estéticas/existenciais em que forjaram vidas e carreiras?

Considerem a aranha de vidro, que Bowie descreve, numa única frase, como tendo ''os olhos azuis, quase humanos, capazes de lágrimas''. A aranha construiu um frágil e belo palácio, gerou muitos filhos e os abandonou porque, diz a canção, ''sabia que eles se safariam sozinhos''. Os anos 80 e sua música seriam impossíveis sem David Bowie. Seus muitos filhos estão, hoje, numa encruzilhada parecida com a sua — saíram dos clubinhos, onde pregavam a revolução, para os estádios, onde se ganham rios de dólares.

Está escuro agora, ou claro demais, a aranha sabe. Mas vai correr o risco na estrada de novo. Afinal, é primavera.





CAZUZA

MENOS DOR, MAIS POLÍTICA! ...MAS SÓ NO ANO QUE VEM

Em seu melhor disco, Cazuza encerra uma longa fase romântica e prepara o terreno para a Fase III de sua carreira solo

Tão *cool* quanto sempre foi, Bogart observa a eternidade, indiferente à intrincada tapeçaria de temas egípcios que está defronte a ele, alheio ao burburinho de batalhão após batalhão de ônibus que cruza a rua Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Talvez Bogart não se importe tanto por causa da atmosfera controlada de frescor, cortesia do aparelho de ar-condicionado. Talvez não se importe porque seja apenas uma fotografia pendurada na sala de estar do apartamento de Cazuza, um dúplex simpático, caseiro, com cara de "vivido". Por mais aconchegante que seja, contudo, o apartamento onde Cazuza mora há dois anos está prestes a ser trocado, talvez por outro na Barra da Tijuca. "Não consigo ficar parado muito tempo num mesmo lugar", admite Cazuza, suando muito, apesar do friozinho artificial da sala, entre goles de uísque.

Artisticamente Cazuza também é assim. "Acho que fiquei tempo demais, até, na Som Livre", diz, recordando os quatro anos — e o igual número de álbuns que lá gravou, entre eles sua éstréia solo, *Exagerado* — que passou no seu antigo selo, do qual saiu para ficar na Polygram, por onde está lançando *Só se For a Dois*, um álbum atribulado como seu autor. Originalmente planejado para sair pela Som Livre, o disco está pronto desde outubro. Mas, como a antiga gravadora estivesse reformando toda a sua estrutura — abrindo mão do cast para se concentrar na produção de trilhas para a televisão —, Cazuza recebeu ofertas de quatro selos para vender a eles a fita do álbum, já mixada. Entraram na negociação a WEA, a EMI-Odeon, a CBS e a Polygram, mas a última venceu por ter oferecido condições melhores — como, por exemplo, férias pagas aos músicos da banda mesmo quando Cazuza não estivesse trabalhando.

Depois de tantos percalços, porém, *Só se For a Dois* já chega meio datado ao público, quase dois anos depois dé ter sido iniciada sua realização. O mais importante, Cazuza garante: "Não escuto (o disco) para ele não ficar velho para mim mesmo, porque já estou em outra". Que ▷

Cazuza

Foto Geraldo Luis Gomes

Cazuza aporta, para despeito dos céticos, num disco recheado de uma poética vívida

outra? Para o benefício da precisão: Cazuza, mais do que nunca, está envolvido com o cinema (com o qual já flertara em *Beth Balanço*, para citar seu maior êxito cinematográfico). Ele e Gilberto Gil assinam a música-tema do novo filme de Cacá Diegues, *Um Trem para as Estrelas*, cujo papel principal havia sido oferecido a Paulo Ricardo, mas acabou ficando com o estreante Guilherme Fontes. Também para o diretor Lael Rodrigues (o mesmo de *Beth Balanço*) Cazuza está preparando trilhas. Mas o que é mais notável nessa atual fase de Cazuza é que ele tem feito "coisas com um conteúdo muito mais político". Isto é um reflexo da influência que os artistas mais jovens tiveram sobre o veterano Cazuza.

"Sempre que vem um pessoal novo o pessoal antigo fica numa de 'ué...' E você se autocritica", explica ele. "Fiquei completamente chapado, por exemplo, com as letras do Renato (Russo, do Legião Urbana). Me deu uma inveja criativa!" "Seja como for, *Só se For a Dois* tem a assinatura de Cazuza mais clara do que nunca. É um disco em que tudo que havia sido insinuado por *Exagerado* floresce. Cazuza está mais seguro, mais à vontade — poucas vezes ele cantou tão bem quanto em "Ritual" e "O Nosso Amor a Gente Inventa". E a banda que o acompanha — Fernando Morais (bateria, ex-Marina, ex-Ritchie), Nilo Romero (baixista, ex-Ritchie), João Rebouças (teclados, ex-Marina) e Rogério Miranda (guitarra e violão, ex-Vinícius Cantuária) — não é um mero punhado de "pistoleiros de aluguel". Todos eles participaram do processo criativo do álbum desde sua gestação, ao contrário do que ocorrera em *Exagerado*. Naquele disco, conforme lembra Cazuza, "eu praticamente dei uma de Simone. O Nico (Rezende, tecladista, arranjador e produtor do disco) fez os arranjos, gravou e quando estava tudo pronto eu entrei para cantar. Desta vez eu estava mais seguro".

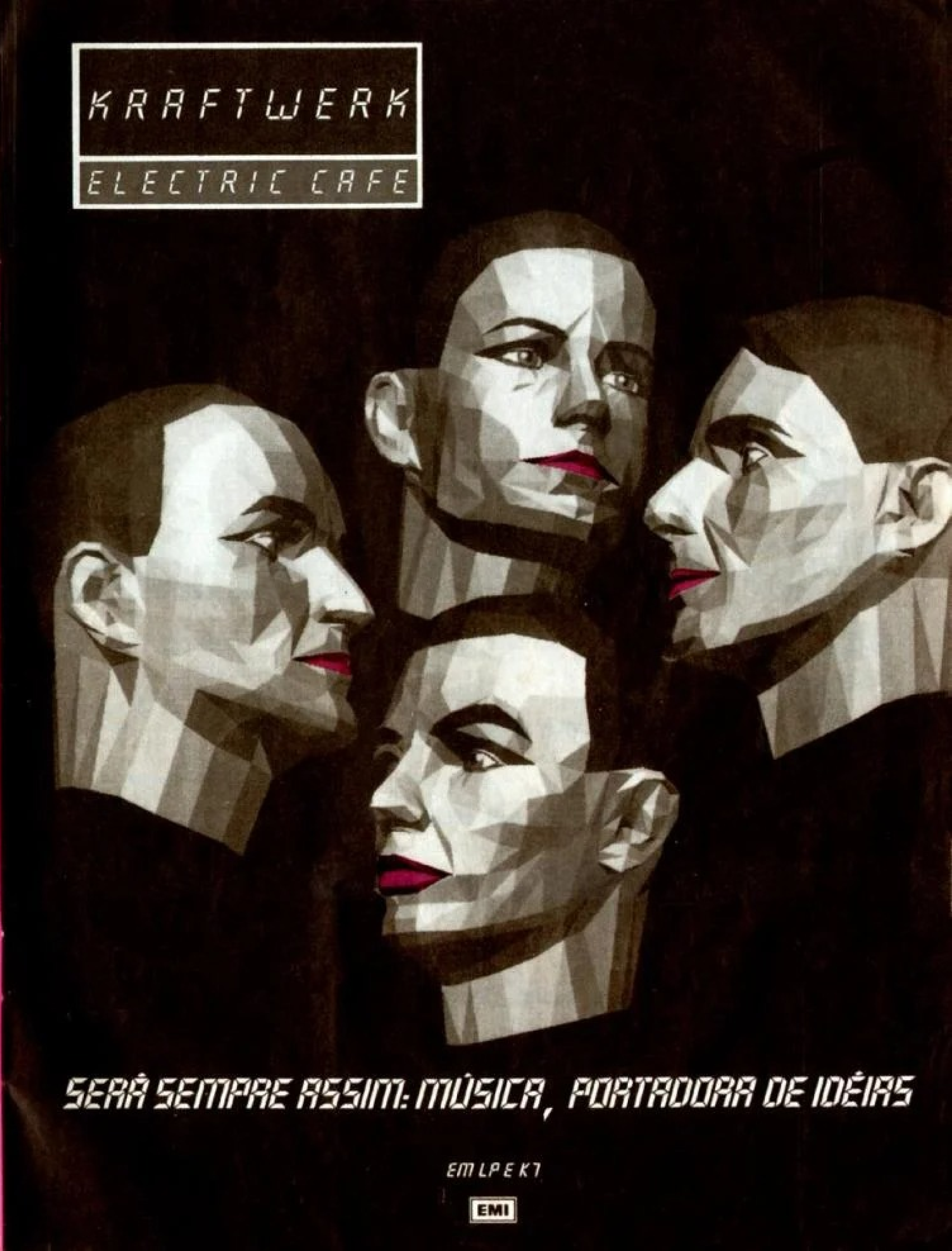
O disco foi mais difícil de fazer, por outro lado. Cinqüenta por cento rock mais a outra metade toda dedicada a baladas, o extremamente romântico *Só se For a Dois* exigiu de Cazuza uma dedicação inédita. "Baladas são mais difíceis de cantar", explica, "porque eu estou acostumado a cantar berrando e não tenho material vocal muito grande, então é mais fácil ir cuspindo as coisas. Para baladas você precisa de uma flexibilidade maior."

Seria desnecessário ressaltar que o novo álbum é romântico? Talvez não, já que a dor-de-cotovelo e o amor, em geral, são temas constantes na obra de Cazuza. Afinal, "não tenho vergonha de ser triste", assegura. "Eu tenho o lado moleque mas também tenho o lado 'sentado-à-beira-do-caminho-soltando-bolha-de-sabão'. Mas, de um tempo para cá, me cansei de temas românticos. Esse disco é muito romântico, é de uma fase até meio triste, mas acho que foi uma fase válida. O que acontece é que nas minhas letras eu tento debochar da dor, porque o rock abre essa possibilidade."

Esse, de fato, é o grande trunfo de Cazuza — a característica principal que o difere da superpopulosa selva de estilos do rock brasileiro. Cazuza casa, com primor, a essência do rock e do blues à geografia sonora e literária das formas clássicas de música popular brasileira. As letras que faz — talvez com retoques infinitesimais — caberiam perfeitamente no repertório de gigantes do passado como Maysa, Dolores Duran ou Lúcio Alves. Como isto é possível? Basta trabalhar como Cazuza: "Eu tenho um jeito de cantar blues, mas o meu modo de escrever é samba-canção".

Se alguém supõe que a profundidade das investigações pessoais de Cazuza outorgam a ele o título de Deprê Supremo ... bem, podem tirar a criatura eqüina de sob a precipitação pluviométrica. Extra-texto, Cazuza é bem mais para Luiz Caldas do que para Morrissey. "Quando saio na rua, pinta um personagem mais moleque, é verdade, mas acho muito chato você chegar a um lugar e ficar ouvindo as pessoas falarem mal da vida. Pô, vai a um analista, então!"

José Emílio Rondeau



UM PAPO COM O

MISSION

Foto: Phonogram

Em menos de um mês, o LP de estréia deles, *Gods Own Medicine,* ultrapassou a marca das cem mil cópias vendidas na Inglaterra. *Eva Joory* foi conversar com Craig Adams (baixista) e Mick Brown (baterista) para descobrir as razões do sucesso do Mission...

BIZZ — *Há quanto tempo vocês estão juntos?*

Craig — Há mais de um ano. Depois da dissolução dos Sisters, Wayne (Hussey, ex-guitarrista dos Sisters of Mercy e atualmente o vocalista do Mission) e eu começamos a formar o Mission. Queríamos agir rápido, lançar um disco o mais breve possível. O primeiro single, "Serpent's Kiss", saiu por um selo independente (Chapter 22). Tivemos que juntar bastante dinheiro para iniciar o trabalho e fomos ajudados principalmente por pais de namoradas e amigos. No começo, Mick veio tocar conosco de favor, pois não tínhamos baterista e a banda dele (Red Lorry Yellow Lorry) estava parada.

BIZZ — *Por que o fim dos Sisters?*

Mick — Para formar The Mission! Sem brincadeira, o trabalho com os Sisters estava se esgotando e começou a ficar entediante demais. Precisávamos de novidade, daí pintou o Mission.

BIZZ — *Vocês tentaram manter o mesmo tipo de som?*

Craig — O problema da similaridade é meio óbvio. Éramos nós dois, Wayne e eu, que escrevíamos a maioria das músicas, éramos os maiores responsáveis pelo som característico dos Sisters, sem sermos creditados por isso. Este é o som que eu e Wayne fazemos. É natural que esse tipo de som continue no Mission. Em todo caso, nos Sisters as pessoas só conheciam o cantor Andrew Eldritch e não o resto da banda.

BIZZ — *Talvez porque os shows dos Sisters eram tão escuros e enfumaçados, e a luz só focalizava o cantor. Quando vi vocês no Lyceum em 1985, não consegui descobrir quantos estavam no palco. Só via o Eldritch...*

Craig — Mas estávamos lá! Ainda gostamos de enfumaçar nossos shows, assim não vemos o que acontece na platéia, o que às vezes é simplesmente horrível.

BIZZ — *Quais são suas influências musicais?*

Mick — Olha, nós ouvimos de tudo. Pode parecer mentira, mas é verdade. Wayne atualmente anda ouvindo Five Stars. Ouvimos Leather Nun, Abba, e no momento a banda preferida de todos é Metallica, a mais pesada dos heavies. Sempre brigamos na hora de colocar uma fita no carro. Carregamos tantas quando estamos em turnê... Você nem acreditaria.

BIZZ — *Vocês concordam com as pessoas que os comparam com o The Cult? Elas dizem que vocês têm o mesmo estilo meio psicodélico, com cabelos compridos e roupas escuras...*

Craig — Não tem nada a ver. Aqui os jornalistas adoram rotular os grupos, tipo "ah, os grupos que usam preto são assim, os que têm cabelo curto são assado, aqueles fazem parte dos bem vestidos, bem-comportados", e assim por diante. É ridículo. O Cult progride numa direção completamente diferente da nossa.

BIZZ — *Vocês esperavam todo esse sucesso?*

Mick e Craig — Claro! Só que não esperávamos que fosse acontecer tão depressa. Somos muito ambiciosos, gostamos dessa popularidade.

BIZZ — *Mas vocês não acham que esse sucesso pode ser passageiro? Aqui na Inglaterra aparecem bandas novas a cada semana, algumas alcançam um sucesso enorme e depois desaparecem rapidamente. É difícil manter o sucesso?*

Mick — Acho que não nos incluímos nessa categoria. Nossa intenção é continuar. Nós trabalhamos muito para isso. A maioria das bandas não tem noção do que é que está por trás do sucesso. É todo um trabalho. Algumas bandas acham que é só escrever um hit e pronto. O problema é que depois não conseguem escrever outros hits.

Craig — As pessoas gostam de nós porque em cena somos naturais. O Mission cresceu em público.

BIZZ — *Vocês acham que estando numa gravadora grande (Phonogram) as coisas — como a promoção do grupo — ficam mais fáceis? Vejam o exemplo da ex-banda do Mick, a Red Lorry Yellow Lorry, que nunca fez sucesso...*

Mick — Ajuda, mas os negócios vêm depois, estão em segundo plano. Em primeiro lugar vem a música, e, se nós não estamos satisfeitos com o resultado, não gravamos. Uma vez satisfeitos, entram os negócios da gravadora, a promoção etc.

BIZZ — *Os Sisters of Mercy projetavam uma imagem meio cavernosa e vocês um pouco menos. Por quê? É marca registrada?*

Mick — Não realmente. Somos de Leeds, que é uma cidade meio gótica. Tudo isso é influência da cidade e é também o nosso jeito de vestir. Por exemplo: Wayne não usa óculos porque eles são escuros, mas porque simplesmente usa óculos. Cada banda tem o seu "uniforme".

Craig — Outra razão pela qual gostamos de preto é que as roupas não precisam ser lavadas com tanta freqüência *(risos)*.

Mick — Se você estiver usando um blaser Cerruti cor-de-rosa e vomitar em cima dele, vai aparecer, enquanto num blazer preto isso não aparece tanto! Mas, sem brincadeira, é também uma questão econômica.

BIZZ — *Para quando está prevista a próxima turnê?*

Craig — Vamos iniciar uma turnê pela Europa e depois voltamos para a Inglaterra. O problema é que não podemos desaparecer por muito tempo no início, senão corremos o risco de sermos esquecidos. Por isso vamos esperar um tempo antes de irmos para os EUA, Austrália e Japão.

BIZZ — *Vocês são de Leeds, que fica no norte da Inglaterra. Eu, particularmente, acho que as melhores bandas vêm do norte, como os grupos da Factory, Chakk, Age of Chance (estes dois de Sheffield). O que vocês acham disso?*

Mick — Todo mundo acha legal dizer que vem do norte. Na maioria das vezes é mentira, sobretudo agora que virou moda ser de Sheffield!

Craig — Pessoalmente acho que tem boa música em todo lugar, e tem gosto pra tudo. O importante é que todo mundo faz a mesma coisa: música. Só que somente os grandes recebem os méritos. Outro dia o Eric Clapton recebeu um troféu pela "sua imensa contribuição para a música inglesa". O que ele fez todo mundo faz. É tocar, só que ele está aí há mais tempo. É ridículo.

BIZZ — *Finalizando, vocês estão felizes com o seu trabalho e com o da gravadora? Era isso que vocês esperavam?*

Craig — Sim. Nós nos preocupamos com tudo: capas, ensaios, gravação, vídeos etc. Nossa banda já chegou com um trabalho definido e idéias formadas. Foi só pôr em prática. A gravadora, por sua vez, veio com sua experiência, e seria estúpido não aceitarmos seus conselhos ou não entrarmos num acordo. E o resultado de tudo foi bastante gratificante.

VIOLETA DE OUTONO

BRUMAS PSICODÉLICAS

Longe do artificialismo que impera no rock nacional, o Violeta de Outono entra no cenário consagrado pela crítica e público — rara unanimidade. Portanto, este *power* trio (ou *trip* trio, dependendo do gosto) desponta como um dos nomes quentes na nossa gélida cena musical

Foto: Bob Wolfenson

86 foi um ano de abundância. Todo mundo, empolgado com os congelamentos "cruzados", consumiu adoidado. As gravadoras, deliciadas com o crescimento do mercado roqueiro, contrataram Deus e o mundo, baseadas em tudo, menos na qualidade musical dos grupos... Os critérios são totalmente desconhecidos. Mas, uma coisa é clara — grupos mal resolvidos, artificiais e que repetem o que já foi repetitivamente repetido, dançarão.

O público não engole mais modelitos... Está mais do que comprovado que não existem fórmulas para o sucesso — a surpreendente votação dos melhores de 86 pelos leitores de BIZZ prova isso. Mas, por que todas essas considerações numa matéria do Violeta de Outono? Porque eles são um dos novos que vingarão este ano, *justamente por não se enquadrarem* nos critérios de eliminação descritos acima. Além disso, dêem uma olhada na foto aí ao lado e digam: esses caras têm pose de pop star? Não. Mesmo assim eles foram consagrados pelo público, quer a crítica goste, quer não.

Em menos de um ano de existência, o Violeta galgou os seguintes degraus: conseguiu, no início do ano passado, emplacar uma *demo* na 89 FM de Sampa, que despertou o interesse de vários ouvintes. A cada apresentação ao vivo, o público curioso e fiel aumentava... Começaram a ser retratados pela imprensa, mas sem muita ênfase... Culminaram como eleitos em primeiro lugar na categoria revelação pelos leitores de BIZZ e em segundo — na mesma categoria — pela crítica. E, para fechar, foram convidados a fazer parte da trilha sonora da mais recente novela das 7 da Globo.

Mas o que estes paulistas têm para agradar tanto a gregos quanto a troianos? Como eles explicam este fato? Fábio (guitarra/vocal): "Várias coisas podemos imaginar... Nosso som tem um lado atual mas também pode pegar o público que ouvia muito Led Zeppelin lá atrás". Claudio (bateria): "Pegamos uma vertente que ninguém estava explorando — final dos anos 60, início dos 70, mesclado a um som que é característico nosso". Ângelo (baixo): "Li no começo do ano que os grupos vão mudar para o afro. Estranho! A banda não tem de correr atrás do que vai acontecer. Tem de fazer acontecer!" E qual o compromisso deles com a *música?* Fábio: "Desde a adolescência nós ouvimos rock. É uma coisa de postura de vida..." Ângelo: "E chega uma hora que você extrapola o som da vitrola... Quer saber que nota é aquela, que corda o cara usa. Você começa a ler, se informar... Passa a fazer parte da sua vida. E te incentiva a ouvir outros estilos... Steve Howe (Yes), por exemplo. Ele tem uma técnica de violão erudita que te abre para ouvir música erudita. Tudo isso você incorpora... Não tem um compromisso, uma segunda intenção, um terceiro objetivo... Talvez a resposta seja muito simples: fazemos porque gostamos".

Vamos jogar m* no ventilador? Tem gente por aí dizendo que vocês não passam de uma cópia do Pink Floyd e do Echo & the Bunnymen... Claudio: "Besteira esse tipo de coisa. Mesmo o Echo tem uma música que a introdução é superparecida com uma do Pink Floyd... Não sei se vem ao caso". Fábio: "A gente gosta mesmo. Tem a ver com o som que sempre ouvimos. Vejo mais como uma continuidade". Claudio: "Ouvia muito isso em cima dos Paralamas... Nem adianta discutir... Conjunto brasileiro querendo revolucionar o rock é bobagem!" Ângelo: "Nossa escola é a do rock inglês. Foi o que sempre ouvimos".

As principais influências são: Beatles e Stones, "fundamentais", como eles dizem. Pink Floyd e Led Zeppelin, "importantíssimos". Echo, "também fundamental". Além dos "complementares e para a técnica de cada um": Hendrix, King Crimson, Gentle Giant, Deep Purple... "É muita coisa", finaliza Ângelo. "Sabe", continua ele, "fazer reportagem de rock é fácil. Agora, falar sobre rock'n'roll é outra história... Não é com dois anos de audição que o cara vai conseguir... É preciso ter vivido muito — muitos anos de assimilação e acompanhamento. É muito complexo!"

A produção do LP, ainda sem nome, é muito curiosa. Eles visitaram uma sala antiga da RCA destinada à gravação de orquestras. Ficaram durante uma semana andan[illegible] procurando a sonoridade adequada para a posição dos instrumentos. Foi construído um praticável (tablado) de madeira para a bateria. Escolheram as posições dos amplificadores e colocaram, ainda, dois microfones para pegar a ambiência natural... E todo o instrumental foi gravado ao vivo. Fábio explica todo esse trabalho: "Nosso som tem um certo clima que não dá para fazer em partes. É uma música muito orgânica... Esse tipo de gravação é o mais antigo que tem... Na era da alta tecnologia, nós estamos voltando no tempo. Não desprezamos esses recursos, vamos até usar... Mas, antes de tudo, percebemos que o mais importante é passar o lance *ao vivo*".

Sônia Maia

JANET JACKSON

Quem conseguirá controlar a moça
A maior estrela da família Jacks
(depois de Michael) se emancipo

Foto: Sam Emerson/ Sipa Press

Tum-tum-tá-tum-tum-tá-rá-tá-rá-tum-tum-tá-tum-tum. Um som tribal pula das caixas de som — visceralmente processado, sólido, montado num padrão hipnótico. Ele reboa no estômago, aprisiona a virilha, aciona o acompanhamento involuntário do pé. Envolta no ritmo, surge da batucada incansável uma voz, entre diabólica e tesuda, seduzindo o ouvinte com a determinação de um ditador. Quando o ouvinte está inexoravelmente cativo, engatado naquela mecânica tão ancestral e tão moderna, que mistura a repetição básica de uma linha de tambores com sonoridades faiscantes, a voz, feminina, dá-lhe um tapa na testa: "malcriado", ela acusa. "Você não passa de um garoto malcriado."

Este jogo de feitiço aural foi, na verdade, uma das músicas mais populares do ano passado — "Nasty", o primeiro compacto do multimilionário terceiro álbum de Janet Jackson, *Control*. Três milhões de pessoas compraram o LP, produzido pela dupla Jimmy Jam e Terry Lewis, ambos ex-integrantes do grupo Time. Aos 20 anos, Janet se transformou no segundo maior talento da família Jackson, logo depois de Michael. Nesta arremetida ao sucesso, consumada ao longo de 1986, Janet deixou para trás a imagem de irmã bobinha de uma família artística veterana. Agora, enquanto Michael ainda cultiva ares de efebo *cool*, desligado, Janet assume uma personalidade mais agressiva, malandra, sensual. E de sua geração de canárias negras, Janet é a rainha.

Para quem não acompanha a dança que o nome Jackson tem feito dentro do show biz internacional, Janet não é uma novata que explodiu imediatamente. Treinada arduamente pelo pai, Joe Jackson, Janet desde garotinha vem sendo lapidada para o sucesso. Antes mesmo de atingir a puberdade, ela já freqüentava os cafonérrimos palcos de Las Vegas. Em 77 Janet foi convidada para participar de um seriado de TV, *Good Times*. Ganhou um papel fixo e permaneceu até o final da temporada do programa. Dois anos atrás ela se tornou a personagem Charlene, do seriado *Diff'rent Strokes*, também uma comédia de costumes. Cantar mesmo, Janet só fez em 82. Contratada pelo selo ACM, ela lançou um álbum de estréia, impulsionado pelo mini-hit "Young Love". Dois anos mais tarde, Janet se juntou ao produtor Giorgio Moroder para criar *Dream Street* e dele vender 200 mil cópias. Consideravelmente bem-sucedida, ainda faltava a Janet aquele empurrão para destacá-la na muito habitada *jungle* de princesinhas soul, funk e r&b. O empurrão, enfim, foi dado por John McClain, jovem executivo marketeiro da ACM. E por Jimmy Jam e Terry Lewis.

Houve, praticamente, uma muito feliz coincidência de interesses. Jimmy e Terry prepararam uma demo com as faixas que acabariam entrando em *Control* e ofereceram o pacote a outra cantora, Sharon Bryant, ex-Atlantic Starr. Ela se assustou com a fita — achou tudo ousado demais — e recusou todo o material. McClain, por sua vez, buscava uma forma de mudar a imagem de Janet — até então tida como uma garota bobinha, engraçadinha mas ordinária. Ele queria, literalmente, que ela fosse um Michael Jackson de saias: excitante. O primeiro passo de McClain foi passar na Maxfield, butique *três chic* e *très* radical de Los Angeles, comprar todo um novo guarda-roupa para Janet e encomendar os serviços de um cabeleireiro mais afinado com os tempos modernos. Quando Jam e Lewis entregaram a McClain a demo, John descobriu o elemento que faltava na sua tentativa de reformulação de Janet.

A garota bobinha, engraçadinha mas ordinária, arranjou um guarda-roupa e um repertório excitantes

Pelo menos uma pessoa manifestou total desagrado em relação aos planos de McClain, Joe Jackson, o pai de Janet, que detestou as faixas de *Control*, só ouviu o próprio disco depois de pronto e, ainda assim, continuou avesso ao produto final. Comenta-se que há uma rixa antiga entre Jackson e McClain. Um nega ao outro qualquer crédito pelo sucesso atual de Janet. E as farpas rolam. A mais pontiaguda partiu de John. Quando soube que Joe não havia gostado de *Control*, McClain achou ótimo. "Afinal, este disco não foi feito para agradar um homem de 50 anos como Joe", argumentou.

O patriarca Jackson fumegou, claro, mas é patente a influência dele sobre as carreiras de todos seus rebentos. Na década de 50 Joe era guitarrista do grupo The Falcons, e desde então ele se manteve ligado à indústria de música. A cada filho que tinha, Joe ensinava todos os rudimentos de palco e passava a treiná-los para uma carreira artística. Tanto assim que, no final dos anos 60, ele deu ao mundo o Jackson Five, cinco garotos que tinham uma bossa especial de fazer soul e rhythm'n'blues, lideravam as paradas de sucesso com um hit diferente a cada três meses e praticamente sozinhos enriqueciam os cofres da gravadora Motown. Após o sucesso estrondoso de músicas como "ABC", "I Want You Back", e "I'll Be There", o Jackson Five foi perdendo gás e popularidade. Mas do quinteto se destacou o caçula — um garoto bonitinho, inteligente, possuidor de uma voz aguda e afinadíssima como muito adulto de seu metiê não possuía. O garoto era Michael Jackson.

Os irmãos se dispersavam e Michael seguiu em frente, para, a partir de 83, construir uma das mais fabulosas carreiras do showbiz internacional. Só que naquele ano, logo quando estava prestes a se tornar *o* Michael Jackson, Michael não renovou o contrato de empresariamento que mantinha com o pai desde garoto. Dali em diante, Michael era seu próprio dono. E Joe estava sem seu produto mais rentável. Mas ainda havia caldo brotando da fonte Jackson. E caldo feminino.

Dos nove irmãos Jackson, três são meninas: Rebbie, Latoya e Janet. Todas cantam desde criança. Em todas Joe investiu tudo. Mas só Janet quebrou a inércia de principiante e se tornou uma superestrela de méritos próprios. Afinal, além de cantar, Janet participa decisivamente de *Control*. São dela os arranjos vocais, e todos os teclados e sintetizadores.

De acordo com o que pensa McClain, em breve Janet estará na mesma liga do irmão Michael, muito a frente das já bem-sucedidas Anita Baker e Whitney Houston, para citar duas fortes competidoras na mesma faixa de mercado. A ACM espera que *Control* ultrapasse a marca das seis milhões de cópias vendidas. Os problemas que envolvem a carreira de Jackson, porém, deverão se intensificar. Pois, a essa altura, todo mundo vai querer exercer sobre Janet seu controle. *J.E.R.*

JOÃO BOSCO

O MESTRE SE REINVENTA

O mineiro mais carioca da música brasileira descobriu o caminho de volta para casa com *Cabeça de Nego*, um dos melhores discos de 86, e abriu as portas para o futuro (e para o mundo) com o LP seguinte, *Ai Ai de Mim*. *Ana Maria Bahiana* descobriu como

BIZZ — *Você acha estranho — ou curioso — estar sendo entrevistado por uma revista 90% preocupada com rock?*

Bosco — Bom, eu acho que a entrevista tardou mas não falhou *(risos)*. Para quem transou muito rock'n'roll como eu transei numa época de minha vida... eu nunca tive oportunidade de falar nem para a BIZZ nem para outra revista parecida na época. O rock'n'roll que eu fazia em Minas, numa cidade do interior *(Ponte Nova, cidade natal de João)*, ficava com aquela platéia dali mesmo, não saía daquilo. Eu transei rock'n'roll demais — ficava, assim, muito fissurado com "Johnny B. Goode", Chuck Berry, Little Richard. Mesmo o Elvis Presley, com "King Creole" — o crioulo é o King. E as confusões todas dos rocks que eu vivi na época tentei botar nesse disco, o *Cabeça de Nego*. É a coisa de aproximar certas correntes que não vejo, assim, separadas. Quer dizer, rock'n'roll, atualmente, é uma palavra até muito difícil para você botar todo mundo dentro. Eu acho que Dizzy Gillespie tem horas que é roqueiro. Miles Davis também, entendeu? Existem músicos que também trafegam dentro daquela praia; não com a juventude dos roqueiros, atuais, mas como quem passou por ali e tirou dali a essência que lhe é útil.

Foto CBS

Então, não me sinto um peixe fora d'água falando para a BIZZ. Só que estou falando de um show que fiz há uns vinte anos.

BIZZ — *Quando você fez seu grupo, vinte ano atrás, a situação era completamente diferente. Por hipótese: se você tivesse naquela época as condições que a garotada de hoje tem para entrar no mercado, você imagina que sua carreira teria sido diferente?*

Bosco — Acho que sim... com certeza. Eu estou sempre buscando uma coisa que nunca fiz antes; procuro o caminho que nunca percorri antes. E um artista geralmente não sabe o que vai fazer no futuro. Então, se isso naturalmente é o dia-a-dia do artista, imagine um artista que pudesse ter a facilidade de ver logo no princípio de sua carreira um tipo de respaldo, de força, de apoio, vamos dizer assim, mercadológico. Ele estaria botando tudo na sua criatividade. Mas isso não aconteceu; eu estou onde estou.

BIZZ — *Na última turnê que fizeram, os Paralamas do Sucesso tocaram uma de suas músicas, "De Frente pro Crime". Não só uma vez — se tornou uma assinatura de toda a temporada. A platéia levava um susto, mas acabava cantando junto. Você soube disso?*

Bosco — Eu estou acompanhando. Logo que saiu o primeiro disco dos Paralamas eles já falavam um pouco do trabalho da gente, com um certo carinho. Eu acho bonito quando a gente pode se comunicar assim com gerações. É difícil você ir mantendo o padrão de criatividade distante de elementos como modismo, com coisas que de repente consomem com muita facilidade o seu trabalho. Quer dizer, eu acho que o modismo é fundamental, porque ele modifica sempre aquilo que é o trivial, o repetitivo, sabe? Quando o modismo chega, embaralha aquele negócio todo e, então, é preciso dar as cartas de novo e ver como o jogo vai se processar daí para a frente. Então eu acho que o modismo tem essa importância. Agora, é preciso também ter muito talento para *você* sair com as cartas, começar o jogo para o qual *você* tem cintura para continuar jogando, fazendo, criando e agradando as pessoas que participaram de um esquema anterior. Isso é difícil demais. Quando acontecem através de um grupo que surge dez anos depois de você... é estimulante, é muito compensador. Faz com que você continue investindo naquilo que eu acho fundamental — que é sair procurando mesmo as coisas, sair da mesmice atual, comum, banal. Se tiver que andar numa corda de arame, se tiver que se equilibrar, é isso mesmo. Só depois de atravessar a corda, de ter chegado do outro lado,

é que você sabe que estava em cima dela, entendeu?

BIZZ — *Esse assunto de preconceito rende. A geração que surgiu basicamente em 1982 acabou enfrentando uma tensão braba, gerada entre eles e a geração imediatamente anterior. Havia um estado de beligerância — de um lado, os novos negando violentamente o pessoal da MPB dos anos 70. Do outro, os veteranos dizendo que os novos não tinham qualidade musical. Como você, pessoalmente, recebeu essa nova geração?*

Bosco — Pra começo de conversa, acho legal essa discussão, é um toque em geral. De repente tem aquele clima de estar tudo bem, o cara faz um disco e já sabe que todo ano terá um disco que vende muito e que é um trabalho seguro, de ano em ano. Acho que o pessoal estava meio na bronca com essa coisa repetitiva, porque a música popular brasileira é muito rica, em termos de informação. Mas para fazer essa música é muito difícil, é preciso estar muito atento e dedicado a ela. Em termos de divisão... quem gosta de Jackson do Pandeiro sabe que não é mole repetir o que ele fez naquela época, inventando aquela situação. Ser o Geraldo Pereira, fazer um samba cheio de malícia, cheio de cadafalso, de calabouço, cheio de armadilha, era difícil naquela época. É complicado tocar esse pessoal, e é difícil tirar deles a informação e continuar levando a obra. No Brasil teve uns lances legais — rolou a Bossa Nova, o samba que morava lá em cima desceu, o subúrbio ficou mais próximo, pintou o negócio do Teatro Opinião, depois o Tropicalismo, que gerou a mesma conversa de que a gente estava falando agora. Sempre que os artistas deitam na fama e na cama *(risos)* vem gente dizendo que não pode. Eu acho que o rock'n'roll pintou num momento desses, porque a música estava estabilizada demais, muito certa demais, estava tudo muito legal, entendeu? Aí pintou a rapaziada dizendo que não era bem assim. E conclusão: as crianças de 11, 13 anos não estavam a fim de curtir aquela música popular brasileira que se fazia, porque não tinha papo para a meninada. As pessoas dizem "se divulgar, tudo bem". Não é assim. A música tem um negócio da época, ela tem que se modificar mesmo, tem que ganhar uma moldura diferente. Às vezes é uma vírgula que você coloca, sabe? Uma palavrinha que muda de lugar e já dá um sentido.

O rock'n'roll no Brasil teve essa função de mexer. Vou dizer uma coisa: pelo menos comigo ele mexeu, no sentido de que me disse que o que eu estava pensando estava certo: quer dizer, na continuação. A importância não é essa coisa idiota de briga de músicas, de rock'n'roll e samba. O pagode agora é o maior sucesso. Nem o samba pode reclamar.

BIZZ — *Se você for pensar, existe muita coisa parecida entre o rock e o pagode, em termos de atitude. Também o pagode é o "agora falo eu, não falem por mim". O pessoal do pagode está falando na primeira pessoa: "Eu, que não fui chamado nessa festa, vou fazer a minha festa".*

Bosco — Não tem muito *release*, o negócio é a festa.

BIZZ — *É como a garagem do garoto de rock: "Eu faço meu fundo de quintal, você faz a sua garagem e um dia a gente entra no esquemão do jeito que a gente é".*

"Tem um lance fundamental no meu trabalho: procurar o que há de mais primitivo em você, entendeu?"

Bosco — O pagode é um tremendo bazar de músicas, que pode ter esse ou aquele estilo. Acontece que cai ali e vira pagode, os caras cantam do jeito deles, é um baile, uma festa onde tudo funciona. E é uma coisa incrível, porque o pagode não depende muito de nada — nem de lista de programação. Eles cantam uns lances sem nenhuma intenção de conceitos, *a priori*. É um negócio que rola solto.

BIZZ — *Para você, individualmente, como foi o processo de, depois de dez anos de carreira, achar que não era bem aquilo, que você ainda não tinha esgotado tudo o que podia fazer? Do tipo "não, estou fazendo isso muito bem, mas ainda tem mais coisa que posso fazer".*

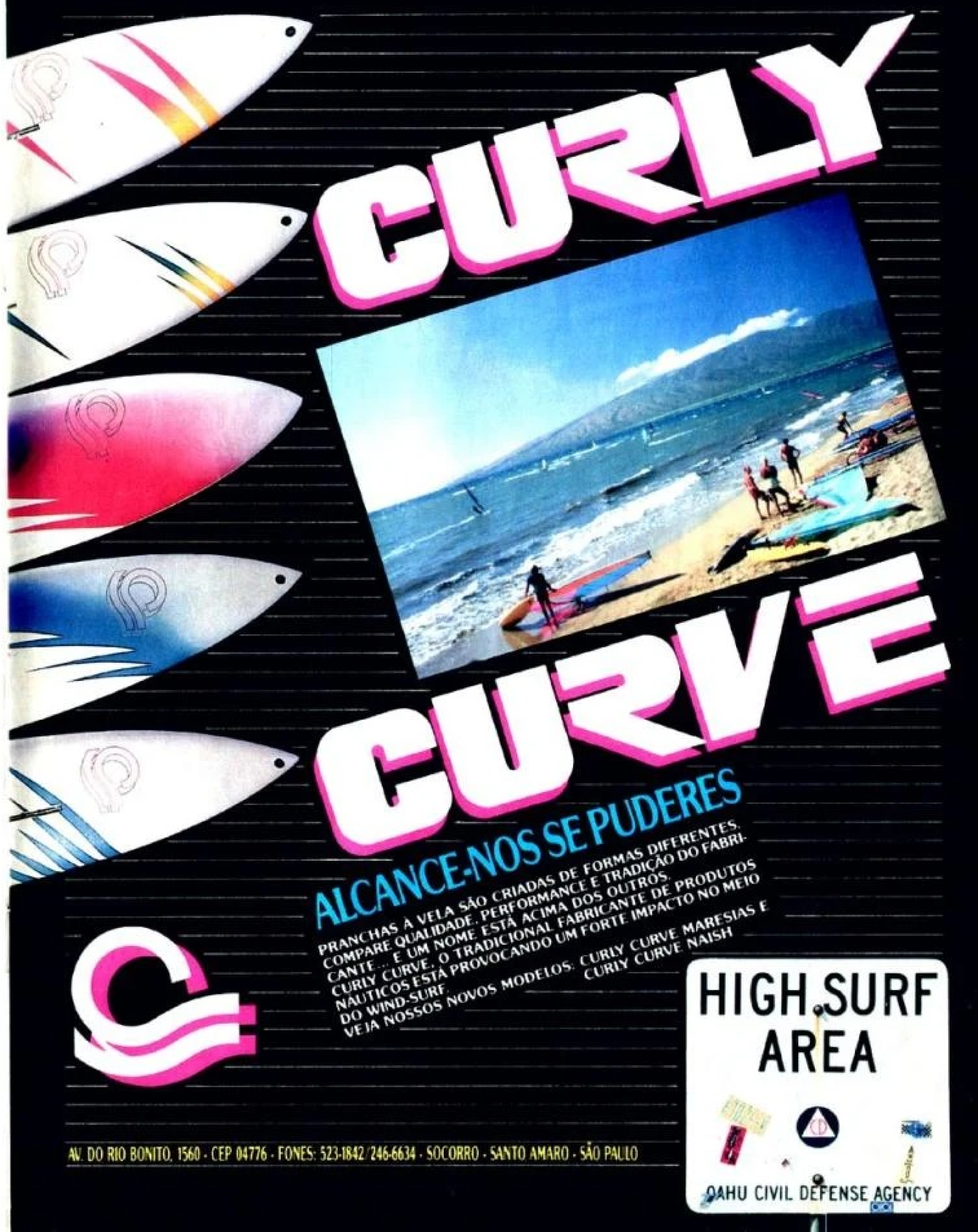
Bosco — Eu comecei a me soltar quando passei a viajar para fora do Brasil; longe, você tira as diferenças fora, aquelas coisas que não interessam. Você elimina e fica só com o que interessa. Isso foi em 83. Eu tinha ido a Cuba, pela primeira vez, dois anos antes. E comecei a ouvir umas coisas de lá que me levaram até minha infância; fiz uma viagem de volta a Ponte Nova, aos tempos em que eu saía nos domingos e curtia aquelas congadas. Aprendi umas músicas cubanas que achava que tinham a ver com minha infância, entendeu? Descobri que eram músicas seculares, de muito tempo atrás. Fui revirando meu trabalho e descobri que ali tinha mais alimento pra mim do que coisas que eu estava aprendendo na atualidade. Descobri que tinha abandonado certas coisas e que tinha que retomá-las, porque agora eu sabia um pouco mais.

Permiti que a música falasse por si mesma. Muitas vezes a nota musical... eu sentia como se ela tivesse volume. Parecia que numa hora eu ficava pintando as notas por fora, com umas cores... elas viravam uma bolotinha de massa e eu pintava. Outra hora eu sentia que ela já vinha com uma coisa bem definida. Não é a nota pintada, é a nota dita.

A nota pintada foi o que fiz com "Ravel". O "Bolero" de Ravel é uma coisa tão conhecida, mas um dia comecei a ouvir não o que Ravel fazia, mas uma coisa daqui de dentro. E é interessante, porque naquele disco ele mexia com umas coisas da "Habanera", de música cubana! Então, o Ravel tinha ido lá nas *habaneras* populares para fazer o "Bolero". E eu fiz o caminho inverso — peguei a informação erudita dele e tornei assimiláveis essas transas todas.

BIZZ — *Foi uma transição radical: o texto, que era o mais importante em sua música, virou um som que está nas canções. Foi difícil? Houve algum tipo de cobrança para cima de você?*

Bosco — Não penso muito nessas coisas. Tem um lance que é fundamental no trabalho: o que há de mais primitivo em você, entendeu? Você soma isso ao lance que estiver vivendo agora. Para produzir a novidade você tem que somar essas duas coisas. Eu estava até brincando com uma música assim — "A com Z": "a com z/ a é a/ z é z/ e a é a", com a sonoridade toda solta. A tem princípio de informação, e o Z é a última letra do alfabeto. Mas ela não é a *última*. É a soma do princípio com esse contemporâneo, e que dá o novo. Então, tem que juntar. A sua memória é muito importante. Não a memória desse ou daquele que fala o que você deveria fazer ou não. A *sua* memória é importante.



A-HA

FINALMENTE VOCÊ PODE ENCONTRAR NAS LOJAS

+ DE 100 MIL DISCOS VENDIDOS

Lançamentos

ERIC CLAPTON

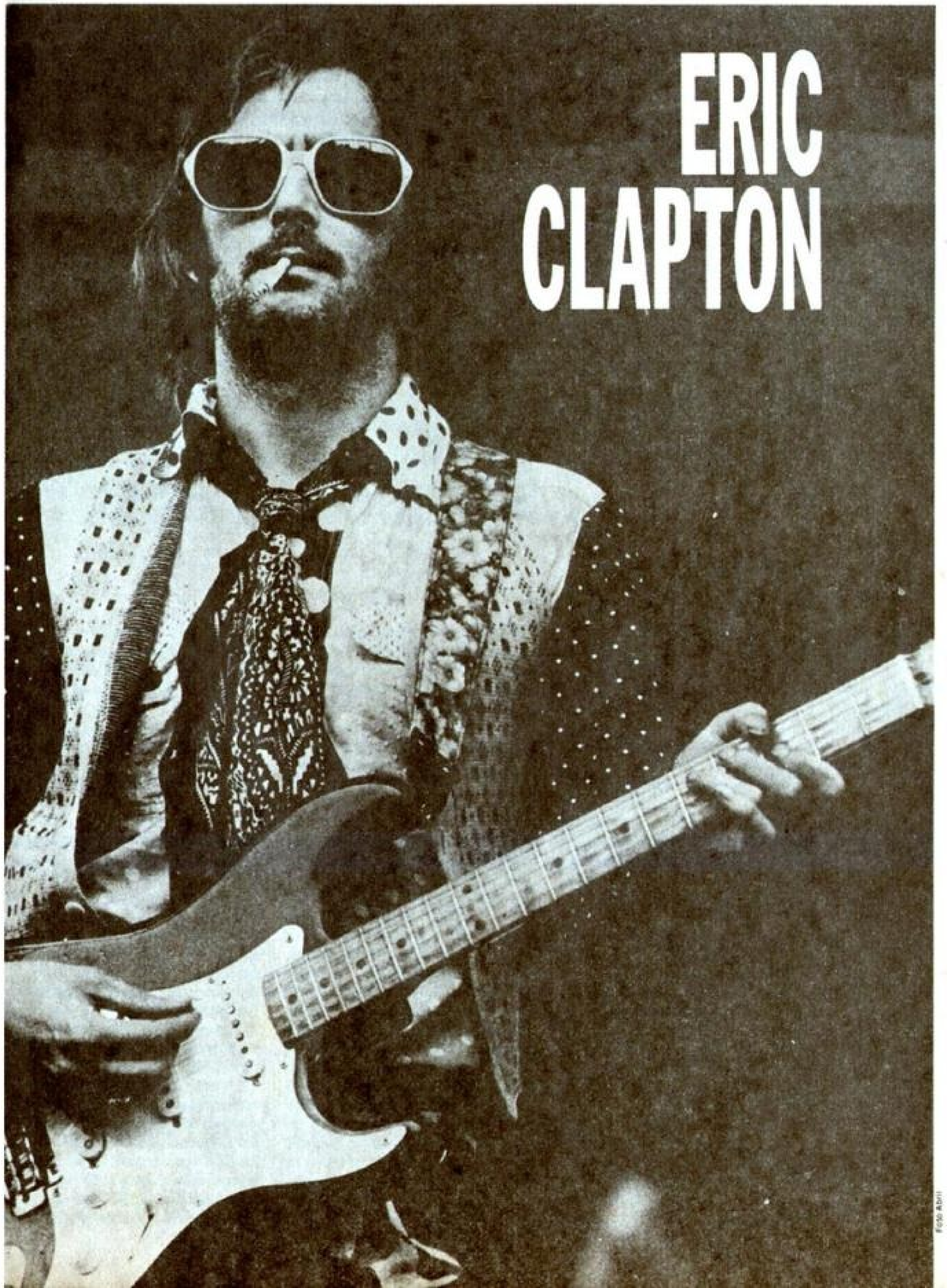
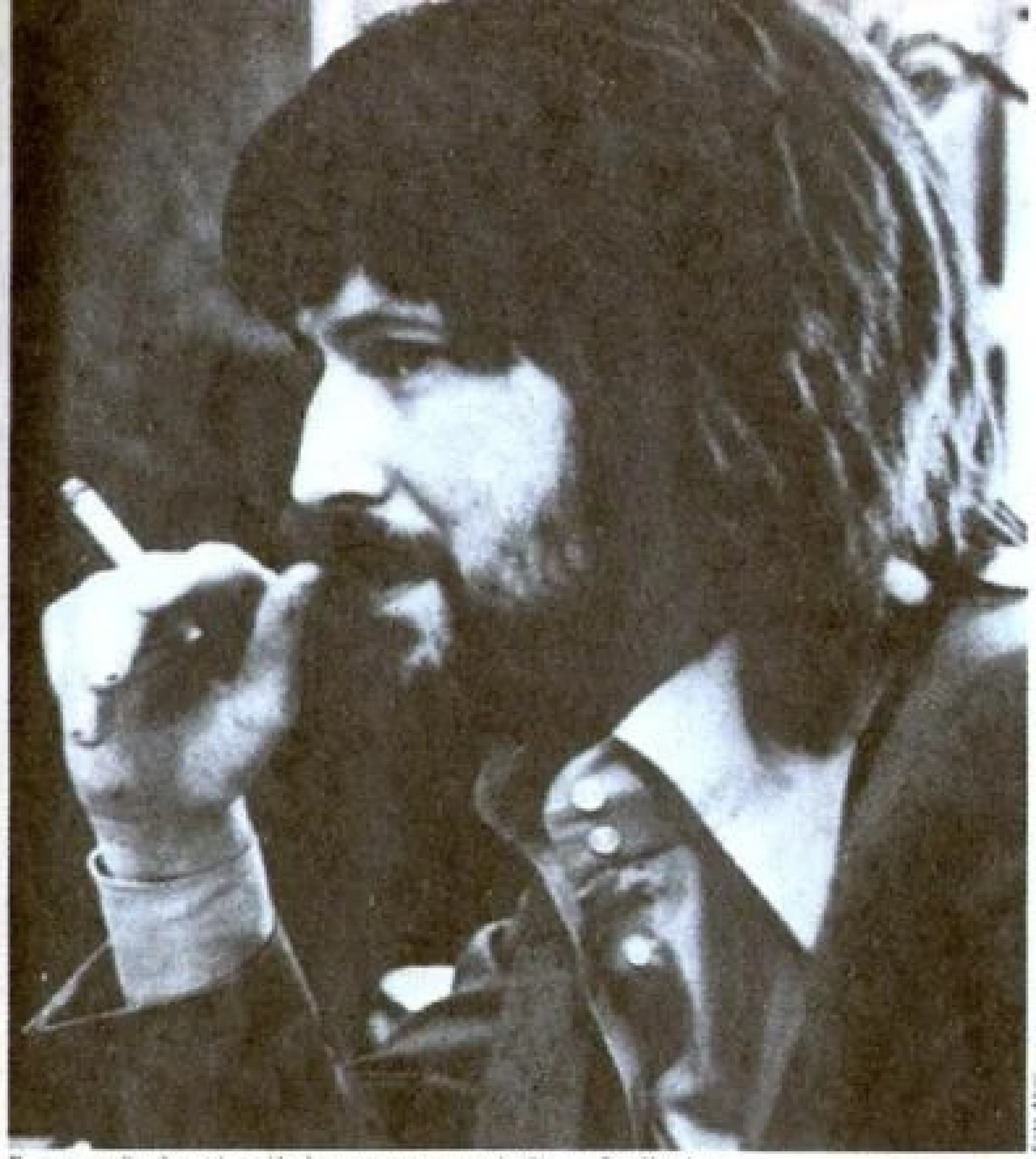


Foto Abril

Não é todo dia que um garoto tímido sai do interior inglês para se tornar Deus. Tampouco é comum achar no volátil universo pop um artista que consistentemente mantém viva a tradição do negro blues, através de quase três décadas de carreira. Afinal, Eric Clapton é um só.

Uma das figuras mais proeminentes do blues revival que varreu a Inglaterra nos anos 60, Clapton tem uma invejável folha corrida. Sem exceção, todos os grupos a que se agregou ou ajudou a fundar tiveram parte decisiva na história do rock: Yardbyrds, Bluesbreakers (a banda de John Mayall que também deu ao mundo Mick Taylor), Blind Faith (o primeiríssimo supergrupo de todos os tempos), Cream (com Jack Bruce e Ginger Baker) e Derek and the Dominoes (com o não menos legendário Duane Allman repartindo os riffs de guitarra).

Apesar de suas associações, Clapton sempre foi uma figura solitária e insegura. Seu romance com duas sedutoras damas — Dona Garrafa e Sra. Heroína — o empurraram a um passo da loucura. Mas ele sobreviveu, apoiado sempre em seu primeiro e maior amor — a guitarra. J. D. Cosidine, da revista norte-americana *Musician*, teve uma longa conversa com o virtual primeiro herói da guitarra e emergiu da longa sessão com revelações bastante profundas sobre Clapton. A seguir, o som de Deus falando.



Deus em meditação, recém-saído de um romance quase fatal com a Sra. Heroína

ERIC CLAPTON

BIZZ — *Em vários sentidos, você foi o primeiro herói da guitarra de verdade. Entre outras coisas, isso significa que você não teve precedentes. Como você se sentiu quando começaram a aparecer pichações nos muros de Londres dizendo "Clapton é Deus"?*

Clapton — Bem, acho que tentei ser aquilo, deliberadamente. Lembro de ter ido ver uma porção de filmes no final de minha adolescência e de ter criado para mim um tipo de atitude *cool* em relação ao que eu ia fazer. Quer dizer, seja lá o que eu fosse fazer, queria usar óculos escuros, ficar calado e ser bastante preguiçoso.

Você lembra de um filme de (John) Cassavetes chamado *Faces?* Era um filme underground que ele ia inventando à medida que ia filmando, um negócio tipo geração beat. Vi o filme e fiquei muito impressionado com toda aquela transa machona. Pensei comigo: "Ótima maneira de ser. Em tudo que eu fizer vou incorporar esse barato e, assim, serei diferente."

Mas essa coisa de ter sido o primeiro herói da guitarra, para mim Chuck Berry, Buddy Holly e Bo Diddley foram heróis da guitarra. Quer dizer, eles também cantavam, mas sempre os vi como guitarristas. E eu os achava bastante *cool*, embora há pouco tempo tenha visto alguns filmes caseiros do Buddy Holly e descoberto que, na verdade, ele era um garotão, como todos os outros.

BIZZ — *Berry, Holly e Diddley podem ter sido grandes guitarristas, mas, na verdade, eles nunca tiveram o ar de virtuosos solistas que geralmente é associado aos heróis da guitarra. Basicamente eles tocavam uns solos de 12 compassos, e alguns eram bastante simples. Por exemplo, você conseguiria tocar praticamente todo o solo de "Peggy Sue" (de Holly) numa mesma posição, usando apenas acordes de pestana.*

Clapton — Bom, aquele som me impressionou e eu não sabia que era tão fácil tirá-lo. Quando você ouve, não parece tão fácil. E este é o grande barato, a decepção. Mas Holly foi-se tornando cada vez mais esperto. "It's So Easy" tinha um solo fantástico. No começo pensei que não fosse ele tocando. Ainda não tenho certeza. Mas se for — e acho que sim — ele demonstrou ter crescido bastante, desenvolveu muito a guitarra. Portanto, definitivamente ele era um herói da guitarra.

Mas acho que ... veja só, o que eu fazia era pegar o blues — de Chicago, de qualquer parte — e usá-lo para iniciar algo bastante singular neste país. Não havia nada parecido, aqui. Pode ter havido dois ou três músicos que sacavam o negócio, mas não faziam muito esforço. Portanto, tive muita sorte por ter descoberto naquela época que poderia me destacar fazendo aquilo.

BIZZ — *É claro que você poderia ter canalizado sua ambição noutra direção; para o jazz, por exemplo.*

Clapton — Yeah, fui até tentado a fazer isso, em determinada época. Quando comecei a comprar discos de John Lee Hooker — que eram lançados pelo selo Riverside —, eles ficavam nas lojas junto com os discos de Blue Mitchell e John Coltrane. Até comprei aqueles álbuns, e havia neles uma série de grandes guitarristas, como Gabor Szabo, que me interessaram levemente porque modulavam as cordas. Mas eles não me pareciam inteiros, e jamais seriam destaques. O único era Jim Hall, mas ele era suave demais, não tinha ataque. Eu poderia ter ido naquela direção, mas não havia ninguém que eu pudesse seguir.

BIZZ — *As pessoas com quem você se identificava — Albert King, Freddie King, B.B. King...*

Clapton — ...e Buddy Guy.

BIZZ — *Obviamente eles eram guitarristas sensacionais, mas o que havia neles que o atraía?*

Clapton — Acho que tinha a ver com a segurança com que tocavam. Sabemos agora que o solo de "Peggy Sue" não era nada especial, tecnicamente, mas a segurança o tornava algo especial, e isso existia no jeito de aqueles caras tocarem. Quer dizer, eles tocavam uma nota e conseguiam modular aquela nota até onde quisessem que ela fosse. Sem a mínima hesitação. Acho que foi isso que atraiu — a confiança total — porque eles sabiam exatamente o que estavam fazendo. Então, os segui. Não tinha como errar.

BIZZ — *Billy Gibbons (guitarrista do ZZ Top) lembrou que um dos primeiros sintomas de um mau tocador de blues, de um imitador, era que o cara não conseguia saber quando devia parar de modular as cordas.*

Clapton — Porque não têm segurança. Quer dizer, não é porque eles são desafinados, ou coisa assim. É porque não estão seguros de si o suficiente. Quando passam a modular as cordas, entram em pânico, pois podem não fazer a corda chegar onde querem, ou podem passar do ponto.

BIZZ — *O tempo todo você enfatiza a segurança. É engraçado, mas você me faz lembrar de Pete Townshend. Ele confessou uma das razões de ter resolvido tocar guitarra: se as pessoas passassem a prestar atenção no jeito que ele tocava deixariam de prestar atenção no nariz dele.*

Clapton — (Gargalhando) Essa eu ainda não tinha ouvido. É bastante franco.

BIZZ — *Mas isto — o adolescente tímido, com um reduzido sentimento de auto-estima — é uma boa parte do mito do herói da guitarra. Você era assim?*

Clapton — Passei por todas as piores coisas da adolescência. Você sabe — se apaixonar, ficar magoado, sair atrás de mulheres que estavam totalmente fora de meu alcance. Yeah, acho que é exatamente assim — tocar guitarra é como um blefe; você oculta todo o seu lado babacão. Você ameniza a coisa. A primeira vez que fui realmente aceito pelos caras com quem costumava sair foi por causa da minha guitarra. Tentei me vestir como eles, tentei usar o cabelo da maneira certa, cuidei do visual, mas era deficiente nesses departamentos. Então, a guitarra ... acho que tive sorte, provavelmente, em ter aquele dom, porque não parecia tão difícil quanto deveria. E foi o que me salvou.

BIZZ — *Quantos anos você tinha?*

Clapton — Ah, 16, 17.

BIZZ — *E você começou tocando folk?*

Clapton — Yeah, mas ainda assim era blues. Coisas como Jesse Fuller, Big Bill Broonzy e Blind Boy Fuller. Quase ragtime. Você tocava aquele tipo de música num pub, se tornava o herói de seus amigos e ainda bebia de graça. E finalmente eu era capaz de fazer algo que ninguém conseguia fazer.

BIZZ — *Você também cantava?*

Clapton — Não, ainda não. Cantava em casa, algumas vezes nos pubs, mas não era nada sério. Não estava desenvolvendo minha voz.

> **"Quando pego a guitarra e ela soa apenas como uma guitarra, eu acho muito chato"**

BIZZ — *Quem cantava, então?*

Clapton — Um cara chamado Dave Brock, que acabou participando de um grupo, o Hawkwind. Não o vejo desde que trabalhávamos nos pubs.

BIZZ — *Mas isso não era parte da transa* cool *do herói da guitarra — caras que tocavam mas não sabiam cantar?*

Clapton — Infelizmente, sim. E eu acho que eles deveriam ser capazes de cantar, ainda que fosse apenas como apoio para a guitarra. Robbie Robertson é assim; ele é um grande cantor e ouvi algumas faixas antigas dos discos do The Band nas quais a voz dele é justamente aquela que você pensa ser de outra pessoa.

BIZZ — *No início de sua carreira você se distinguiu por não apenas buscar uma atitude singular em relação ao instrumento, mas também por criar uma sonoridade bem distinta. Era de propósito?*

Clapton — Oh, yeah. Sempre busquei algo além da guitarra. Quer dizer, sempre odiei o som de uma guitarra careta, pura e simples. Quando

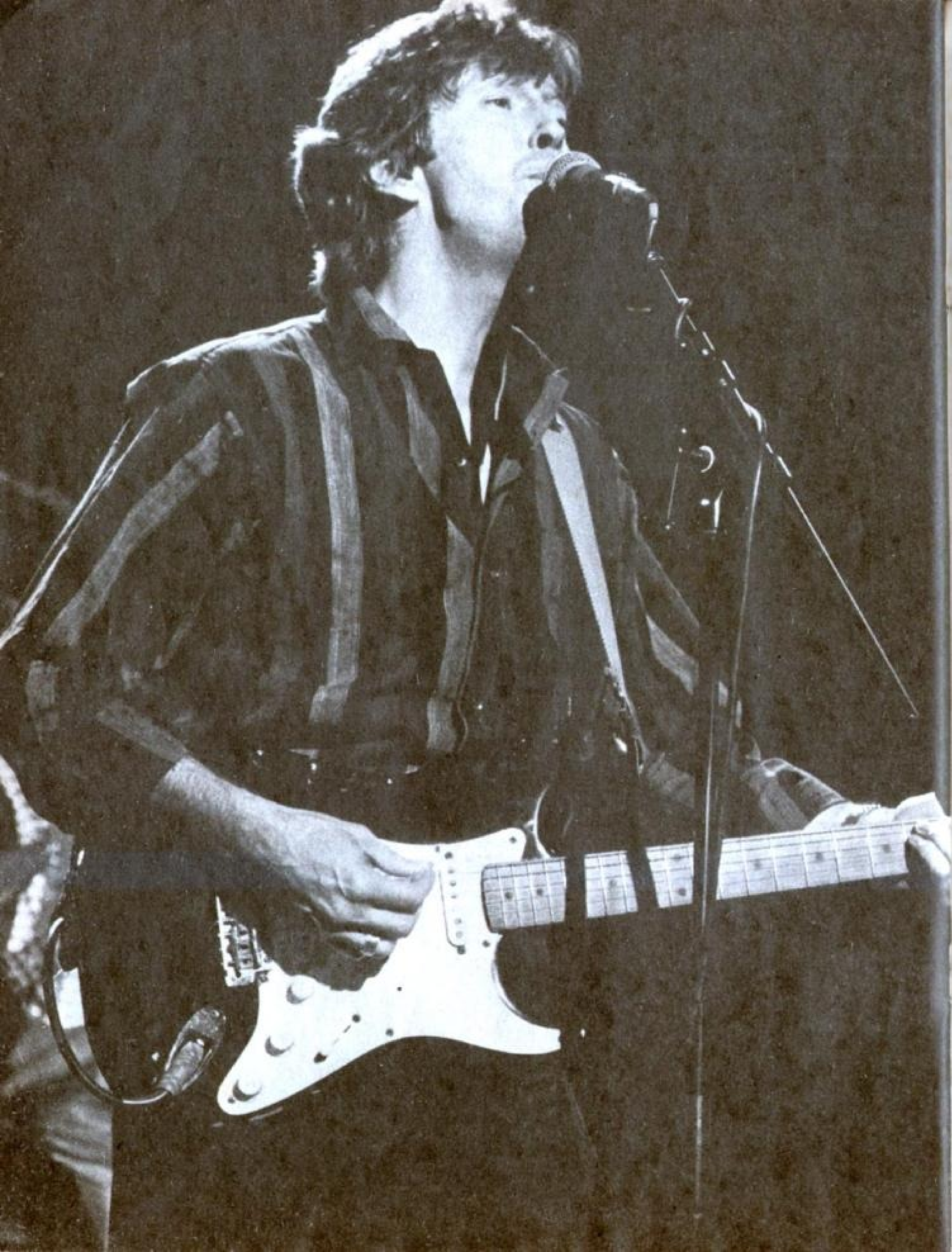


Foto Gammal/Sigla

ERIC CLAPTON

zendo bem, pois me toquei de que, embora estivesse aceitando o fato de que todos aqueles músicos conheciam exatamente o que havia na superfície, na verdade não sabiam o que existia por baixo.

BIZZ — *De certa forma, porém, não seria simplesmente uma questão de estilo? É tão difícil imaginar Edward Van Halen tocando blues quanto seria imaginar você tocando as coisas dele.*

Clapton — Não, eu não poderia. Não poderia.

BIZZ — *Ainda que você domine completamente a técnica.*

Clapton — Não, acho que não. Acho que é uma técnica à parte. E, à maneira dela, também muito importante. Ela envolve o uso de coisas que eu desconheço totalmente, como a alavanca. Quer dizer, Jeff Beck provavelmente está mais próximo daquele estilo, e vendo Jeff tocar eu nunca vou chegar àquilo. A questão é saber se eu quero ou não. Sempre penso: "Bom, quando eu chegar no estúdio vou fazer uma tentativa". Mas o que vai tornar a coisa tão diferente assim no estúdio? O fato de que você pode usar brinquedinhos eletrônicos? E se você se basear nos brinquedinhos você não chega a parte alguma, porque ainda assim tudo se resume ao que você faz com suas duas mãos. E definitivamente me escapa o que Eddie faz. Totalmente.

O negócio é o seguinte: se ele quiser tocar blues, precisa vê-lo como um estilo. Que tem *regras*. É como o teatro kabuki japonês, ou algo assim; cada estilo requer que você faça algumas coisas e não faça outras. Se alguém chegasse a sua cidade — por exemplo, se ele ainda fosse vivo, Sonny Boy Williamson — e você pensasse "ah, ele é um bluesman, portanto só vai tocar blues de 12 compassos"... tudo bem. A maioria dos músicos se considera capaz de tocar um blues. Mas cada blues de 12 compassos é diferente. Sonny Boy Williamson criava uma introdução para determinadas canções. E se você não soubesse isso ele ficava revoltado. Sei disso por experiência própria, porque ele ficou revoltado comigo! Porque aquela era minha atitude, quando eu estava no Yardbyrds. Eu pensava: "Um blues de 12 compassos é assim: um, dois, três, quatro, dan-dan-dan..." Logicamente não é assim. Teria que haver uma introdução e, então, um riff que ele desejasse. E se você não tivesse sacado isso no disco ele ficava revoltado com você.

Portanto, é como tudo — tem regras. Para tocar blues você precisa ter ouvido todos os discos dele (Williamson), todos os de Muddy Waters, todos os de Bobby Bland. Todos eles, para saber o que é cada um.

Se você reunisse todos os melhores músicos numa sala e dissesse "vamos fazer um blues", seria muito difícil começar sem que alguém acabasse citando alguma coisa. Na verdade, você está falando de uma canção e se você dissesse "vamos fazer um blues" alguém precisaria perguntar "bom, mas que canção nós vamos tocar?" E se partiria dali. (Rindo) Dependendo de todo o mundo conhecer a porra da canção.

BIZZ — *A maioria dos músicos que já entrevistei diz que os solos que eles fazem não são planejados, mas*

"O mais próximo que eu tive de um guru foi Muddy Waters, passamos muito tempo juntos"

parecem pintar do nada. Isso acontece com você?

Clapton — No palco, logo na primeira estrofe eu já estou pensando no que vou fazer quando chegar a hora do solo, que, na verdade, está ainda a um ou dois minutos de distância. Tenho uns flashes do que deveria fazer, então, quando chega a hora, já desenvolvi uma atitude, um tipo de personagem.

Aí eu parto para a luta... e fica uma creca. (Risos) Quer dizer, eu posso saber o que quero fazer, mas na hora H a coisa acaba indo para uma outra direção completamente diferente da que eu quero.

BIZZ — *E isso ocorre por causa do que a banda está tocando?*

Clapton — Tem muito a ver com o que está acontecendo ao seu redor, porque você não deseja chocar alguém na banda. Quer dizer, se você fosse fazer aquilo que realmente quer, seria capaz de iniciar uma míni-revolução no palco, ou coisa assim, na qual todo o mundo ficaria chateado. Sempre achei que o solo ideal seria aquele em que você, na verdade, não faz coisa alguma. Então, está todo o mundo segurando, esperando, dizendo "que negócio é esse?" E, enfim, depois de oito compassos, talvez, você ataca.

Agora, tente só fazer isso. Porque a banda já ia achar que havia algum problema com seu equipamento, e o momento estaria perdido. Então é um tipo de coisa que precisaria ser deliberadamente planejada, seria necessário informar a banda a respeito disso. "Rapaziada, hoje à noite vou ficar sem tocar durante oito compassos." E aí a espontaneidade já teria ido pro espaço.

A outra coisa é que eu sempre toco em excesso. Toda vez que ouço o que fiz fico sempre desapontado. Eu odeio ouvir fitas de show. Algumas vezes ouço e penso: "Eu podia ter dado três notas, em vez de 10. Simplesmente reduzir à metade. E teria tido muito mais significado". Mas é muito difícil.

BIZZ — *Muitos heróis da guitarra já tiveram gurus: Pete Townshend com Meher Baba, por exemplo, ou Carlos Santana com Sri Chimnoy. Mas você nunca teve ligação desse tipo com alguém.*

Clapton — Bem, sim, o mais próximo disso aconteceu com Muddy Waters. E passamos muito tempo juntos, levando em consideração o tempo e as situações à nossa disposição. Acho que isso foi a coisa mais próxima de se ter um guru, e não havia troca de palavras. Era só um lance de ouvir, de ver, e de tomar exemplos. A maior parte do tempo, provavelmente, eu exagerei.

Não sei, sempre tive reservas a entrar numa coisa que exigisse que eu abrisse mão das coisas que eu tenho. Acho que o Carlos (Santana) às vezes sentia um pouco de vergonha da vida boazinha em que se meteu, entende? Na estrada, costumávamos sair juntos e uma noite, após uma gravação, eu disse "OK, eu rezo com você, mas só se você beber uma garrafa de tequila comigo, amanhã à noite". E era um trato engraçado. Cada um fez sua parte, mas não sei se ele apreendeu alguma coisa disso tudo. Ou se eu extraí algo daquilo.

Ter sido capaz de observar Muddy e aprender com ele era permanecer em território conhecido. Simplesmente através da serenidade e do poder que ele tem consegui ter uma visão mais profunda. E, o me-

lhor de tudo, é que aquela era a música que eu amo. Não precisei sair do que estava fazendo para descobrir outra coisa.

BIZZ — *Quando se pensa numa pessoa como Muddy Waters, parte da dinâmica na música dele deve-se ao fato de que ele não apenas conhecia Little Walter ou Jimmy Rogers como músicos, mas ele também os conhecia como pessoas, conhecia suas famílias, suas namoradas, sabia quem eles eram. Porque aquela era uma das partes da cena de Chicago, naquela época.*

No rock, hoje em dia, não parece existir esse tipo de coisa. Os músicos de rock, em geral, parecem não querer a permanência da família — porra, um punhado deles não consegue transar uma esposa —, mas querem a conveniência de ter alguém lá, seja como parceiro na música, seja como companhia, ou lá o que for. Penso se não é por isso que alguns dos grandes momentos do rock são tão fugazes.

Clapton — Sim, acho que sim (Pausa). Muito profundo esse assunto que você está levantando. Atiça o raciocínio, né? Acho que um cara como o Muddy... quando ele fazia aqueles discos ele não estava sob o tipo de pressão que os astros de rock sofrem hoje em dia. Quer dizer, toda essa coisa de excursionar o mundo inteiro. E, ainda agora, toda vez que começo um novo álbum me sinto como se estivesse começando uma nova vida, de certa maneira; tipo os novos "gostos" e "não gostos". E todo o sentido de uma coisa permanente sai pela janela. Tendo a esquecer a família, minha mãe, minha avó, meus tios. Esqueço tudo a respeito deles, e quase saio à procura de coisas novas.

Os músicos anseiam por ficar num quarto de hotel, longe de casa. É irreal, né? E se afastar da realidade do dia-a-dia. As coisas que vão se acumulando e enlouquecendo você em casa — de repente elas ficam para trás e você se coloca numa situação em que você desfaz as malas num dia, torna a fazê-las e se manda para um outro lugar. E você fica intocável.

BIZZ — *Há quantos anos você excursiona?*

Clapton — Vinte e cinco anos.

BIZZ — *E você ainda...*

Clapton — Enlouqueço? (Risos) Não, e cada vez fica mais difícil realmente achar... acho que me toquei disso pela primeira vez quando parei de beber. O que foi seis anos atrás. Caí na estrada, meio prematuramente, com minha banda, nos Estados Unidos. E não havia mais festas — sabe como, tipo tocar, ir para a cama, levantar no dia seguinte e fazer as malas. E eu pensei: "Pra que eu tô fazendo isso?" De verdade, eu chegava no palco me perguntando: "o que é que estou fazendo aqui?". E aí acendia uma lampadinha na minha cabeça: "Você pode tirar bom proveito disso. Você é pago para fazer isso, e você pode se divertir assim, ou pode odiar. A escolha é sua".

Foi muito difícil achar motivo para gostar, mas consegui, e no final da turnê já estava me divertindo. Mas foi a primeira vez em que me senti como se estivesse apenas indo trabalhar.

BIZZ — *Você não sentia essas mesmas coisas antes de parar de beber?*

Clapton — Não. Minha mente estava trancada. Eu estava tão dominado por bebida, por drogas, era como um zumbi. Eu fechava as válvulas de escape e me empurrava em direção aos meus limites. Acabei tendo uma úlcera e entrando em colapso. Deveria até saber que tinha úlcera, mas tomava tantos analgésicos que nem percebia. E, mesmo assim, continuei bebendo. Na verdade, o ponto final foi quando pensei na possibilidade de ficar maluco. E eu estava bem próximo da insanidade total.

Mas, se eu não tocasse guitarra, não acho que estaria aqui, agora, falando de tudo isso. Se não tocasse a guitarra a ponto de ela ser a coisa mais importante da minha vida, alguma outra coisa teria acontecido. Acho que sempre será assim. Sempre voltarei ao meu primeiro amor, a guitarra.

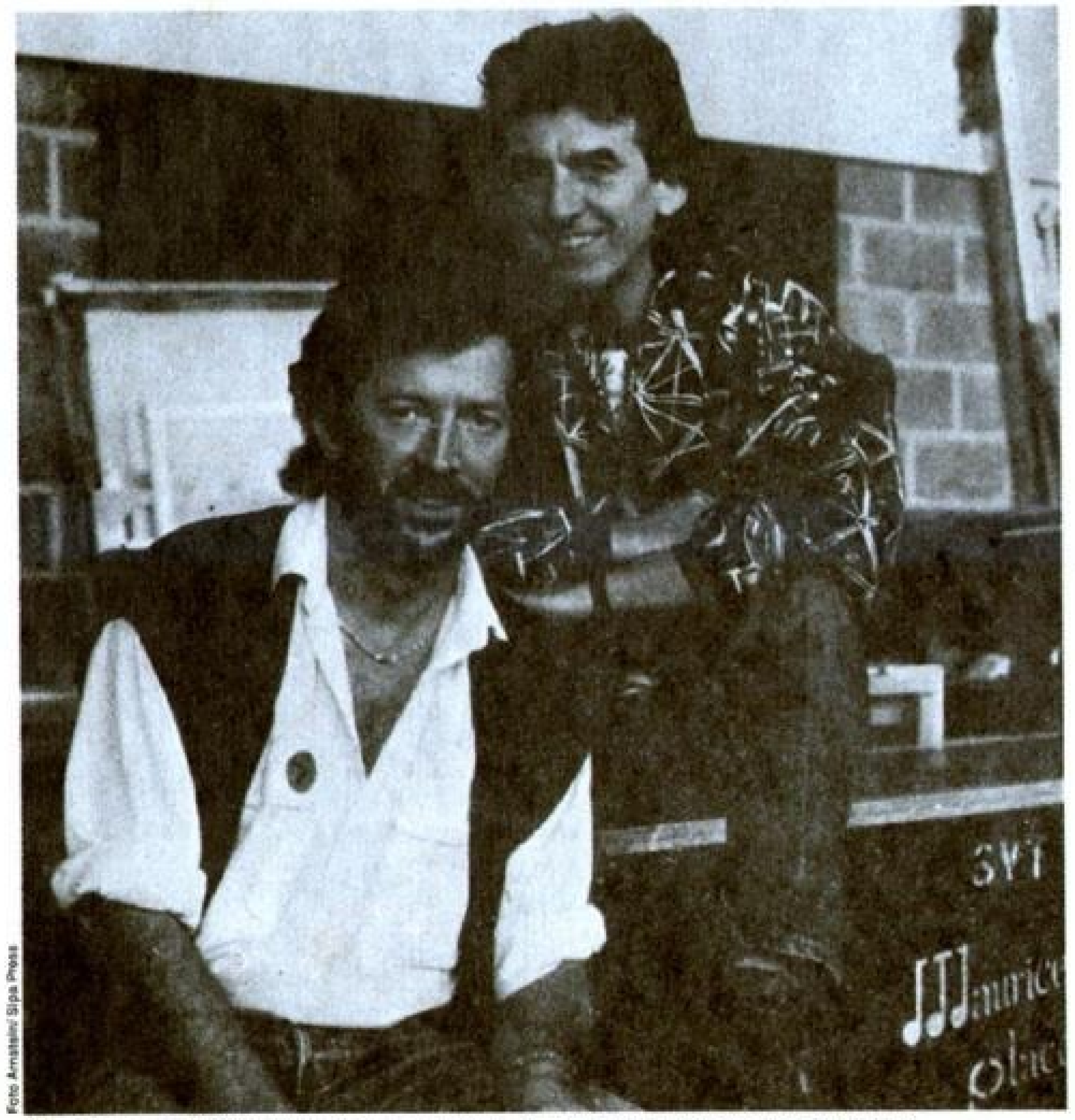


Foto Amstein/ Sipa Press

Velhos amigos, ex-rivais (Clapton tomou de George a esposa), mas, acima de tudo, dois músicos que gostam de tocar juntos

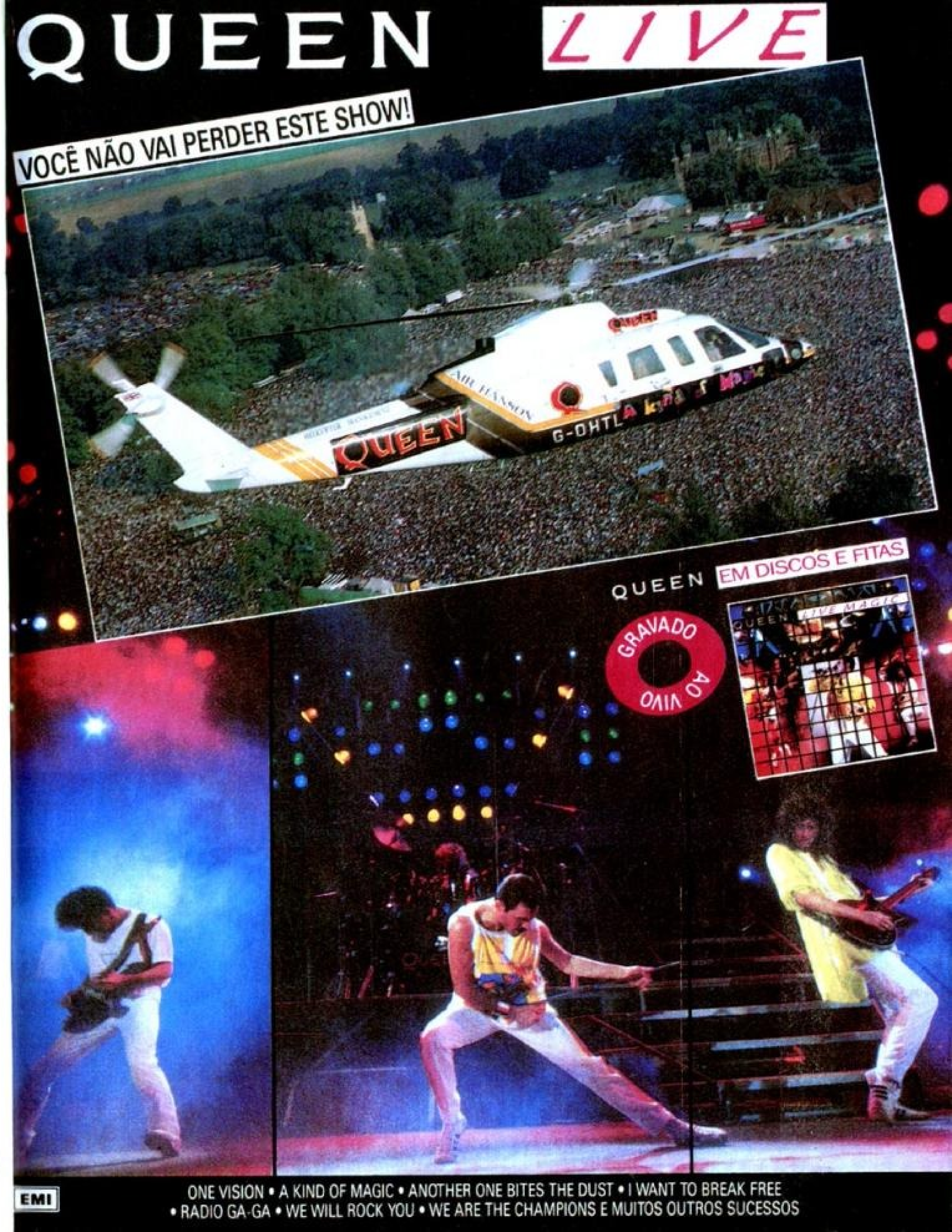


Foto Angelo Pastorello

METRÔ

CORRENDO EM LINHA NOVA

Eles deram um basta às imposições, deram um tempo... e agora dão as boas notícias

O *atual* Metrô (à exceção do novo vocalista, Pedro) tem origem no ano de 1979, sob o nome de A Gota Suspensa. Os integrantes tinham, então, por volta de 16 anos. O resultado dessa primeira fase foi um rock influenciado pelas correntes progressivas e essencialmente instrumental.

O primeiro LP independente da Gota caiu nas mãos da CBS em 83, e seu som "não interessou" — nessa época a Blitz expandia o mercado de batatinhas fritas... Mas, dias depois, a gravadora chamou novamente a banda. É lógico que para o contrato sair o som tinha de mudar. E eles mudaram... A Gota Suspensa virou Metrô, colocaram uma gatinha no vocal, fabricaram alguns hits e, OK, *baby*, ao sucesso... Mas os efeitos colaterais da decisão já se manifestavam seis meses antes do grupo dar fim a essa mesmice. Culminou no final de 85, quando Virginie (vocal) saiu em carreira solo e Alec (guitarra), Danny (bateria), Yann (teclados) e Zaviê (baixo) ficaram no estúdio fazendo improvisações...

Na verdade, tirando aquela fase negra, esses franceses são bons instrumentistas, têm um gosto musical apurado e, a partir da dissidência, passaram a compor via *feeling*, espontaneidade, tesão, enfim. Lembro-me de ter ficado muito entusiasmada com um ensaio a que assisti, por acaso, há uns seis meses. E mais entusiasmada ainda quando conheci o vocalista que, àquela altura, já estava trabalhando seriamente com o grupo.

Pedro Parq, português, originário de uma das bandas mais inovadoras do cenário lusitano — Mler Ife Dada —, tem voz e carisma e faz letras que, sem dúvida, se diferenciam do romantismo meloso, dos protestos inverossímeis que reinam por essas plagas. "Lágrimas Imóveis", nome de uma das músicas do LP *A Mão de Mao*, traz uma imagem de rara sacação poética. "Estou aprendendo a tocar um instrumento que não é meu — cantar em 'brasileiro'. Mudava as letras todos os dias... E ainda mudo. No fim, acabou saindo com a intensidade que eu queria... Não sei o que escrevi, nem o que está dizendo, mas... é uma coisa pop. Não saber é uma fonte de inspiração", fala Pedro. Danny aproveita a deixa de Pedro e reclama que aqui no Brasil, quando algo parece "dar certo", lá se vão cinqüenta bandas atrás da fórmula. Exemplo disso é a "invasão afro", que — longe de se menosprezar esse som e sua importância — não é nada de tão novo e inédito, como querem alguns. As fusões que estão chegando *só* agora já acontecem na Europa e EUA há mais de dez anos.

Hoje o Metrô abomina seus antigos hits. E critica o rock daqui, sugerindo algumas receitas

Para Pedro, o rock precisa de uma constante renovação de linguagem. "Caguei que seja inglês, 'brasileiro' ou outra língua... Gosto de trabalhar com sílabas, sem sentido...Sexo, drogas, política... São temas que perdem cada vez mais o peso. Vejo a coisa mais para o ruído — na forma própria da palavra, de gritar, murmurar...Ao mesmo tempo isso não tem de ser uma prisão... O que se torna necessário, sem dúvida, é abrir as portas para se poder passear e dar vazão aos improvisos." E Alec acrescenta: "O rock no Brasil ainda está na fase primitiva, em termos de letra, salvo raras exceções". Quais? "Titãs, por exemplo". Pedro emenda: "Falta audácia, mais profissionalismo e cabeças mais apuradas... Música é música. Se for boa, original, honesta e 'de dentro', salta... Detesto esse tipo de ditadura que está no ar".

O nome Metrô, que incomodava bastante, foi o maior problema a ser resolvido. Num grupo unido, onde a opinião de um vale muito, não houve acordo. Acabou ficando Metrô mesmo. Mas.e as confusões que podem advir disso? Desta vez é Zaviê quem toma a palavra: "O som está tão obviamente mudado que não precisa mudar a roupa". Falando em roupa e estética, que tal a capa do disco? O nome *A Mão de Mao* refere-se a Mao Tsé-Tung, ou não? Política no pedaço?! "Surgiu por causa dos escritos, recém-publicados, sobre a vida privada de Mao... São muito interessantes. E fiz uma letra sobre isso... É um contato com Mao mais como pessoa que como ditador", explica Pedro. E dá alguns detalhes: "Trabalhamos com uma foto da China, feita pelo Fernando Zarif (artista plástico)... Várias pessoas, muitas tribos... Na verdade, foi uma opção estética. Poderia ter sido o prédio branco da frente..."

O que eles esperam? "Que a evolução do mercado de rock tenha trazido alguns resultados... Fazer rock no Brasil, na época em que surgimos, era muito amador. O Metrô daquele tempo foi fruto dessa estrutura", comenta Danny. Alec acrescenta: "Espero que os profissionais (de produção) tenham melhorado. Eles não sabiam nem o que era um P.A."

No show a improvisão será a tônica, garantindo, assim, um espetáculo inédito a cada momento. Para o primeiro clip, uma linguagem bem brasileira — grotesca e crua. "É o que o esquema daqui oferece", afirma Alec. "Estou mais preocupado em discursar em cima do bizarro."

Alguma mensagem para os antigos fãs? Danny: "Esqueçam-nos". Alec: "Fechem um ouvido e abram o outro". Sônia Maia

HÜSKER DÜ

Foto WEA Music France

A VINGANÇA DOS MESTRES DO MASSACRE SÔNICO

Grant Hart, o baixista do trio, ligou de Ohio, EUA, para dizer que o que faz é apenas rock'n'roll. *José Emílio Rondeau* prefere dizer que o Dü cria em sons a sensação de uma chuva de lava...

"Quanto você ganhou em troca de sua alma", rosna Chrissie Hynde numa das faixas do novo álbum dos Pretenders. Confesso produto dos anos 60 — uma era calcada no idealismo de construção de um mundo melhor, mais justo — e mergulhada no circo Rock logo após a enxurrada do aluvião punk de 76 — justo o momento em que o poder foi devolvido à garotada —, Chrissie ataca nesta canção toda uma pletora de artistas que literalmente emprestaram sua imagem e seu som a campanhas comerciais em troca de uma nota preta. Por causa dessa troca de interesses, para Hynde, o rock — ou parte dele — estaria perdendo duas importantes características: dignidade e credibilidade. Para usar o jargão específico da indústria, muita gente no rock estaria se vendendo — *selling out*.

Agora considere o caso do trio norte-americano Hüsker Dü. Formado em St. Paul, Minnesota, pelo baixista Grant Hart, o guitarrista e vocalista Bob Mould e o baixista Gary Norton, o grupo gastou quase toda a última década afiando seu rock supersônico, virulento, em lançamentos independentes. Junto com Replacements e Minutemen, o Dü, desde seu nascimento, liderava a linha de frente do novo rock norte-americano não pasteurizado. Praticamente adaptando à realidade fonográfica os ensinamentos das táticas de guerrilha, o Dü construiu uma discografia tão extensa quanto intensa dentro de seu próprio selo, Reflex. No processo, arrebanhou talentos mais novos ainda e permitiu que eles também lançassem seus próprios discos, ou seja, o sonho de igualdade dos anos 60 mesclado ao *do-it-yourself* pós-punk em franca atividade. Como o inglês Clash, antes deles, o Dü era a banda norte-americana mais disposta a jogar de acordo com suas próprias — e justas — regras, sem armação, sem papaizão fonográfico por trás, sem patrocínio de cervejaria ou marca de perfume.

No ano passado, contudo, o grupo fez justamente aquilo que ninguém esperava vê-lo fazer — mudou-se, de mala e cuia, para a toda-poderosa Warner Brothers. *"Sell out"*, berraram os guardiães da integridade Rock, atentos a qualquer mínimo deslize na trajetória do grupo que pudesse denotar algo remotamente parecido com uma doma da indústria. Quando saiu *Candy Apple Grey*, então, os berros de quem já havia ranhetado antes pareciam dispostos a demolir as Muralhas de Jericó. Afinal, a estréia do Dü na Warner era o disco mais pop e comercial, sonoramente, de toda a carreira do trio. Teria sido aplacada toda aquela fúria incontrolável que tornava cada audição de um disco do Dü o equivalente a um passeio sob uma chuva de lava fervente?

A resposta não tardou e chegou menos de um ano depois, sob a forma de *Warehouse: Songs and Stories*, o segundo álbum duplo do trio. Tão feroz quanto nos "velhos tempos". Só para ter uma idéia, o crítico David Fricke, da **Rolling Stone**, disse que "as cinco faixas do lado 1 (do disco) constituem a explosão mais intensa de metalurgia veloz e ininterrupta criada pelo grupo desde seu LP *Metal Circus*, de 1983". É mole ou quer mais? Portanto, a surpresa deve ter sido dupla: puristas, tradicionalistas e pentelhos em geral caíram de cara no chão quando descobriram que a pretensa caretice que viam no Dü multinacional era mero produto de suas mentes conturbadas e patrulheiras. A Warner, por sua vez, talvez tenha se espantado com a súbita reencarnação do HD de antigamente. Se pensou que havia transformado o Dü em mais uma banda pop inócua, errou. Mas quem pode garantir que a gravadora queria?

A voz de Grant Hart chega fraca pelo telefone, trazida ao Brasil de Ohio, onde o HD está prosseguindo sua turnê norte-americana após breve interrupção causada pela morte do empresário do grupo, David Savoy. Grant tem uma explicação sucinta para o ritmo prolífico de criação da banda, capaz de fazer dois álbuns duplos em menos de três anos. "Somos dois compondo o tempo todo", explica, referindo-se também ao guitarrista Bob Mould. "Por isso, temos sempre muito material para gravar." Mesmo assim, argumento, o HD trabalha rápido demais para a norma da produtividade pop. Bom exemplo disso é o primeiro duplo do trio, o clássico *Zen Arcade*, que eles mesmos já definiram como sendo um cruzamento entre *Jesus Cristo Superstar*, *Evita* e *A Noviça Rebelde*. Gravado e mixado em apenas 80 horas de estúdio. Como isso é possível? Grant não pestaneja: "Mas nós já havíamos ensaiado o disco todo durante dois meses antes de gravarmos". O mesmo ocorreu na produção de *Warehouse: Songs and Stories*, batizado com o nome do lugar onde a banda ensaiou as vinte canções do novo disco. O envolvimento dos integrantes do grupo é intenso em todos os desdobramentos de sua carreira. A exemplo do que têm feito muitos dos artistas de sua geração, o HD cria, dirige e edita todos os seus clips, geralmente *affairs* visualmente arrebatadores pela simples força de utilização das imagens, tão cortantes e potentes quanto a música do trio. "Nós fazemos tudo", arremata Hart.

Sempre foi assim, afinal, desde que Mould passou, por acaso, defronte a uma loja de discos em St. Paul, se sentiu atraído pelo som de discos punk que vinha lá de dentro, entrou e conheceu o balconista/DJ da loja, Hart. Desde 1978, então, o trio se mete em cada aspecto de tudo ligado a eles. E não se deixe enganar por seus ouvidos: o HD não é um grupo hardcore, conforme garante Hart, mantendo o mesmo comportamento de seus companheiros ao desautorizar qualquer ligação de seu grupo àquele filão filhote do punk. "Nós somos uma banda de rock'n'roll." E ponto final. Hart se espanta ao saber da existência da um fã-clube do Hüsker Dü em Volta Redonda, RJ. Se espantaria mais se soubesse que esta legião brasileira jura de pés e mãos juntos que o HD é hardcore.

Quais os planos futuros do HD agora que reafirmou ser uma das bandas mais vitais no atual cenário rock de todo o mundo? Algum projeto paralelo? Mais uma vez Hart é sucinto e direto. "Bom, estou prestes a trocar o filtro do aquário lá de casa."

LIÇÃO DE ROCK

365

Magazine

DIVERSICAR

PARA

ATINGIR

TODAS AS

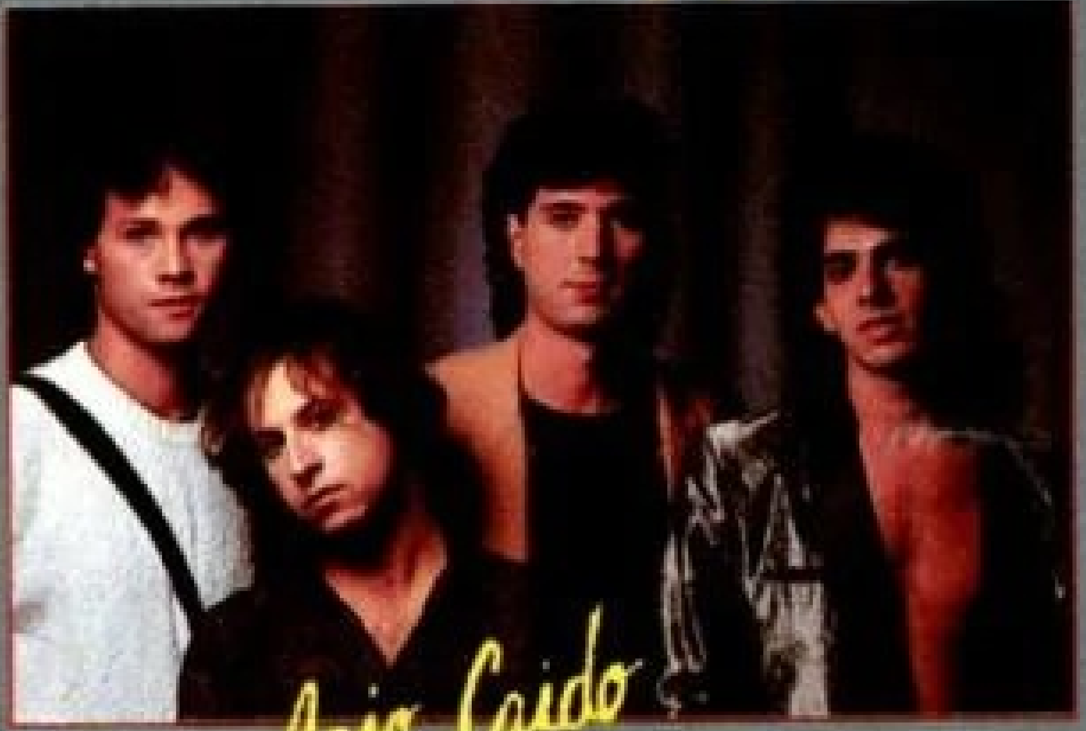
ÁREAS.

DE RESTO

É OUVIR

PARA

CRER!



Anjo Caído

Herva Doce

Gang 90

100% BRASIL

Continental

NAU

O CAMINHO DAS ÍNDIAS

É a primeira viagem, embora eles sejam marujos experimentados. Enfrentando os céticos, estão aí para garantir que o mundo não é quadrado...

"Estamos neste barco para tentar atravessar e achar alguma coisa do outro lado... As pessoas dizem que não têm nada, que o mundo é quadrado... A gente acredita que dá para achar alguma coisa nova." Zique (guitarra) é quem explica o espírito que anima esta banda paulista em vias de lançar seu primeiro LP. Vange Leonel (vocal) se anima: "Não que o Nau se pretenda descobridor de alguma coisa, mas a idéia é ter esta postura aberta frente ao mar... e também é uma ligação com a formação portuguesa do Brasil, esse sentimento mole, lacrimoso..." As letras, de fato, percorrem essa rota declaradamente emotiva. Um exemplo: "Os pensamentos os ventos levam muito mais longe do que as barcas/mas os pensamentos também naufragam", da letra de "Barcas", como esclarece Vange: "É a razão indo por água abaixo e inundando tudo". Os outros elementos, quando descritos em palavras, parecem não pertencerem ao mesmo universo: uma guitarra marcadamente heavy, um baixo (Beto Birger) que puxa para o funk — com estilingadas e tudo o mais — e uma bateria (Mauro Sanchez) que pulsa como no rock mais tradicional.

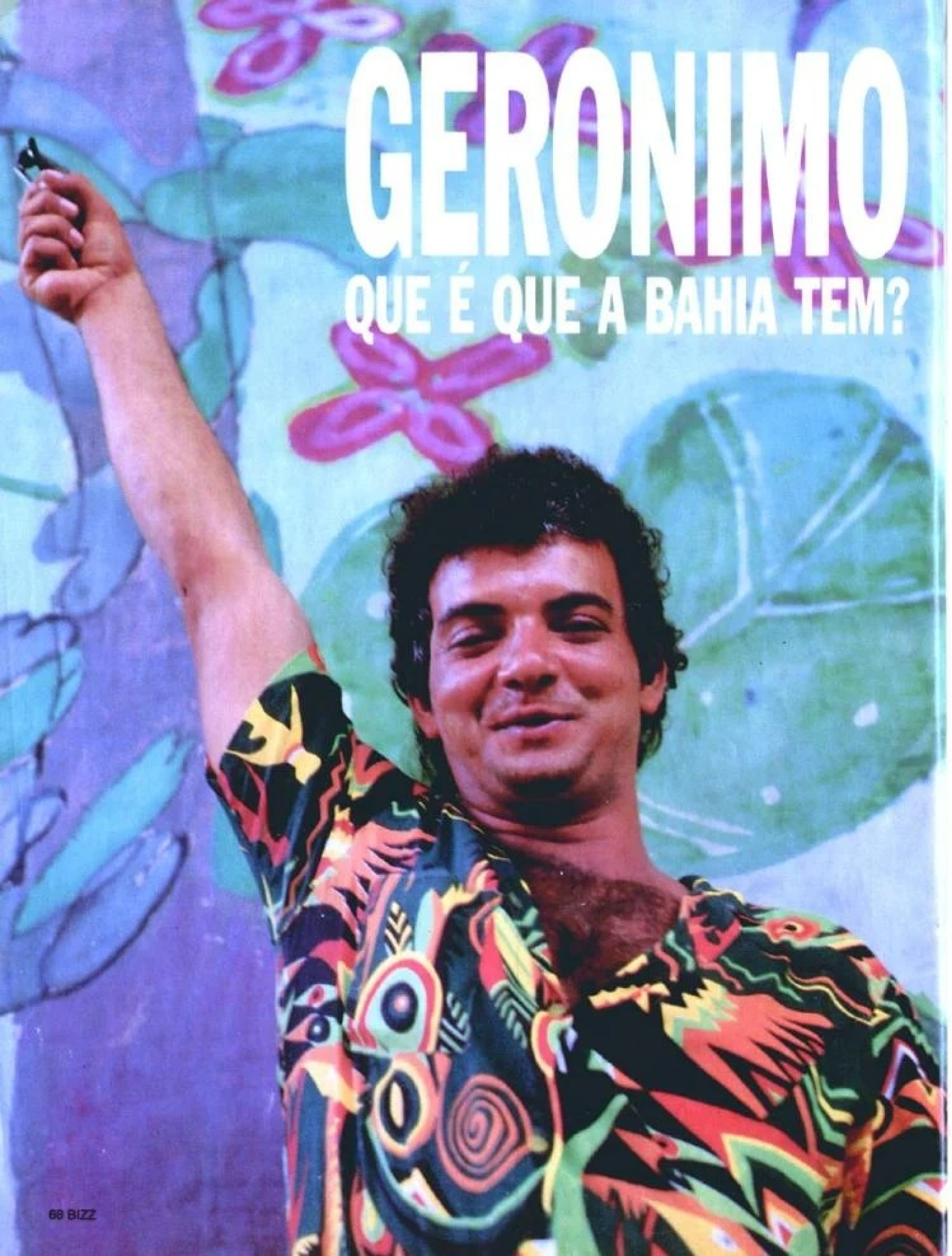
O que os faz participar da mesma tripulação é a relação apaixonada que todos têm com seus instrumentos. "O importante", diz Zique, "é tocar com um sentimento para com o instrumento que traduza o que você está querendo dizer." Talvez seja por isso que a alquimia dê certo e o Nau navegue apontando para o mesmo norte. "Eu ouço muito funk porque é onde o timbre do baixo fica mais rico. Parece que é a fina flor do baixo, assim como o heavy é para a guitarra. Não importe que eu goste de funk, o Zique de heavy e a Vange de blues, por exemplo. Na hora a gente dá um jeito da coisa combinar por inteiro." Mauro arremata: "A gente não segue um estilo, traduz tudo o que ouviu para sua linguagem e procura o ponto onde as quatro linguagens se encontram".

Quando se reuniram para os primeiros ensaios, em algum dia do inverno de 85, nenhum deles estava pegando em seu instrumento pela primeira vez. Beto foi baixista da primeira formação do Zero, Mauro e Vange formavam — junto com Lauro Fino Kiaro e o pessoal que hoje está no Luni — uma banda chamada Fix-Pá — e Zique também participou de algumas bandas que não saíram do pequeno circuito alternativo. Já como Nau, percorreram toda a rota de shows de São Paulo e gravaram duas faixas da coletânea da Baratos Afins, *Não São Paulo 2*, até que, segundo Vange, "a fita foi parar no lugar certo". Ou seja, não no fundo da gaveta, mas nas mãos mais do que certas de Maluly, produtor da CBS. Em outubro de 86, entraram no estúdio: "Existem duas maneiras de enfrentar o estúdio. Uma é usá-lo como uma máquina fotográfica e a outra é fazer do estúdio um outro instrumento. Este disco foi uma fotografia", teoriza Zique. Foi gravado em três semanas, ao vivo e com poucos aditivos além da santíssima trindade de baixo-guitarra-bateria com apenas algumas participações como a do percussionista Zé Paraíba e uma letra de Rosália Munhoz (Mercenárias), entre outras.

Para depois do disco, o plano é voltar a fazer shows, e quem sabe em quais novos mundos a embarcação vai dar...

Bia Abramo

PHILIPS
PHILISHAVE
Tracer
ON
OFF
PHILIPS
PHILISHAVE TRACER.
VOCÊ LIGA, ELE TRAÇA.
FICHA TECNICA
SISTEMA: PHILISHAVE
CARACTERISTICAS: CONFORTO E SEGURANÇA
DESIGN: ANATÔMICO
MOTOR: ALTA CONFIABILIDADE, TECNOLOGIA AVANÇADA
DESEMPENHO: BARBEAR RÁPIDO E CONFORTÁVEL
APARADOR DE BIGODE E COSTELETA
VOLTAGEM: BIVOLT (110/220 VOLTS)
CORES: PRETO OU VERMELHO
ACESSÓRIOS: PRÁTICA BOLSA DE COURO PRETO
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
PHILIPS
Produtos de última geração.



GERONIMO
QUE É QUE A BAHIA TEM?

Nesta época de música africana com sotaque europeu, nada melhor que voltarmos os olhos para a Bahia — filha pródiga, legítima e direta da África. Geronimo, um dos mais ricos herdeiros dessa cultura, conta, aqui, suas histórias. Ele é um ilustre desconhecido. Mas isso já pode ser considerado comum nesta terrinha de muitos santos e poucos milagres...

BIZZ — *Você é um ótimo músico, mas ainda não aconteceu. Como você explica isso?*
Geronimo — Em 83, começaram a surgir vários grupos de rock no Brasil, no estilo da década de 60. E as gravadoras estavam interessadas nessa explosão. Como eu era MPB, meu primeiro disco pela Polygram — *Página Musical* — não foi uma surpresa que a gravadora... Gravei o LP na Bahia e fiquei seis meses boiando no Rio, esperando uma oportunidade para fazer a divulgação. Fiz um disco bem eclético, com várias informações — rock, reggae, salsa... um apanhado da minha vivência.
BIZZ — *Você foi aluno do Smeták?*
Geronimo — Fui aluno do Smeták... Era um dos alunos que ele admirava muito porque *(risos)* eu era polêmico; não estava de acordo com todas as convicções dele. Ele era genial, sabe... Se você fosse viajar na onda dele, abandonava tudo para segui-lo... E eu sou caboclo, neguinha... Eu não tô nessa não. Ele veio de lá porque sabe tudo do mundo e eu do mundo nada sei... Para mim ele era um ser humano, tinha defeitos também. Enquanto todo mundo endeusava ele, eu ficava procurando o calcanhar-de-aquiles dele... Ele era mais esperto do que eu — aproveitava minha energia para trabalhar com ele. Foi uma coisa interessante...
BIZZ — *Isso foi quando?*
Geronimo — Isso foi de 77 a 79. Tranquei matrícula e viajei para a Europa com o balé brasileiro, porque eu fazia balé afro... Fiquei seis meses na Europa e, quando voltei (em 80), parti para minha carreira solo — andarilho em São Paulo e Rio de Janeiro... Eu já estava a ponto de enlouquecer porque, quando a gente tem um coração jovem, a gente acha que tem de resolver tudo logo. O tempo corre muito rápido... E eu tentava mostrar minhas músicas na Polygram, para os produtores mostrarem para as pessoas e elas gravarem. Mas, por eu ser baiano... porque isso é um rótulo horrível, sabe! Eu *quero* dizer assim: *infelizmente* eu nasci na Bahia. Eu mostrava meu trabalho e era subestimado, talvez, por ser baiano. E procurava outros canais. Resultado: eu saindo da Polygram e duas músicas minhas estouravam como sucesso nacional...
BIZZ — *Quais eram?*
Geronimo — Uma foi "Dentro da Minha Cabeça", parceria minha e de Lola Queiroz (83). E, de outro lado, surgia Diana Pequeno com "Mensageiro da Alegria", que estourou aqui em São Paulo. Porra! Eu fora da gravadora e duas músicas minhas fazendo sucesso pelo Brasil. Além disso, uma música do meu disco entrou num LP internacional da Polygram, escolhida pelo Alfred Victory, diretor de *label* (selo) mundial da Polygram...
BIZZ — *Essa que é a "Dança das Águas", que foi sucesso na Europa?*
Geronimo — "Dança das Águas"! E eu telefonava para a Polygram e falava: "Meus amigos! Veja aí, rapaz! Olha, eu estou saindo com uma música na Europa!" E o pior é que os tupiniquins da gravadora nem sabiam! Mas que meu nome foi para o mundo, foi... Eu continuei trabalhando! Já existia um processo antigo em Salvador. Isso começou comigo e o Luiz Caldas...
BIZZ — *Vamos ver se é por aqui: a conexão Bahia, Caribe, África.*
Geronimo — Eu vou chegar a falar nisso... Mas, veja o trabalho artesanal do artista! A gente gravava uma fita num estúdio, tirava uma cópia e, como a gente não tinha resposta dos senhores do Sul, a gente ia nas rádios de Salvador. No caso do Luiz Caldas, antes do fricote, já tinha três ou quatro músicas dele que eram sucesso. Já tinha duas músicas minhas lá que eram sucesso... E a forma de vida artística na Bahia foi o que proporcionou a gente vir para cá — a gente fica lá, levanta o nome da gente e aí nos mandavam para cá... Agora, a influência do Caribe é uma coisa interessante... Por exemplo: em 60 — eu era bem garoto, devia ter uns sete anos — se tocavam muitas músicas de Willie Colon, W. Rodrigues e outros artistas da América Central. Todo mundo ia cantar, todo mundo dançava. Eram coisas que se identificavam muito com a Bahia. Com a Revolução de 64... não, antes da Revolução... Cuba não queria mais pagar o dinheiro aos EUA e foi para o lado da URSS. Nesse momento, qualquer música cubana, qualquer música da América Latina, foi cortada da cultura. Aí estes discos caíram horrivelmente de preço, virou no balaio. Então, quem comprou este disco foi gente humilde, gente pobre... Porque na Bahia não tem zona norte, zona sul, não! Lá é pobre, rico, tudo misturado! E essa música foi tachada de brega. Pô! A ditadura cortou o nível cultural das coisas que vinham para cá! E o que ficou? O rock'n'roll. Toda vez que tem crise, você pode ter certeza: é crise no mundo, é rock'n'roll na cabeça! E o rock'n'roll é dos negros. Foram os negros americanos que fizeram o rock. E os brancos foram lá e tomaram, como o jazz e outras coisas... O lance do trabalho desenvolvido na Bahia é que temos muitas origens africanas, somos muito antropofágicos. Pegamos tudo e engolimos — a gente não tem discriminação de nada. Lá todo mundo é negão! Do político ao mendigo, todo mundo é negão. Se você fez isso comigo, eu me vingo de você... Quer dizer, esses negros, que são pobres de português, inglês, têm uma cultura popular deles que é uma coisa impressionante! A mitologia negra é uma coisa riquíssima! Acho que a gente está se perdendo...
BIZZ — *Deixa eu retomar. Fale um pouco da primeira vez que a música entrou pelos seus ouvidos e as influências que vieram daí.*
Geronimo — Eu sou de uma ilha — Bom Jesus dos Passos. Naquela época não era todo mundo que tinha uma radiola. Então se botava um aparelho de som, um alto-falante e ali se ouvia: Nélson Gonçalves, Dolores Duran, Vicente Celestino, Rita Pavone. Depois pintou um veranista com um disco

Foto: Ary Diesendruck/Azul

GERONIMO

dos Beatles — um som novo na parada! Eu já era músico — tocava instrumento de sopro (em 68) na Filarmônica. Nessa época eu abandonei o sopro e peguei o violão... Daí em diante começou minha carreira, cantando Beatles, mesmo com meu inglês nordestino. Fiquei conhecendo Renato e seus Blue Caps, Os Incríveis, Brazilian Beatles... A partir daí, pinta o quê? Pinta Caetano Veloso como fenômeno na música popular brasileira. Entra Gilberto Gil na parada. Aí vem uma nova forma de música brasileira que é a tropicália...

BIZZ — *Fale de Luiz Caldas, Lazzo e sua visão crítica do fricote...*

Geronimo — É o seguinte: o fricote é uma dança, rotulada assim pelos negros. Eu creio que nossos ancestrais negros eram bailarinos, porque existem muitos bailarinos na Bahia... A dança do fricote começou nas ruas e, de repente, se espalhou como doença. E todo mundo dança fricote. Então, o que aconteceu? Paulinho Camafeu, que é um compositor negro, fez uma música e deu o nome de "Fricote". Aí Luiz Caldas aprimorou um suingue, deu um ritmo... Porque Luiz Caldas é um músico em potencial — ele é incrível. Acho que o Brasil vai se surpreender muito ainda com Luiz... Agora, compositores de veio somos eu e o Lazzo. O Lazzo é muito entrincheirado ao reggae. E eu sempre trabalhei com salsa, e agora com soca — um ritmo da Guiana Inglesa. Tem ritmos na Bahia, muito populares, que são idênticos! Por isso existe uma identificação muito forte. Por exemplo: entra um negão numa loja e olha para uma capa de disco e vê um negão preto na capa. Ele não sabe ler! Pega o disco e coloca na vitrola. Quando tem um suingue, ele compra. E sobre essas coisas: deboche, fricote, ti-ti-ti... são todos ritmos que os tupiniquins, nós, os caboclos, pegamos e, devido a informações musicais de rock, jazz e coisa e tal, aplicamos e vira uma nova forma. Mas aí eu faço um pouco diferente. Se eu for tocar um ijexá, que é um ritmo milenar — uma oração de negros, da qual eles tiram um tipo de toque, depois chamado afoxé —, vou tocar como ele é mesmo.

BIZZ — *Já que você falou do negão, tem um hit seu chamado "Eu Sou Negão". Fale dessa música.*

Geronimo — Essa música explodiu antes do Carnaval. Graças a Deus, os sucessos que eu fiz na Bahia sempre foram antes do Carnaval. E o Carnaval foi o canhão que jogou para o alto. E "Eu Sou Negão" retrata justamente esse comportamento brasileiro... Gravei essa música, mandei para uma rádio que estava em quinto lugar. Em um mês ela subiu para o primeiro. Foi um *boom* enorme! E eram doze minutos entre música e lero. Eu posso jogar ela aqui, como um problema de São Paulo, se eu quiser... O refrão é: "Eu sou negão/ meu coração é a liberdade/ sou curuzu/ ylê/ igualdade na força é nossa verdade". Só tem isso, o resto é lero, muito texto que rola. Antes disso eu tinha feito "Jubiabá", que é uma soca, também ligada à minha experiência na Guiana. É mais ou menos um resumo da história de Antônio Balduíno (do livro *Jubiabá*, de Jorge Amado). Agora, depois do Carnaval, "Eu Sou Negão" esfria e "Jubiabá" entra na parada... Agora, dois meses depois que eu fiz essa música, rola em todo Brasil um filme que ia ser rodado na Bahia — *Jubiabá*. Eu procurei Nélson Pereira dos Santos (diretor do filme) de todas as maneiras, como eu procurava o pessoal da Polygram... Só que não tive acesso. Eu pensei: "Puta que pariu! Eu não vou ficar atrás desse cara porque eu sei que minha música é boa e eu vou tentar nas rádios". E tentei e é sucesso.

"A relação com o produtor envolve três coisas: marketing, plano comercial e o ego. Elas têm que ser bastante simpáticas entre si"

BIZZ — *E agora, na Continental? O que você espera?*

Geronimo — Eu acredito, por ela ser nacional. O nacionalismo está começando a crescer. Eu acho que esse começo (de nacionalismo) ainda está meio duvidoso, as pessoas têm certas dúvidas... É importante também saber, que todo mundo saiba, que música brasileira, quando é executada no rádio, o direito autoral é dinheiro brasileiro que fica aqui. Quando a música estrangeira é executada aqui em primeiro lugar, esse dinheiro brasileiro é revertido em dólar. E não se tem dólar para pagar. Aí fica um montão de dinheiro no bolso das pessoas que têm o poder. É sacanagem! Porque neguinho gasta!

BIZZ — *E a relação com o produtor? Como que é isso?*

Geronimo — Envolve três coisas, nega: marketing, plano comercial e o ego. Elas têm que ser bastante simpáticas entre si... Acho que muitas vezes o grande choque cultural da música popular brasileira é a intromissão de certos arranjos... Não pode ser radical... Tem de pegar a coisa e burilar, porque, afinal de contas, se neguinho não assumir que é mestiço, não dá certo! Até hoje eu tenho colegas (do tempo de universidade) que tinham conhecimento de música popular com posições incríveis! Hoje em dia eles são alienados: "A música européia! A construção da música (européia)!" Eles fazem a música igualzinho os europeus. E os europeus captam nossa música e mostram no trabalho deles. Quer dizer: eles, quando falam com sotaque, é bonitinho para caralho, né?!

BIZZ — *Tem uma música sua que tem uma introdução inspirada em "Revérie", de Debussy?*

Geronimo — Pois é. É "Dandá". Essa música é meu maior *trunfo*. "Dandá" é um ijexá, uma coisa bem sagrada. E a música do Debussy porque, quando eu estudava, era apaixonado por ele. Sempre achei um vanguardista da porra! Descobrir as escalas de tons inteiros, como ele descobriu! Gosto muito dessa música; foi dessa introdução que eu fiz "Dandá". Dentro dessa melodia eu fiz uma coisa negra, negra mesmo.

BIZZ — *O que você curte de música brasileira?*

Geronimo — Não vou falar de Caetano e Gil porque é redundante. Eu tenho muita fascinação por Milton Nascimento — o trabalho dele é ímpar. Gosto do Arrigo Barnabé... Da maioria desses compositores que estão pintando... É como me perguntam: "Quais são as novas propostas?" Ninguém está lançando nenhuma proposta, porque estamos na era da incerteza. A gente não tem certeza de nada. Maluco daquele que disser que a onda é essa aqui. Daqui a pouco, ali adiante, terminou... Tudo que vier agora vai ser atenção: reconstrução da pirâmide brasileira... *Sônia Maia*

OBINA SHOK

Choque de sotaque

Latitude 3001 (SP) 28/03/87

Os afro-brasilienses do Obina: falta cancha de palco para incendiar a platéia paulistana.

Antes de mais nada, o Obina merecia um local melhor: o Latitude provou ser uma barca furada. Não chega a dar enjôo, mas o torcicolo... Caravelas de aparência similar àquela, trouxeram para cá milhares de negros acorrentados e o resto da história vocês já conhecem: os seus batuques se misturaram a tantas outras coisas na terra do pau-brasil etc. etc. etc... Se a música brasileira é a música do futuro, é graças à essas raízes.

Mas não é dessa fonte que o Obina bebeu e sim, da música que os africanos fazem hoje (há quem chame de "afro-européia") — juju music, afrobeat, cavachá (um ritmo de base) e, obviamente, o reggae, que caiu na África com uma bomba, na década passada. Mas esse é um assunto longo para se destrinchar, o que vale dizer aqui, é que o Obina coloca nossas canelas num impasse. Somos um país de balanço negro mas temos que aprender a entender aquele suíngue diferente, apesar de irmão. O público do Latitude (na Bahia deve ser diferente) passou a maior parte do show de braços cruzados procurando se soltar para dançar.

Quem fica na frente mostrando o sorriso e fazendo aqueles suingados arpejos de guitarra é o líder Roger, mas o grande barato rítmico da noite foi o batera Winston. Suas colocadas de bumbo com um delicioso sotaque surinamês, realimentaram a cozinha, música após música, empurrando o resto da moçada. Talvez falte ao Obina uma grande turnê para aprimorar a cancha de palco. A cada buraco Roger se limitava a gritar: "SHOW! SÃO PAULO!" num clima de dispersão e confusão. Se o ritmo deles é constante e hipnótico, o mesmo não acontece com o ritmo do show.

Fim da noite e começo da festa, eles atacam com "Vida". Mas só na última, "Africaner Brother", é que detonou o carnaval. O bis ficou por conta do iôiôiô a la Marley. Com uma produção mais rica, eles se apresentariam com dois metais, além do sax de Sérgio Galvão e umas gatinhas no backing. Deve ser melhor, mas eles seguram numa boa assim mesmo. Rolou também um clima entre o percussionista Hélio e o senegalês Mamur Bã, que vai substituí-lo daqui pra frente. O resultado foi uma certa indefinição da percussão em cima do palco.

Da próxima vez que o Obina vier a São Paulo, eles poderiam se apresentar por exemplo no... no... Ah, deixa pra lá.

Silvano Michelino

AGE OF CHANCE

O fim

Astoria Theatre (Londres) 27/02/87

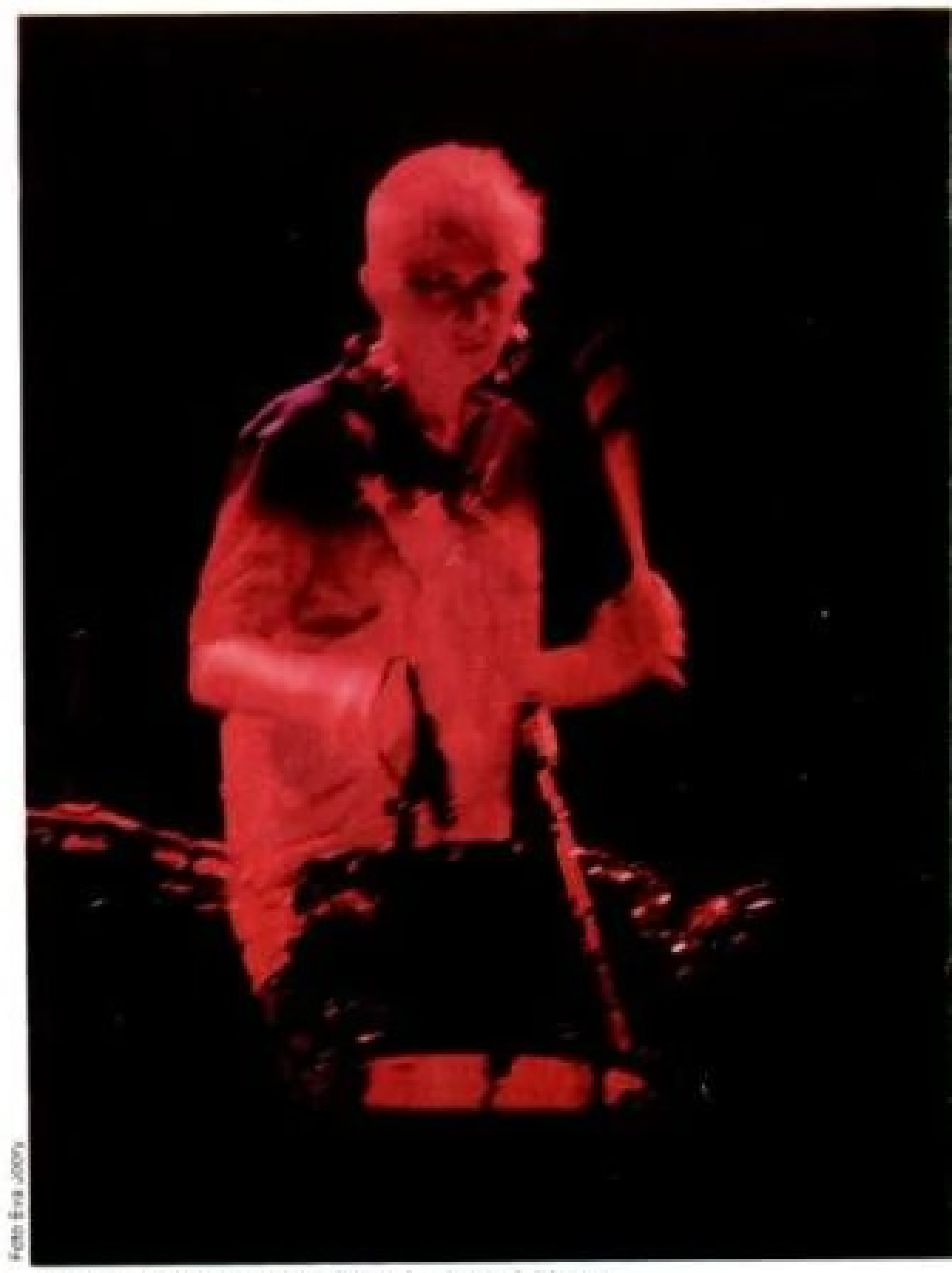
Esta é a era do acaso. Ressoa "The Second Coming" — o fulminante poema de Yeats — onde "os melhores não têm a menor convicção e os piores espargem uma intensidade passional". Esta é a era da ilusão, da mistificação, do *look*, do vazio. A era da chance calculada pelo marketing. *The end, beatiful friend...*

Os gritos de aço de Age of Change beijam a sacra hipocrisia da aldeia global. Esta banda tem tudo para ser *must* dos 80 terminais. Dístico preto. Ao centro, estrela vermelha. Conexão: Leeds-Detroit-Berlin-Nova York. O *crash-collision* da urbanidade *in extremis*. Só pelo seu duplo remix de Kiss, do anão libidinal de Minneapolis, Age of Chance já teria garantido a imortalidade. São de Leeds e gravam pela Fon Records, de Sheffield, uma das mecas do hip hop heavy. Age of Chance soa além, afiando-se mais à vontade no disco *trash* com toques de Neubauten. Veneram Motown. Têm uma versão de "Disco Inferno" absolutamente dantesco-cataclísmica. É como se Travolta estivesse queimando na fogueira como um Savanarola *glitter*.

São quatro. Todos vestidos com roupas de ciclista. Baixista imóvel, vocalista cripto-skin irônico, de óculos escuro. Guitarrista no pique de Dave Allen nos áureos tempos do Gang of Four. Estoura quatro cordas em menos de meia hora. Som *scratchy* no limite. A baterista é a vedete. Branca de neve, *platinum white*, kit mínimo — caixa, prato e um tom-tom. Bate a 78 rpm, sem parar, expressão impassível de herói de western spaghetti.

É Neubauten e Test Dept embriagados de *swing* negro. Quase tudo é indançável, na linha serra elétrica ou perfuratriz. "Kiss" é a perfeição: mix ideal do mix sonoro *soft black* e *hard white* com o melhor conceito de música pop desde os Pistols.

"You don't have to be beautiful...", "you don't have to be rich...", "you don't have to be cool..." A era é hard. Age of Chance também. Há algum tempo, isso seria chamado de arte conceitual. Hoje, é apenas um sintoma. Esta era não é remixável. *Hay que bailar*. Quem não dançar, dança. *P. F.*



A estraçalhante esquizo-disco do Age of Chance

LONE JUSTICE

Loura ardente

Marquee (Londres) 23/02/87

Existem grupos que, ao vivo, soam igual ao LP. Outros, ao contrário, são piores ou melhores. Neste último caso está incluído o Lone Justice. A banda — que mistura *country music*, rock'n'roll e hardcore punk —, ao vivo é simplesmente eletrizante.

Maria McKee, uma lourinha que parece ter vindo do Texas, é um pequeno demônio em cena. Sua voz tem muita garra, parece uma espécie de Hank Williams feminino, só que completamente elétrico. Pula, grita e toca guitarra e violão acústico, bem e agressivamente. A banda a acompanha em todas — rock, blues, baladas e loucuras. Maria canta com sua voz melancólica, olha para todos os lados com seus cabelos completamente despenteados e jeito malicioso. Uma energia como a que Janis Joplin possuía.

Tocam todas as músicas do seu primeiro disco. Começam atacando com "After the Flood" e uma poderosa versão de "Ways to be Wicked". Passa pela bem texana "Working Late" e "Sweet Sweet Baby". Ninguém pára, todos estão suando em bicas no calor do Marqueee. Daí vem a balada "You're the Light" e um blues meio falado, "Soap, Soup and Salvation". A banda toca também "Shelter" e "I've Found Love", do novo LP, e uma inédita escrita por Bob Dylan especialmente para o grupo, "Belfry".

Estas versões, muito mais excitantes do que no vinil, revelam uma banda que se aperfeiçoou ao longo dos anos e, sobretudo, é para ser vista em carne e osso. Em relação aos shows, os discos são muito bem comportados, bastante harmoniosos mas a voz de Maria não se destaca tanto.

No palco, todos se exorcisam, Maria em especial, que desfruta da imensa paixão da platéia, quase só masculina (claro). Ela nem é tão bonita quanto aparece na foto do disco mas é sexy e isso basta. Canta de mãos dadas com seus fãs e se apoia neles durante suas pausas trêmulas. A banda é firme, e segura todo o pique.

Pela capa do LP, Maria poderia ser considerada uma jovem bem comportada. Quem diria... Em vez disso, ela deve ser uma "perigosa", como diz numa de suas letras — do tipo faz charme e depois despreza. Ela exala muita sensualidade, nenhuma chega aos seus pés. Nem Bananarama, nem Madonna.

E.J.

McKee, a loura que faz Madonna e Bananarama parecerem alunas de colégio de freiras.

MICHAEL CLARK & CO.

Michael Clark & Co., o balé revisitado por um precoce coreógrafo ao som de The Fall em ritmo de clip.

Atrevimento sublime

Teatro Sérgio Cardoso (São Paulo) 24/03/87

A trilha sonora que recepciona a platéia do Teatro Sérgio Cardoso já convida ao raciocínio fragmentado — são colagens livres que misturam falas, percussão eletrônica e vinhetas de hits. Surgem, alternadamente, a fúria de batuques processados e toda a K.C. & The Sunshine Band, garantindo que *"that's the way/ah-ha, ha-ha/I like it"*. Quando enfim, abre a cortina, a surpresa causada por cada passo sincronizado da Michael Clark and Co., só amplifica o impacto inicial.

Todas as regras, toda a técnica, toda a limpeza do balé saem pela janela. Ou melhor, perdem o caráter óbvio e se transormam em elementos próprios do estilo de Michael Clark. Ele é de um atrevimento tão sublime que sua linguagem — um *bric-a-brac* tão ágil, quanto as trilhas que usa — poderia ser aproximada como o correspondente, no terreno da dança, ao vídeo clip. É o balé dos anos 90, sem dúvida. Anos a frente de qualquer comparação, se é que é possível.

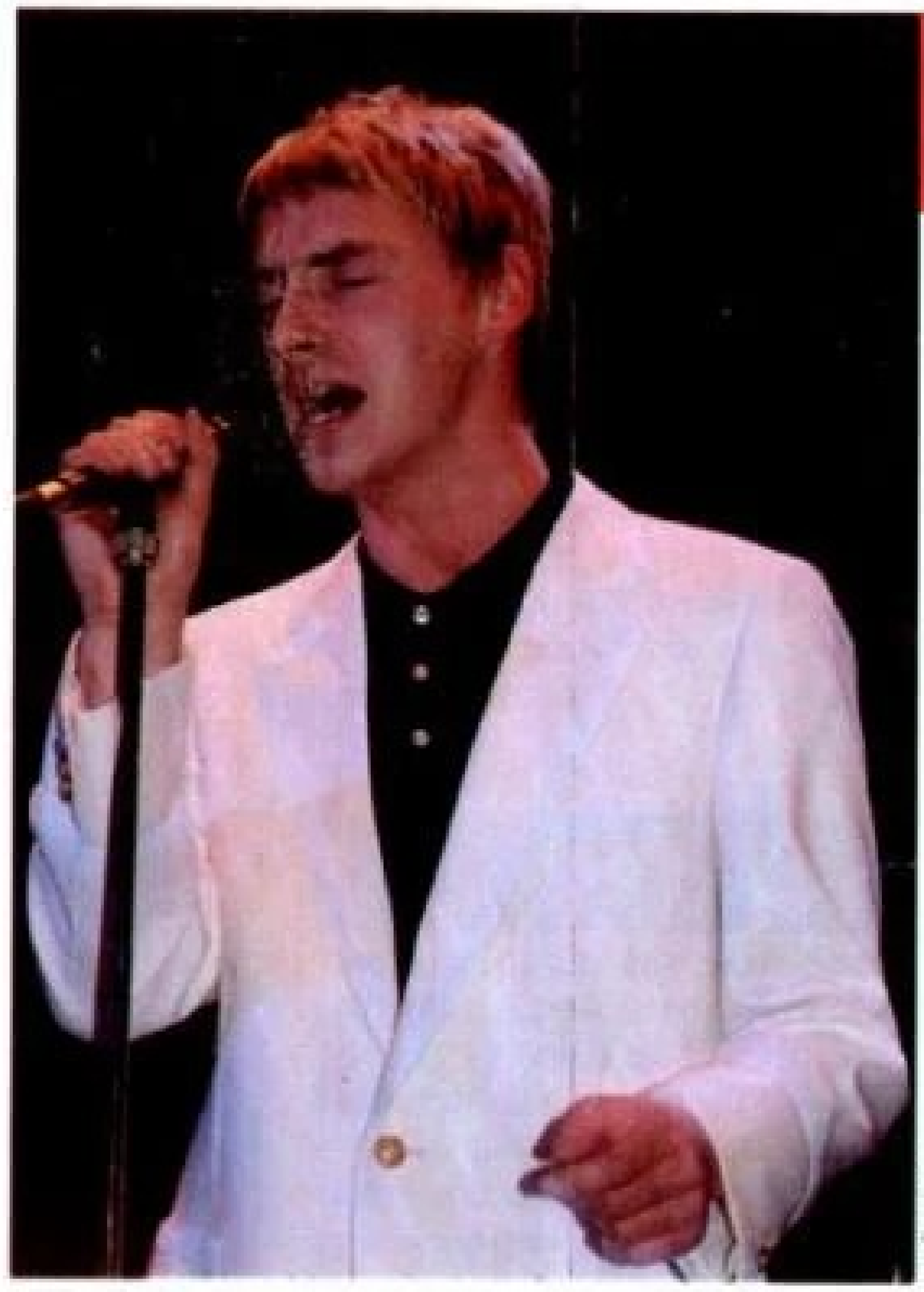
O espetáculo foi dividido em três atos. Nos dois primeiros, chamados "Then, Then", MC visita o mundo como quem vê TV, mudando de clima como se muda de canal — em instantes. O mundo é revisitado, através de belas gozações aos hippies, a Mama Cass (a glutona do Mamas & Papas que morreu entalada com um sanduíche) e a John e Yoko. O ato derradeiro, "Now Gods" é tão assustador quanto grandiloqüente. Aberrações de oito pernas e dez mãos vão subindo ao palco e comungando na mesma sequência mântrica, como se a lenda de Sísifo estivesse sendo revivida em pés, braços e quadris jovens, coreografados em direção ao terror.

Mais notável, talvez, é que Michael Clark & Co. não é — só — dança, mas também, mímica, teatro e provocação. Tudo isso surge, por exemplo, no segundo ato, quando MC sola, vestindo grosseiras bundas e peitos, com uma prancheta pintada com *"yes"* e *"no"*, tendo ao fundo um gigantesco ovo frito.

É tudo dantesco, é tudo arrebatador, é tudo sensual. Nada mais apropriado que o título do espetáculo: no inferno não dá saída de incêndio.

José Emílio Rondeau

STYLE COUNCIL



Weller: inteligente demais, politizado demais ou só pretensioso?

O velho e o novo

Royal Albert Hall (Londres) 18/2/87

Paul Weller e companhia andavam sumidos, ocupados com um video/filme chamado *Jerusalém*. Voltam este ano com um EP novo, *The Cost of Loving*, em formato de dois EPs, e uma turnê pela Inglaterra. Desde que o Style Council em maio passado, achei que aquele show marcava o fim do grupo.

Este ano, resolvi dar outra chance ao grupo, não que o novo disco seja formidável... Não é, chega a ser quase chato mas, pelo menos, dá vontade de conferir o show. Claro que as bandas se modificam — o Style Council com *Café Bleu*, introduziu um novo tipo de som para os padrões ingleses da época. Mas *The Cost of Loving*, a qualidade das músicas deixou muito a desejar. *Slow soul*, sem alma.

A primeira parte foi a exibição do ridículo *Jerusalém*, que mostra uma banda criticando e ironizando os conservadores, a imprensa, os músicos pop e seus fãs. Quase só palavras e pouca ação, recheadas de clichês. No final, a banda é julgada por um tribunal por serem inteligente demais, irreverentes demais e politizados demais (!?). Muita pretensão, ninguém riu — foi lamentável.

O SHOW!!! Mr. Weler e seu grupo chegam finalmente ao palco e atacam sensacionais versões de "Walls Come Tumbling Down", "My Ever Changing Mood" e "Shout to the Top". Genial. A banda está perfeita, o som e iluminação impecáveis. A voz de Paul está forte e bem presente, DC Lee se contentou afinal com os backing vocals e mostra que para isso, é competente. Mick Talbot também canta em 'Homebreakers" e canta bem. Belo começo.

Depois o show se embrenha nas novas composições e o público perde a vibração. Tocam as entediantes composições do novo LP, baladas meio românticas onde Paul tenta se fazer de cantor de soul. Não dá pé. E nada melhor do que voltar às velhas canções como "Money Go Round" — esta em ritmo super funk —, "With Everything to Loose" e "You're the Best Thing".

O Style Council apesar de toda a verborragia intelectualizada de Weller, ainda tem competência para apresentar um excelente show. Valeu pelo flashback.

E.J.

PSYCHEDELIC FURS

Richard, o charmoso e irresistível cantor das peles psicodélicas.

Retorno delirante

Hammersmith Odeon (Londres) 19/02/87

Depois de muito tempo afastados da cena musical inglesa, o Psychedelic Furs retornou aos palcos. Da primeira formação restaram os irmãos Butler — o cantor Richard e o excelente baixista Tim — e o guitarrista John Ashton. O grupo, embora seja inglês, nunca chegou a ser muito popular na Inglaterra; mas graças à trilha de *A Garota de Rosa Choque*, voltaram às paradas. Aqui, o sucesso durou pouco. Foi nos EUA — onde vivem agora —, que consolidaram sua popularidade.

Os primeiros LPs da banda mostram influências do Velvet Underground e Roxy Music. A maior força do grupo ainda está na voz rasgada e melancólica de Richard, mas, agora, a banda está mais solta com as duas guitarras e os teclados, que complementam a sensacional batida do baixo e da bateria. A presença do sax cresceu e ficou mais audível. O grande destaque do instrumental é o baixo de Tim. Mas o show fica por conta de Richard. Nem precisa falar muito, é impossível não dançar ou se deixar fascinar pelo charme do cantor.

A seqüência das músicas foi cuidadosamente escolhida. Tocaram músicas do novo LP, *Midnight to Midnight* (também título de uma das faixas), como "Shadows of My Heart", "Shock", "Heartbreak Beat", a romântica "Angels Don't Cry". Não esqueceram das antigas como "No Tears", "Sister Europe", "Sleep Comes Down" e claro, "She's Mine". Voltaram ao palco para uma nova versão de "Pretty in Pink" — também incluída no novo disco. Não deixaram nada a desejar. Delírio puro.

E.J.

Gil & Mautner no show que, apesar da bronca fora de hora, foi uma bela retrospectiva da carreira de ambos e uma amostra de bons momentos da MPB

GIL & MAUTNER

Bom som, mau tom

Anhembi (SP)
14/03/87

Um e poeta sutil, músico de harmonias sofisticadas e rara intuição melódica. O outro é o politiqueiro oportunista, atrás da polêmica sensacional e vã. Não, não falo de Gilberto Gil e Jorge Mautner. Trata-se de Gil... e Gil. Mautner entra aí de gaiato. Ou, melhor, entra jogando nos dois lados e até faz de bola, como aconteceu no contraditório show *O Poeta e o Esfomeado*, uma colagem de velhas e novas canções dos dois compositores intercaladas com textos filosóficos-abstruso-apocalípticos ditos por Mautner.

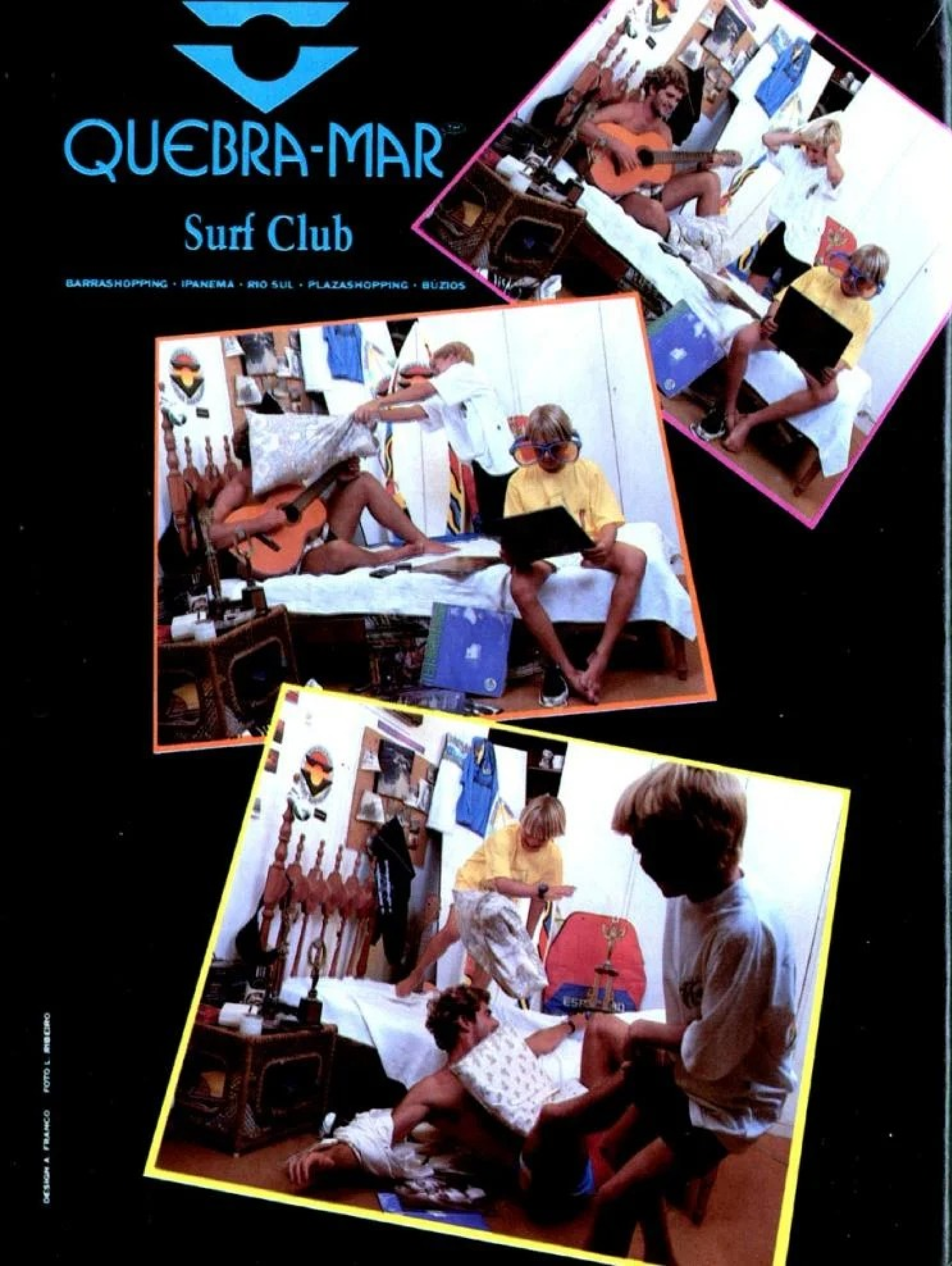
Gil (voz e guitarra), Mautner (voz e violino) e Repolho (percussão) vieram dispostos, prontos para um grande show de música brasileira, como há muito não se via. Um repertório muito rico, misturando pérolas do repertório de Gil ("O Rouxinol", parceria do duo; "Maracatú Atômico", de Mautner, clássica interpretação de Gil), a saudável ironia do Jorge ("O Vampiro", "Tataraneto do Inseto", esta em uma versão muito superior à do LP de Mautner graças ao arranjo de Gil), mais achados de Noel, Ismael Silva, Mozart ("Marcha Turca") e do desconhecido Gasolina ("Você Me Chamou de Nego", ótima). Havia ainda músicas inéditas, como a sensibilíssima "Mãe Menininha". O som estava excelente, o trio bem afiado no instrumental e nas vozes... Não podia ser tão bom...

E não foi. Aquilo não tinha sido concebido como uma mera apresentação de boa música, ou mesmo como o balanço de uma carreira profícua como a de Gil. Essas coisas já não existem, ou quando existem não bastam. Gil, no programa vendido no show, já falava em uma "anti-expectativa". Era uma provocação... só que o público estava gostando!

Os gritos da platéia contra os inconvenientes *cameramen* da TV Cultura foram o pretexto. Gil interpretou como quis os "Sai daí!", e parou o show com um enfadonho discurso pronto, identificando aqueles que queriam "a saída de *Mautner*" (!) com os "pré-mentais" que tinham atacado o filme de Caetano (?!). Afinal de contas, Jorge podia muito bem "tocar aquele violio fanhoso, cantar com aquela voz esquisita..." Que grosseria. Jorge saiu, mas só para buscar os óculos escuros... (No dia seguinte, Gil foi à televisão dizer que ficou irritado com o público, que exigia que ele tocasse rock...)

Daí para a frente o show foi alimentado pela animosidade e pela grandiloqüência, com uma espécie de réplica ao Hino Nacional (e tão chata quanto o replicado), o populismo de "Barracos", a duvidosa versão de "I Just Call to Say I Love You" (Stevie Wonder) e até uma volta olímpica da bandeira do "Movimento da Figa", que propõe a formação de "clubes filosóficos" em todo o país. E a música, secretário?

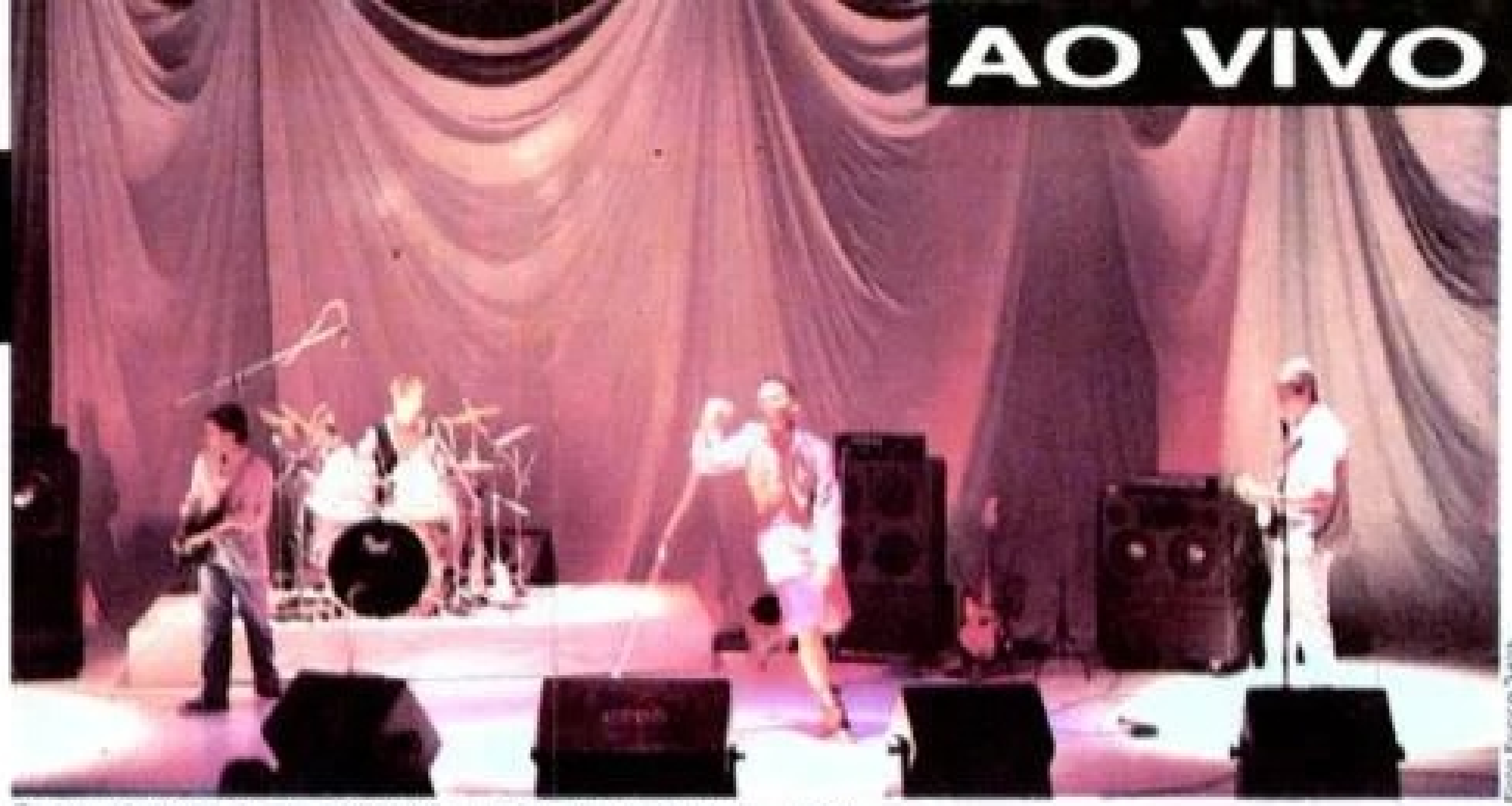
A.A.



DEFALLA

Enciclopédia gaúcha

Teatro Renascença (PoA) 17 e 18/03/87



O novo DeFala (Castor, Edu, Biba e Flávio): Luzes, saias... ação!

Foto Eurico Salis

O novo DeFalla atira em muitas direções. Edu K, colocando a guitarra em segundo plano, rasga-se nos vocais, rasteja, pula, tira a roupa, a saia... Biba segura as baquetas e o contrato pro LP com unhas e dentes. Perderam o baixista Carlo Pianta. Agora somam-se com Castor Daudt e Flávio Santos, guitarra e baixo da banda Expresso Oriente (Porão BIZZ 19).

Ambos ainda participavam do precocemente extinto e inédito Miguel e Almas. Algumas das melhores canções do atual repertório são heranças deste elo perdido, com letras de Edu K. Além disso, o grupo também incluiu dois clássicos do Urubu Rei em seus shows (todos, menos Edu, integraram esta banda de 1982 a 1985). "Não Me Mande Flores", por sinal, é "Garden Of Delight" *single version*, do Mission, com um ano de antecedência. As novas composições do quarteto, por sua vez, são pautadas por negras melodias e tempo rebelde. Citações: Grandmaster Flash e Cream.

Poucas músicas restaram do repertório original. "Sodomia" entrou numa dieta pop, perdeu peso, ficou redondinha. As outras, encerrando o show, receberam a guitarra de Edu, ligada mais alto que os demais instrumentos, dividindo a apresentação em duas. O docinho pop das canções anteriores é radicalmente enterrado sob *watts* de distorção, microfonia e solos metal. Palmas da audiência...

Um único bis: "Ferida", uma espécie de síntese entre o funkado áspero, a batida selvagem e a melodia *sixties* da nova formação. Baixo parafraseando "Wild Thing", viradas de bateria (atenção para esta blondinha), voz esganiçada, guitarra raspada. Com apenas três meses de ensaio, e fechando os arranjos no palco, impressionam. Conseguirão convencer no estúdio? *Marcel Plasse*

III FEIRA UNIVERSAL DO JOVEM

UNIJOVEM 87

O lugar ideal para você se encontrar com quem quer comprar de tudo.

No RioCentro, em julho de 87, vai ser realizada a III Feira Universal do Jovem. Este evento caracteriza-se pela descontração e participação efetiva do público através das diversas atividades paralelas que são desenvolvidas durante a sua realização: shows musicais, apresentação de academias de ginástica, campeonatos esportivos, desfiles de moda, cinema e vídeo clips, jogos eletrônicos, sorteios e distribuição de brindes, etc.
Além da motivação natural e da distribuição de cerca de 120.000 convites aos lojistas e compradores, a UNIJOVEM terá uma completa estrutura de divulgação junto aos principais meios de comunicação.

Prevê-se igualmente, dentro do aspecto comercial, a reserva de horários fechados ao público, para o encontro de fabricantes, lojistas e prestadores de serviços para mútua realização de negócios.
Por isso, se você fabrica ou oferece algum tipo de produto ou serviço voltado para o jovem, prepare-se para encontrá-lo em julho no local mais indicado: a UNIJOVEM 87.
Consulte-nos pelo telefone (021) 263-3577.
Mas ande logo. Porque o jovem tem pressa de comprar.

Fibra
PROJETOS PROMOCIONAIS
13 A 19 DE JULHO
RIOCENTRO

O CASAMENTO DE COPPOLA E PEGGY SUE

Foto Columbia

Depois de *O Selvagem da Motocicleta*, Coppola retorna aos *sixties* com *Peggy Sue — Seu Passado A Espera*. *Pepe Escobar* assina o passaporte do *outsider* mais caro de Hollywood

Hollywood costuma ser implacável com os fracassos. Depois de dois buracos de bilheteria, um diretor pode começar a procurar outro estúdio. Depois de três, pode começar a mudar de emprego.

Francis Ford Coppola, 49 anos, é a exceção — brilhantíssima — que confirma a regra. Seu último enorme sucesso de crítica e público — os *Chefões* — foi há mais de uma década. *Apocalypse Now* — um dos grandes filmes da história do cinema — só deu um lucro marginal (custou US$ 30 milhões). *O Fundo do Coração, Vidas sem Rumo, Rumble Fish (O Selvagem da Motocicleta)* e *Cotton Club*, juntos, custaram quase US$ 90 milhões. O retorno foi em torno de 40. Não importa que *O Fundo do Coração* seja uma obra-prima de estilização, *larger than life*, e baseada em Goethe — *As Afinidades Eletivas*, que Coppola leu passeando pelas ruas de Tóquio. Não importa que *Rumble Fish* seja um dos mais venerados cult-movies dos anos 80. Não importa que *Cotton Club* tenha seqüências dignas de qualquer antologia rigorosa. Para os tubarões, o que interessa é que fracassaram na bilheteria e perderam dinheiro.

Para Coppola, no que o concerne, nada disso também interessa. Ele continua trabalhando — e muito, na melhor linha do *maverick* orson-wellesiano. Seu preço para dirigir um filme é US$ 2,5 milhões. Pagou, ele filma. Chovem ofertas nos Zoetrope Studios. "Francis", como é conhecido na indústria, filma demais, ousa demais e gasta demais.

Ele é o último dos velhos, grandes e legendários diretores americanos, justamente *larger than life*. É uma espécie de John Huston tecnotrônico. Seus fracassos — como no caso de todo artista de gênio — são muito mais brilhantes do que o sucesso da maioria dos diretores que trabalham na indústria.

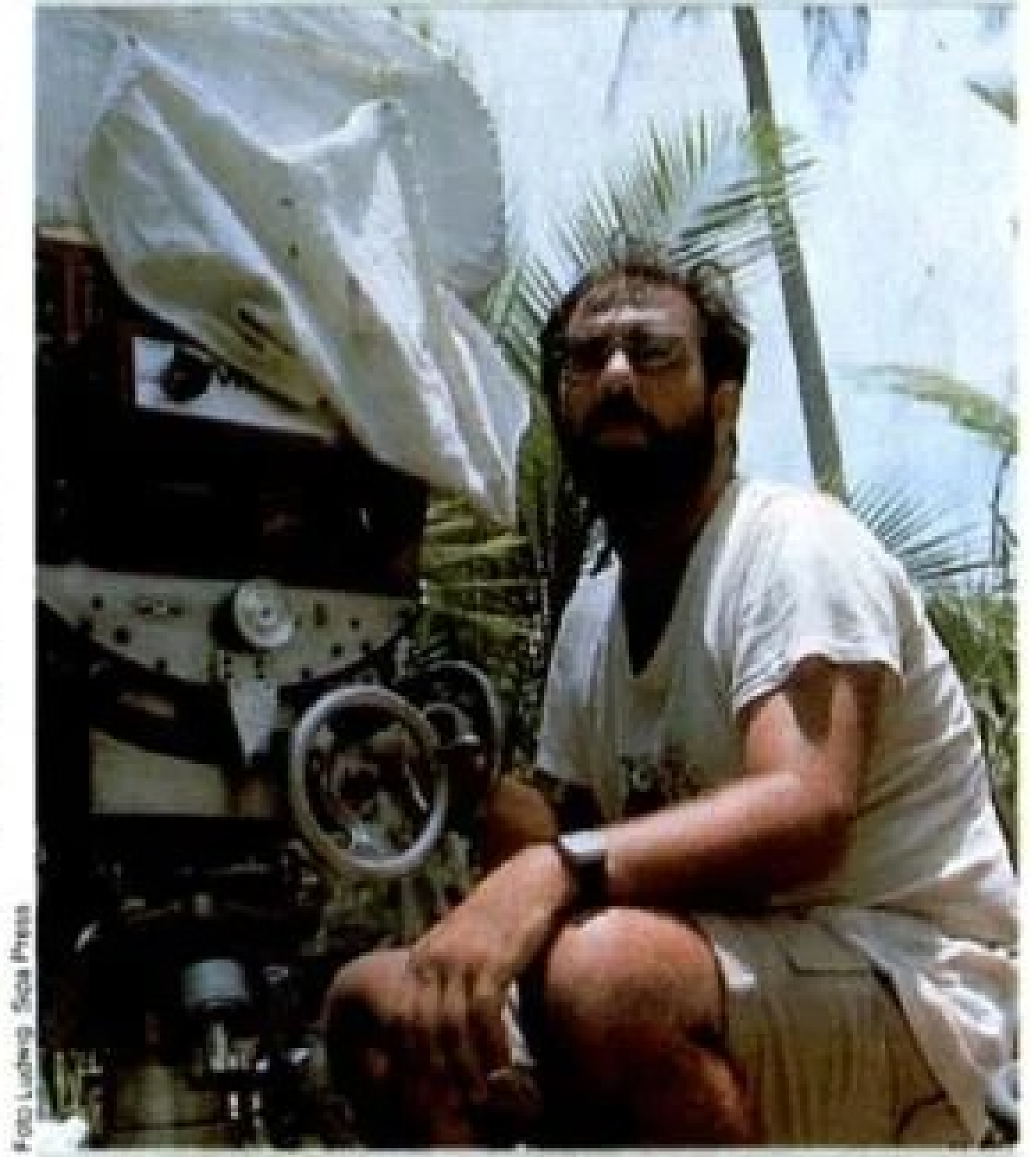
Em 1960, Coppola foi o primeiro diplomado da escola de cinema da Universidade da Califórnia a conseguir um trabalho de diretor. Depois, levou para a indústria todos os seus coleguinhas, alguns dos quais, como se sabe, terminaram produzindo ou dirigindo as maiores bilheterias de toda a história do cinema.

Ele é um artista completo. Arrisca em todos os planos. Nos seus *twenties*, fez dois pornôs *soft-core* que quase ninguém viu. Ao mesmo tempo, trabalhava em roteiros para John Huston/Marlon Brando (*Reflections in a Golden Eye* e *Patton* — que, em 70, lhe rendeu o primeiro de cinco Oscars) Durante toda a sua carreira, ele alterna projetos ambiciosos, em larga escala, com filmes "pequenos" e dramas íntimos, tipo *The Rain People* (69) e o fenomenal *A Conversação* (74). Como Huston, Coppola é antes de tudo um leitor, um intelectual quase clássico. De Goethe a Conrad, sempre que pode, bota suas obsessões literárias na tela.

Não é um milionário, ao contrário de vários supostos "artistas" da indústria. O primeiro *Chefão* rendeu US$ 300 milhões no mundo inteiro. Ele ficou com US$ 7 milhões e torrou tudo em novos projetos. *Apocalypse* levou quatro anos e séculos de demência para sair. Coppola levou Martin Sheen para o verdadeiro coração das trevas espiritual, arrancando-lhe uma performance alucinatória. Milhas de *Apocalypse* ficaram na sala de montagem, incluindo algumas — segundo *insiders* — extraordinárias cenas com Marlon Brando. Para filmar *O Fundo do Coração*, Coppola hipotecou sua casa e os Zoetrope Studios. Perdeu milhões.

Foto Sipa Press

Richard Gere e Diane Lane em *Cotton Club*: os loucos anos 20



Il capo em ação no meio da selva filipina dirigindo *Apocalypse*

Mickey Rourke em *Rumble Fish*: Camus e a biografia de Napoleão

O próprio Coppola sempre afirma, em entrevistas, que seu filme favorito é *Rumble Fish* (83), a viagem iniciática de Rusty James ao lado de seu irmão, o Motorcycle Boy, naquele branco-e-preto de absoluto sonho. Welles, sem dúvida, aprovaria. Mickey Rourke compôs todo o seu memorável personagem em cima da leitura de Camus e da biografia de Napoleão — sugestões não precisa dizer de quem.

Coppola acredita que dentro de uns 15 anos não haverá mais cinema como conhecemos — apenas filmes para necessidades industriais e bioquímicas. Ele costuma dizer que "cinema é lindo, mas está morto". O futuro está com o vídeo, flexível, imediato, econômico, e capaz de ser tão inspirador quanto o cinema. Mas nessa época Coppola acha que já estará "velho"...

E provavelmente na frente dos outros, ainda. Coppola foi o pioneiro do "cinema eletrônico" (a filmagem controlada por vídeo) — desde o início dos anos 80 passou a trabalhar junto à Sony, desenvolvendo tecnologia. Ele é um *freak high-tech*, claro: no quartel-general da Zoetrope Productions, em São Francisco, um prédio vitoriano de fim do século 19, estão andares e mais andares com as últimas palavras em equipamentos de filmagem, dublagem, mixagem e vídeo. Em Los Angeles, o gigantesco quarteirão onde funcionavam os Zoetrope Studios está calmo: o enorme hangar, vendido por Coppola para pagar dívidas, é utilizado para uma ou outra gravação.

Peggy Sue é um filme "pequeno" e de transição na carreira do diretor. Ele andou mais preocupado, na época da filmagem, com *Captain Eo*, a fantasia espacial de 12 minutos — a um milhão de dólares por minuto — com o príncipe Jackson e exclusivo de Disneyworld. Os próximos projetos também são ambiciosos, incluindo uma cinebiografia de James Dean (*Rebel James*), a US$ 25 milhões, e *Whore's Gold*, seu primeiro e talvez definitivo faroeste.

Peggy Sue foi sem dúvida um "treino", como *Depois de Horas* para Scorsese: a possibilidade de experimentar com linguagem, equipamento e na montagem. Kathleen Turner, a perfeita *all-american girl*, e a atriz mais cara de Hollywood no momento, largou tudo que poderia fazer só pela chance de trabalhar

com Coppola.

Peggy Sue é um caso típico de um diretor genial salvando um roteirinho bobo. Kathleen Turner, quase quarentona, com dois filhos, vai para mais uma reunião de antigos colegas da *high school*. Seu casamento com um vendedor de eletrodomésticos tremelica. A produção e a filmagem do baile na escola são antológicas, Kathleen desmaia e, quando acorda, voltou vinte e cinco anos no tempo para a sua vida de garota de 16 anos, namorando seu futuro marido (com um rabo-de-peixe azul e topetinho rockabilly), indo à escola a contragosto, mas com a cabeça, a experiência e a sagacidade de uma mulher adulta.

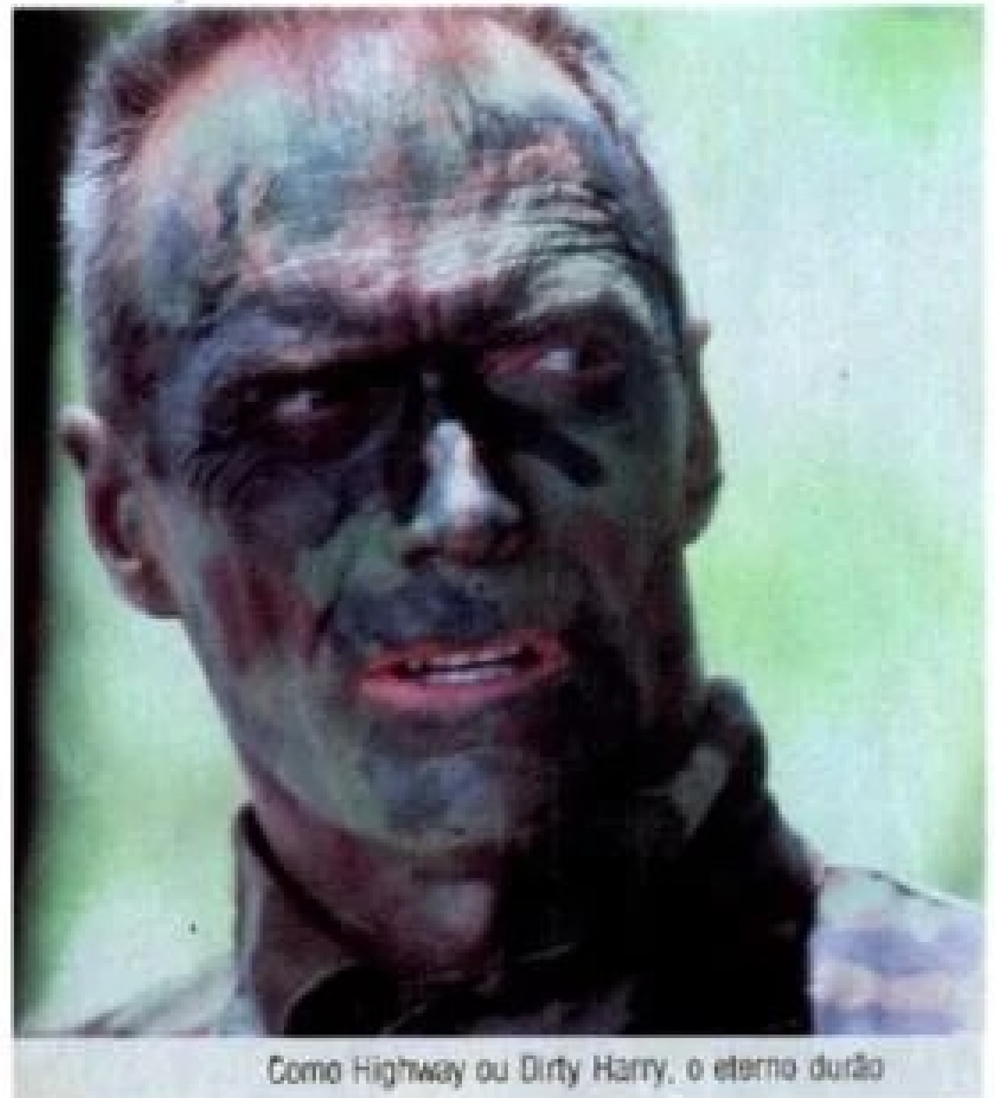
De Volta para o Futuro? Sim, é parecido. Não há aquele ritmo infernal. Os personagens não são muito interessantes (nem os atores, à exceção da magnífica Kathleen). O "problema" principal é o seguinte: com tudo que viveu e aprendeu, se pudesse voltar à sua adolescência, Peggy Sue faria tudo de novo, do mesmo jeito? O outro problema é que os "problemas" de Peggy Sue não são assim tão transcendentais...

É aí que Coppola deita e rola. Está com tudo na mão: ficção, sonho, suburbia californiana nos *early 60's*, uma trilha sonora de arrebentar — incluindo, é claro, a verdadeira, única e antológica "Peggy Sue" de Buddy Holly — e pelo menos três quarteirões "ao vivo" produzido na medida. Plasticamente, é uma viagem. Intelectualmente, não há muito no que viajar, mas que importa? Coppola em *Peggy Sue* fez um de seus filmes mais emocionais. A química com Kathleen é magistral. Nota-se que está sendo dirigida por um mestre. Ela até nos faz acreditar que tem 16 anos (na vida real, tem 32). *Peggy Sue* é um draminha suburbano: Peggy chega à conclusão, *back to the future*, que teria feito tudo igualzinho.

O X da questão é como Coppola filma esse *Gente como a Gente*. Basta revelar o golpe do mestre. *Peggy Sue* abre com um zoom out de um espelho. No meio, tudo, ou seja, Peggy Sue, à la Lewis Carroll, no país dos espelhos. Ela viaja no tempo e comprova que, no fundo, as nossas decisões vitais são imutáveis. Chamem os bombeiros, chamem Dr. Sigmund, e estendam um tapete de veludo para Mr. Francis passar.

Pepe Escobar

O DESTEMIDO SENHOR DA GUERRA


Como Highway ou Dirty Harry, o eterno durão

A história já foi contada bilhões de vezes: sargento durão é designado para emendar um pelotão literalmente incorrigível. Como sempre ocorre, o sargentão vence e prova aos seus comandados ser, no fundo, um sujeito de bom coração. Esse papo todo o mundo conhece. Coloque Clint Eastwood dirigindo, produzindo e fazendo o papel principal e torne a coisa ainda mais previsível.

A novidade, portanto, não esta no filme mas na maneira como ele é conduzido. O sargento Highway está aqui plenamente convincente: é um veterano que só encontra a paz na guerra, solitário, capaz de arremeter qualquer ser vivente às mais longínquas profundezas com uma simples saraivada de expletivos. Bebe como um gambá e desobedece seus superiores. Perto de Highway, Stallone parece a Barbie. Mas os anos que levou para construir toda uma armadura de super-homem custaram a Highway sua capacidade de ter sentimentos. Ele não consegue gostar de ninguém, tampouco se deixa amar. Sua lista de prioridades é encabeçada pelos fuzileiros navais.

É aí que entra o toque anos oitenta, embora numa fórmula tradicional: o sargento Highway tenta reaver sua esposa tomando lições sobre as mulheres através de... revistas femininas. Ou seja, tenta trocar de tática.

Não há nada, além disso, que diferencie *O Destemido Senhor da Guerra* de seus antecessores. Muito tiro, muito homem macho paca, sangue e porrada. Para quem gosta, é um prato cheio e, como mero entretenimento, até que suportável. *J.E.R.*

ARMA MORTÍFERA

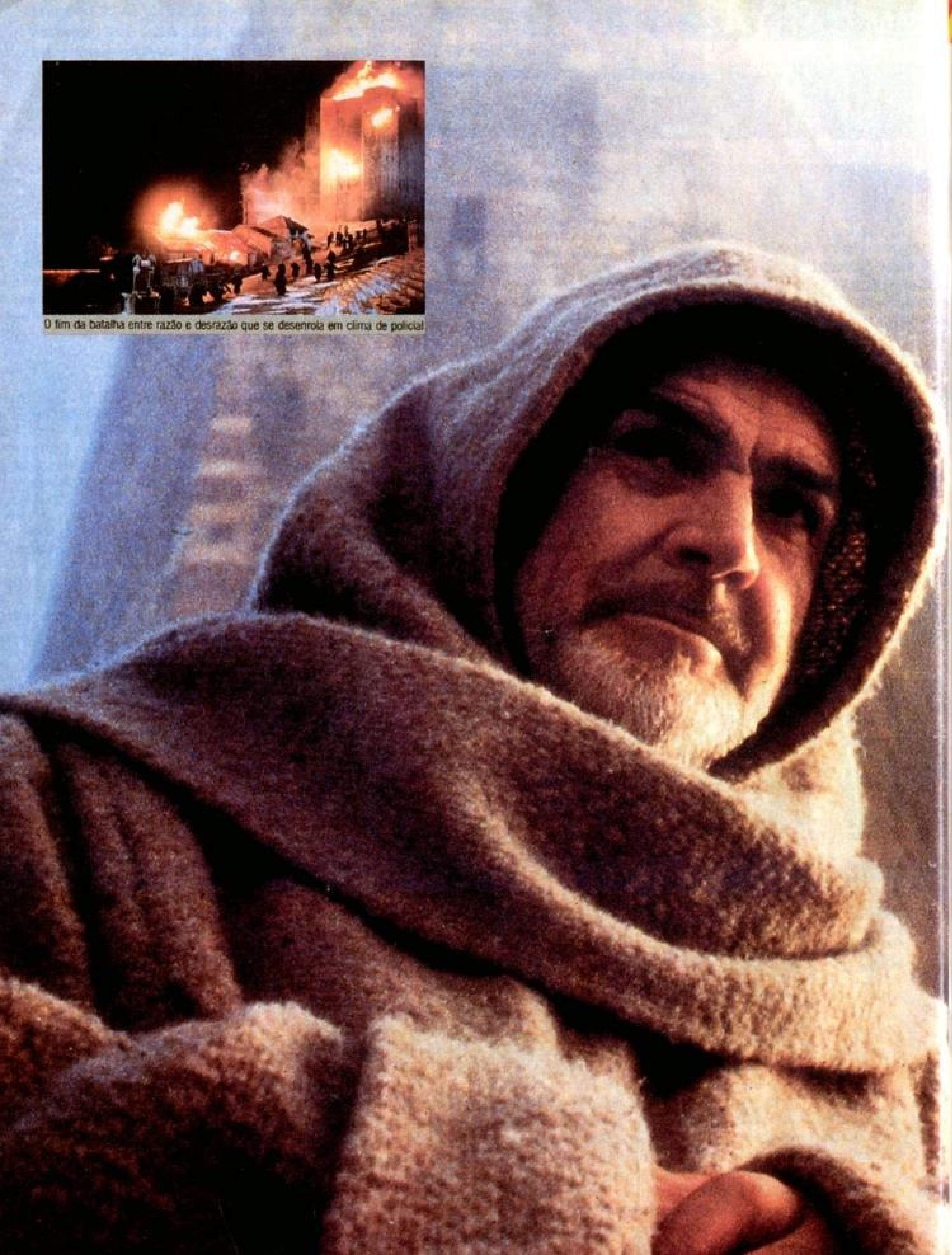
Gibson deixou os desertos do futuro de *Mad Max* para viver um policial atormentado em Los Angeles

Finalmente o australiano Mel Gibson — mais conhecido como Mad Max — protagoniza nos EUA um *thriller* à altura de seus talentos. Em *Arma Mortífera*, novo filme do diretor Richard Donner (*Super-Homem I; Ladyhawke, o Feitiço de Áquila*), ele engrossa o filão dos policiais em apuros no perigoso submundo de Los Angeles — vide *Viver e Morrer em L.A.* e *Morrer Mil Vezes*. Mas a coisa toda também leva um jeitão de *Miami Vice*: Gibson é parceiro do crioulo Danny Glover (de *A Cor Púrpura*) no combate a uma quadrilha de traficantes de heroína — ex-combatentes do Vietnan — e tem com ele algumas divergências no trabalho...

Martin Riggs (Gibson) é, na verdade, um homem no limite da psicose, profundamente afetado pela morte (acidental) da mulher, em choque constante com os métodos ponderados de Roger Murtaugh (Glover), um veterano com um pé na aposentadoria. Esse argumento, na pena do promissor roteirista Shane Black e sob a direção segura de Donner, tornou-se uma ótima, bem-humorada e agitada aventura.

Só dois momentos derrubam o filme: uma patriotada (aliás fora de moda, no pós-*Platoon*), quando Riggs crava a bandeira americana no túmulo da esposa, e a seqüência final, uma pretensiosa demonstração de artes marciais (capoeira, *jailhouse rock* e "jiu-jitsu brasileiro", este último supervisionado pelo carioca Rorion Gracie) que não dá muito certo. De resto, os excelentes Gibson e Glover (sem falar nos bandidões Gary Busey e Mitchell Ryan) seguram todas. É diversão garantida.

A.A.



O fim da batalha entre razão e desrazão que se desenrola em clima de policial

O NOME DA ROSA

Fotos Divulgação

Baskerville e Adso, uma transposição explícita para a Idade Média de Sherlock Holmes e Watson?

O romance de Umberto Eco surpreendeu a crítica ao se transformar, inclusive no Brasil, num verdadeiro *best-seller*. Como raramente acontece, um livro de feições "eruditas" foi um sucesso de vendas. Sem maiores apelos comerciais, tratando de um tema afastado da realidade imediata do grande público — o surgimento e a proliferação das seitas hereges no século XIV e a resposta violenta da Inquisição — e, ainda por cima, recheado com citações em latim (que para cúmulo não foram traduzidas), o caso foi mesmo excepcional.

Na verdade, a maior parte das pessoas que compraram o livro — certamente atraídas pelo título — não o leram até o fim, ou sabiamente saltaram páginas e páginas de conversa fiada, atendo-se ao que deu colorido ao primeiro romance de um professor de semiótica: a trama policial, desenvolvida dentro dos moldes clássicos da novela de mistério e do romance gótico.

E tão sábio como os que, saltando páginas, conseguiram chegar ao fim de *O Nome da Rosa*, o diretor francês Jean-Jacques Annaud reteve do romance apenas o que ele tem de emocionante: o clima de suspense, o mistério da proibição do riso e a violência da Inquisição.

A adaptação cinematográfica de *O Nome da Rosa* tem, portanto, muito pouco de literária, e esta é a sua principal virtude: com vasta experiência em filmes publicitários e já autor de uma filmografia expressiva (o ótimo *Preto e Branco em Cores*, sobre a colonização francesa na África, Oscar de melhor filme estrangeiro de 1978; *Coup de Tête*, inédito no Brasil; e *A Guerra do Fogo*, uma séria reconstituição dos primórdios da humanidade), Jean-Jacques Annaud deu forma aos pesadelos de Eco e transformou em imagens quase fellinianas a vida no mosteiro beneditino, onde estranhos crimes acontecem. As cenas são tomadas no interior da abadia de Eberbach, na Alemanha, com externas de uma cidade inteiramente construída para o filme, numa produção de 18 milhões de dólares, do mesmo produtor de *A História Sem Fim*, Bernd Eichinger.

Basta um exemplo de criatividade: o medo do inexperiente Adso (Christian Slater), o noviço que acompanha as investigações de William de Baskerville (Sean Connery em grande forma), transparece numa cena onde as gárgulas do convento adquirem vida própria e, como monstros de pedra animada, ameaçam "agarrá-lo".

Naquela época estranha da humanidade, onde a Inquisição constituía-se como um verdadeiro tribunal da alma, os limites entre a imaginação e a realidade não estavam bem definidos: a loucura (no caso do padre Salvatore) podia ser interpretada como possessão diabólica; o desejo sexual (no romance entre Adso e a camponesa) assumia ares de feitiçaria; as idéias diferentes (como as do frei herege) vinham do inferno e para lá deviam retornar.

No filme de Annaud, as citações de Eco tornam-se ainda mais explícitas: é impossível não ver em William de Baskerville um Sherlock Holmes de batina, tanto que a associação de seu sobrenome ao título da novela de Conan Doyle, *O Cão dos Baskerville*, torna-se redundante diante do chavão "elementar, meu caro Adso", que ele não resiste a pronunciar, num jogo em que o noviço é remetido ao Dr. Watson pela sonoridade parecida dos nomes. Já Salvatore é uma nova versão do Quasímodo de Victor Hugo: ambos loucos, deformados, apaixonados pela mocinha e cruelmente torturados... Também a associação entre o guardião da biblioteca e do segredo, o sinistro Jorge de Burgos, e o escritor argentino Jorge Luis Borges é total: pelo nome, pela cegueira, pelo amor aos livros e aos labirintos.

O filme, felizmente, não se perde nestas minúcias, e a ação avança a galope, em grandes lances dramáticos, com recurso ao *flash back* na reconstituição dos crimes, além das indispensáveis tempestades, escapadas noturnas, corredores atapetados de teias de aranha, passagens secretas, fileiras de esqueletos, tumbas profanadas e uma biblioteca de manuscritos incrustada numa torre circular de 40 m, onde os heróis se enredam na seqüência culminante da intriga.

O filme torna-se cada vez mais denso à medida que os crimes vão se esclarecendo. A própria investigação passa a ser motivo de inquietação para o mosteiro e, com a chegada do célebre inquisidor Bernardo Gui (interpretado por F. Murray Abraham com o mesmo vigor que emprestou ao Salieri de *Amadeus*), ela muda de sentido, implicando inocentes que serão levados à fogueira no desfecho apocalíptico.

Em *O Nome da Rosa* de Annaud, feitiçaria, sodomia, heresia, bibliofilia, loucura, paixão e crime desfilam numa espetacular reconstituição histórica do mundo escabroso da Inquisição. *Luiz Nazário*

CONTA COMIGO

O cartaz e o título podem sugerir uma história água-com-açúcar para moças mas *Conta Comigo* ultrapassa estas — e outras — expectativas. É um dos mais belos filmes juvenis da década e um dos melhores filmes da temporada.

Baseado em um romance de Stephen King (autor das histórias originais de *Carrie, a Estranha* e *O Iluminado*), o filme tem aventura e suspense sem exageros spielberguianos. O tema principal é a importância de se ter um amigo de verdade, o que, segundo o narrador (Richard Dreyfuss), só acontece enquanto se é criança.

A trama é simples, porém narrada de modo envolvente: um garoto desaparece numa cidadezinha americana, em 1959. O irmão mais velho de um dos quatro protagonistas, Vern (O'Connell) descobre que o menino está morto e o cadáver encontra-se oculto num lugar ermo, próximo à linha férrea que corta a região. Vern fica sabendo da verdade e corre a contar para a turma (Wheaton, Phoenix e Feldman). Os garotos decidem empreender uma jornada até o local para descobrir o corpo e elucidar o mistério — e assim, se tornarem os heróis da cidade. É nesta viagem que os começam a deixar a inocência, descobrindo o quanto a vida é desafiadora, misteriosa e cheia de surpresas, incluindo a maior delas: a morte.

Nada falta ou sobra ao filme, a não ser o injusto esquecimento da Academia do Oscar, apesar de ter sido eleito pela crítica americana como um dos melhores filmes de 86. O desempenho dos garotos, sensacional, sob a direção de Rob Reiner compõe um sensível quadro da infância.

Tom Leão

Os garotos lançam sua sorte: uma trama sensível, apesar de baseada num original do sanguinário King

CHUVA DE CHUMBO

Foto: Columbia

Depois de C. Thomas Howell *(A Morte pede Carona)*, mais um astro juvenil — Michael Anthony Hall — adere ao *thriller*

Quem está acostumado a ver a chamada turma do Brat Pack se metendo apenas em filmes bobinhos — do tipo que encharca os lenços e as calcinhas de gatinhas púberes — certamente se espantará com *Chuva de Chumbo* (êta titulozinho sem-vergonha!). Michael Anthony Hall — famoso por *Mulher Nota Mil* e *The Breakfast Club* — abandona aqui os ares de adolescente bobalhão para se transformar no pivô de um movimentadíssimo *thriller*, ambientado em Los Angeles.

No filme, Michael é Daryl Cage, matutão de Iwoa que chega a L.A. para morar com o irmão Tony, astro do futebol americano. Só que no aeroporto há uma infeliz troca de bagagens envolvendo a sacola de Daryl e uma outra, idêntica, que guarda 10 quilos de heroína. O dono da muamba corre atrás de sua mercadoria mas só acha Tony e sua esposa. E os mata. E a polícia cisma que Daryl é o assassino do irmão. Cage, então, passa a fugir da polícia enquanto caça os verdadeiros criminosos, auxiliado pela garçonete Dizz (Jenny Wright), que conhecera no avião.

O ritmo da edição é vertiginoso — é ação contínua, a dar com o pau. O diretor é Richard Tuggle (*Um tira na Corda Bamba*). As imagens são belamente fotografadas. E a trilha — assinada por Stewart Copeland — só faz crescer a tensão e o suspense. Há também uma intervenção do Siouxsie e seus Banshees, cantando, ao vivo, "Cities in Dust".

Se todos do Brat Pack optassem pelo caminho de Michael, é provavel que se descubra uma boa safra de atores ofuscados por produções medíocres.

J.E.R.

LANÇAMENTOS

RPM — RÁDIO PIRATA AO VIVO (RPM Vídeo) — Finalmente saiu a íntegra do show eleito o melhor de 86 pelos leitores de BIZZ. Um tanto atrasado, vale dizer, já que agora o quarteto está em franca hibernação. Mas é, no mínimo, um registro histórico da arremetida meteórica do RPM aos píncaros do estrelato do rock nacional. Um verdadeiro *must* em qualquer videoteca musical que se preze.

VÁRIOS — THE PRINCE'S TRUST ALL-STAR ROCK CONCERT (estéreo, hi-fi, MGM/UA Home vídeo) — Anualmente uma tropa de superastros ingleses se reúne num show beneficente cuja renda vai direto para o fundo que o príncipe Charles mantém para ajudar os necessitados. Esta edição traz apresentações de Eric Clapton, Phil Collins, Elton John, Howard Jones, Tina Turner, Mark Knopfler, Sting, Paul MacCartney, Rod Stewart, Paul Young e muitos outros.

TRAFFIC — LIVE AT SANTA MONICA (64 minutos, RCA/Columbia Home Video) — Este concerto foi gravado em 1972, durante a turnê que promovia o álbum *The Love Spark of High Heeled Boys*. Nos atuais tempos de renascimento artístico de Stevie Winwood, esta fita serve para iluminar o fã sequioso de maiores detalhes sobre o passado do artista trintão. Um pequeno aviso, porém: o Traffic era pelo menos quintozilhões de vezes melhor e mais inspirado do que este show faz supor.

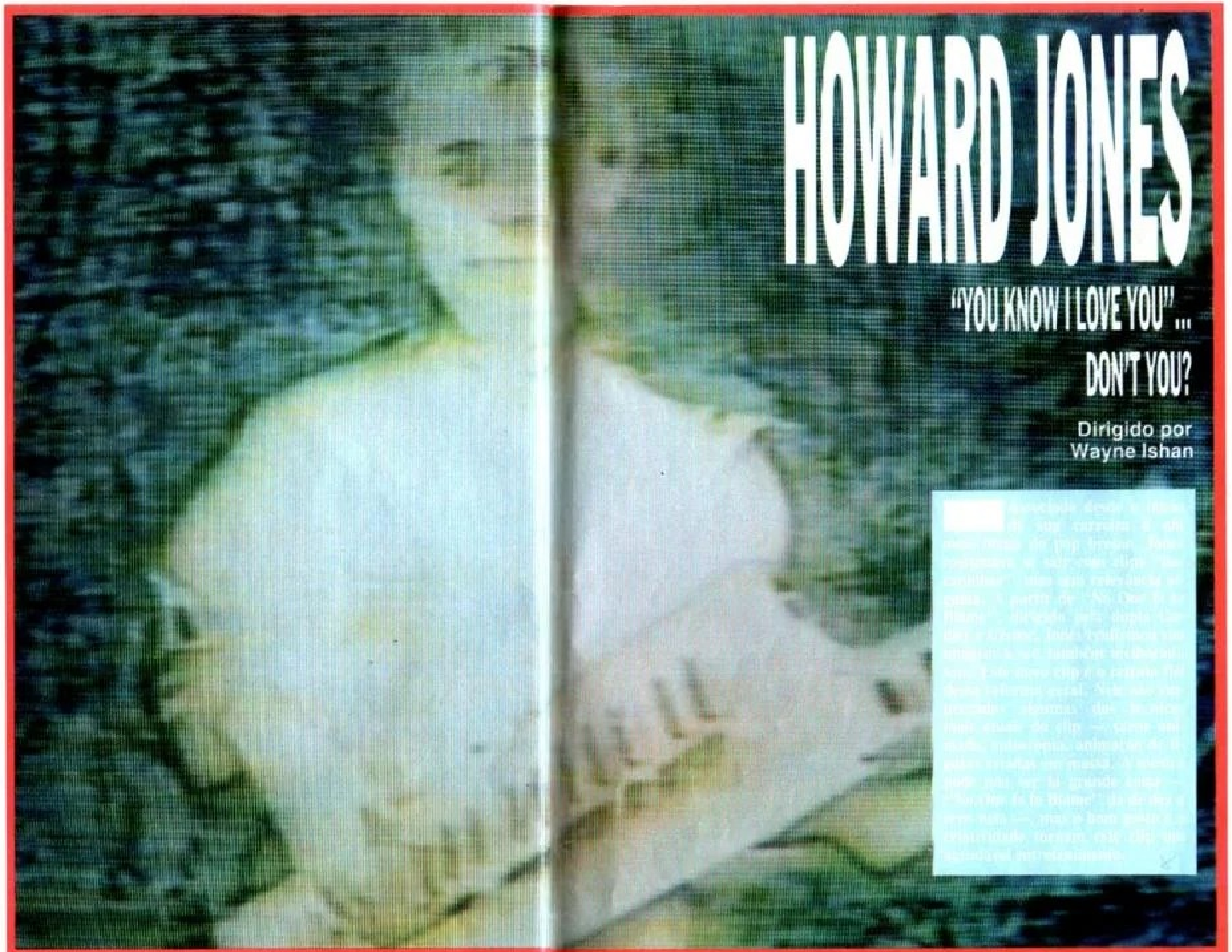
WE LIKE THE BLUES, VOLUMES I AND II (60 minutos cada, Sony Video Software) — Realizado na Inglaterra, este show reune alguns medalhões do blues inglês. Entre eles, John Martyn, Climax Blues Band e Ten Years After (como?!).

FURTHER ON DOWN THE ROAD (90 minutos, Praxis Media) — Mais blues, só que da matriz. Albert Collins, Lonnie Mack e Roy Buchanan trocam riffs superinspiradores num concerto gravado no Carnegie Hall, em dezembro de 1985. Além de música, este vídeo traz entrevistas com artistas influenciados pelos músicos que aqui tocam. Falam Dicket Betts e Robbie Robertson entre outros.

PARADA

1 BON JOVI — *Bon Jovi*
2 CONTROL — THE VIDEOS — *Janet Jackson*
3 EVERY BREATH YOU TAKE — THE VIDEOS — *Police*
4 LIVE WITHOUT A NET — *Van Halen*
5 THE NUMBER ONE VIDEO HITS — *Whitney Houston*
6 MÖTLEY CRÜE UNCENSORED — *Mötley Crüe*
7 DAVID LEE ROTH — *David Lee Roth*
8 MY NAME IS BARBRA — *Barbra Streisand*
9 DOKKEN — *Dokken*
10 STARING AT THE SEA — *Cure*

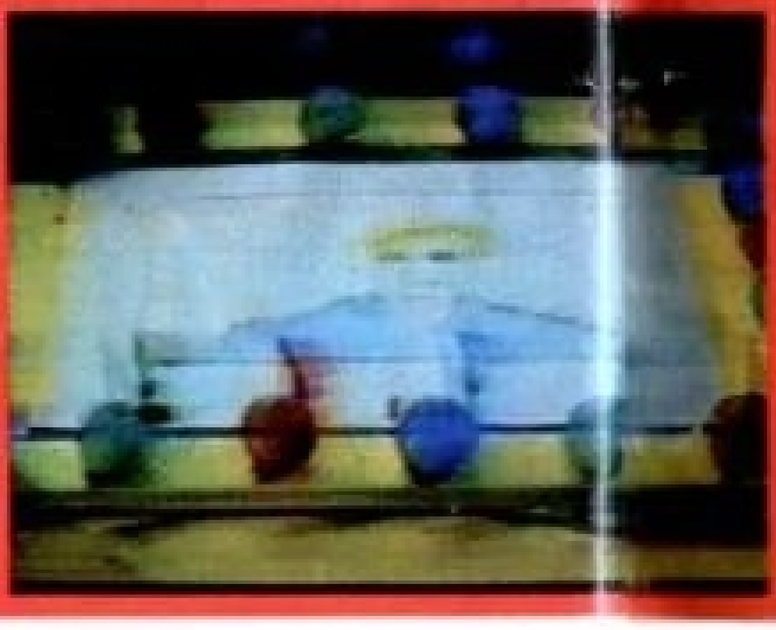
Fonte: revista Billboard



HOWARD JONES

"YOU KNOW I LOVE YOU"... DON'T YOU?

Dirigido por Wayne Ishan



Fotos R. Tuco

NOTAS

Foto Ruy Teixeira

■ O canal de cabo norte-americano Shoutime gravou um dos shows da turnê *Graceland*, que **Paul Simon** está fazendo ao redor do mundo. Um detalhe: este show específico foi gravado no Zimbabwe. Ainda sobre Paul, o diretor do clip "Boy in the Bubble", **Jim Blashfield** (BIZZ n.º 21), é o mesmo que realizou "And She Was", dos **Talkings Heads**, e "Good Friends", de **Joni Mitchel**. Ficou faltando este toque.

■ Quem se liga nas bandas norte-americanas mais radicais vai se deliciar com o vídeo de três horas que a SST lançou sobre toda a história do grupo **Minutemen**, cujo guitarrista, **D. Boon**, morreu o ano passado.

■ Os ratos de bastidores terão em breve mais um petisco para engrossar a oferta de vídeos do tipo *Making-of*. Agora chegou a vez de ser entregue ao público o minidocumentário sobre a feitura do filme *A Hard Day's Night*, dos **Beatles**. Quem duvida de uma segunda onda de beatlemania pode começar a pensar duas vezes.

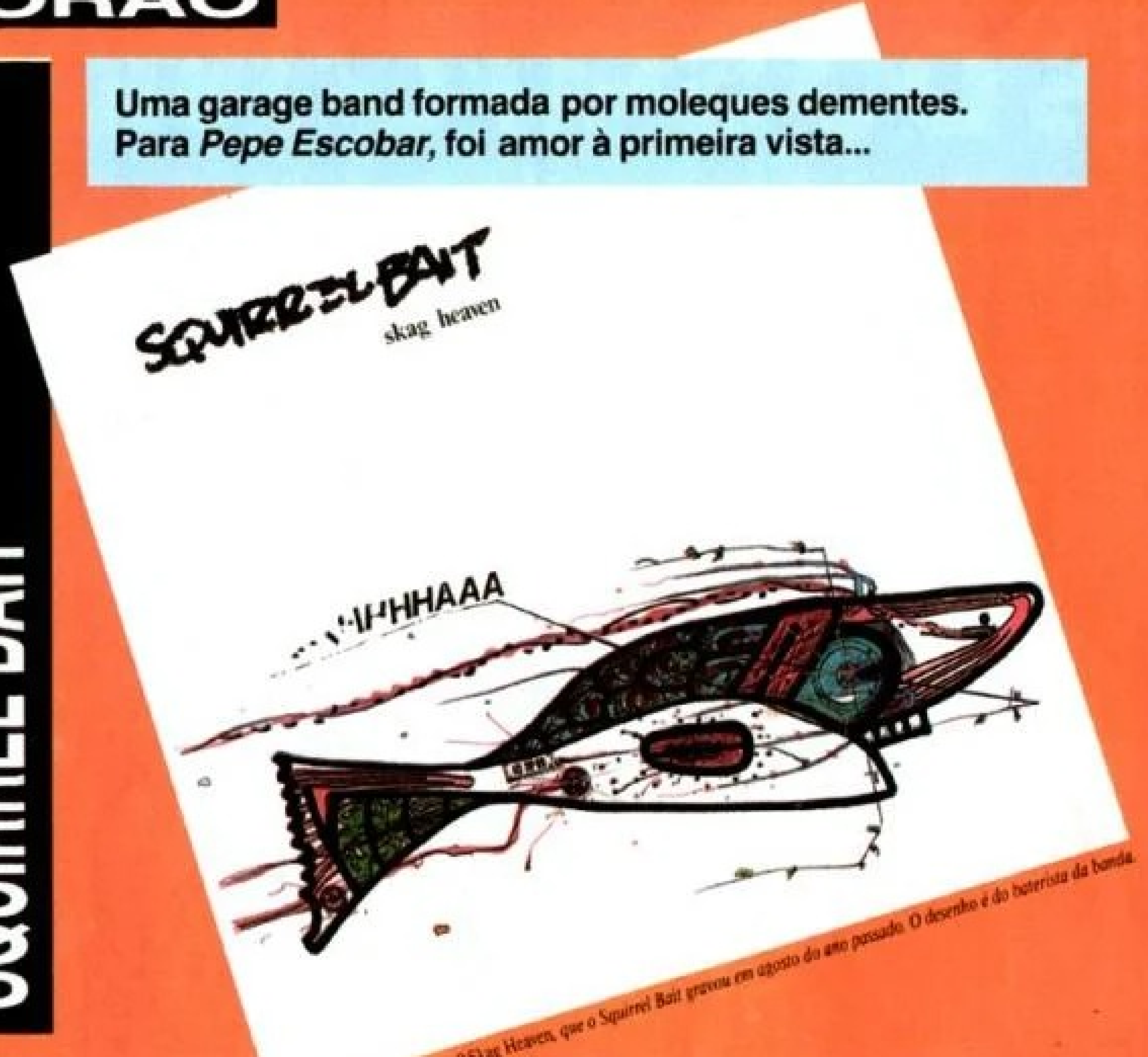
■ **A PMRC**, aquela agremiação de vetustas senhoras doidinhas para instaurar a censura aos discos nos EUA,— está de olho na MTV. Já foi feito um contato com o canal de cabo, pedindo que antes de clips "violentos" seja posto no ar um aviso aos pais, alertando para o conteúdo das imagens. A MTV disse que ia pensar no assunto. Eu, hein?

■ Sai em julho o primeiro longa com um show completo dos **Doors**: *Live at the Hollywood Bowl*, gravado em 5 de julho de 1968, com som estéreo, hi-fi, tirado de uma mesa de 16 canais. São, ao todo, 18 canções. Por favor: alguém aí pode emprestar um babador?

A BASF AMPLIA OS LIMITES DO SEU OUVIDO.
Quando você escuta uma fita BASF, você está ouvindo o que a tecnologia de som tem de mais avançado.
São anos de pesquisas para dar aos seus ouvidos a melhor qualidade em som.
O ponto de honra de cada fita BASF é atingir o máximo.
O máximo na durabilidade, o máximo na qualidade das gravações, o máximo no desempenho.
Exija BASF. Se alguém tem tanto a dizer sobre a tecnologia do som como a BASF, é bom ser todo ouvidos.
BASF
NÃO SE CONTENTE COM MENOS.
BASF 90
chromdioxid extra II
hifi stereo cassette
BASF 90
LH extra I

SQUIRREL BAIT

Uma garage band formada por moleques dementes. Para *Pepe Escobar*, foi amor à primeira vista...



Capa do LP Skag Heaven, que o Squirrel Bait gravou em agosto do ano passado. O desenho é do baterista da banda.

O que corrói a alma da ala consciente da juventude americana? É o tédio, o ceticismo, a ferocidade. Duas minibíblias literárias dos anos 80 tratam o fenômeno em escala superficial: *Bright Lights, Big City*, de Jay McInerney, e *Less than Zero*, de Bret Ellis. São as versões Nova York e Los Angeles, respectivamente. Mas o negócio vai muito além das vãs palavras de yuppies existencialistas. Pra sentir na veia, só ouvindo a nova geração de garage bands. Ou um kalashnikov do tipo Squirrel Bait.

Em gíria, o nome significa "malucos", "ensandecidos". Como tudo que é bom, o Bait acabou, há mais ou menos um ano. Carreira (?) fulminante. Nessa podridão espiritual ambiente, onde predomina a ética do trabalho, da "carreira" e a eficiência produtiva, cinco "loucos" de menos de dezesseis anos montaram uma banda, subiram em um furgão e fizeram a *tour* completa do circuito underground americano. Manchete de capa: gang de adolescentes encontra uma maneira de se exprimir fora dos esquemas, dos guetos e das modas. Essa é a matéria da qual costumava ser feito o chamado rock'n'roll.

Os Squirrel reuniram-se em 82, em Louisville, Kentucky, notório cafundó especializado em bourbon e galinha frita. Da depredação subseqüente resultaram mais de mil concertinhos e dois LPs. Logo se afirmaram como uma das bandas top da segunda geração pós-hardcore, filhos espirituais de Hüsker Dü, Meat Puppets e Mission of Burma.

Louisville, no final dos 70 e início dos 80, tinha uma cena hardcore *mesmo*. A estrela era uma certa Babylon Dance Band, apocalíptica mescla de Hüsker Dü com Creedence Clearwater. A moçada *squirrel*, na época, tinha uns onze ou doze anos e ficou altamente influenciada pelo som.

Se alguém põe a mão em *Skag Heaven*, o testamento *squirrel* em vinil (selo Homestead, americano), terá pela cabeceira, anos a fio, um antológico clash de voz passional circundada por muro de guitarras. Entre psicoses e selvagerias, niilismo e neutralidade emocional, está registrado um dos manifestos definitivos da Nova Geração Perdida, aquela que (ainda) não encontrou seu Fitzgerald. A sensação é de Stooges (com Iggy) movidos a anfetamina. Há ainda o bônus extra: uma versão da sensacional "Tape to California", de Phil Ochs. O ciclone de guitarras carrega tudo. A anarquia formal revela-se como a arte conduzida a seu *point of no return*. O rumor do (verdadeiro) pós-tudo é selvagem, é selvagem...

Ao vivo, costumavam tocar "Hey Joe", baseados não em Hendrix mas nos Leaves — doença terminal dos 60's. Prenda esses esquilos em suas noites de bruma púrpura.

Pepe Escobar

VOCÊ PODE VER DE PERTO O NOVO MICHAEL JACKSON

Você poderá ir conhecer de perto o novo Michael Jackson, no início da grande turnê americana do maior artista da música popular moderna, em junho, na Flórida.
É fácil concorrer: basta preencher o espaço abaixo com um desenho dando a sua idéia de como será a nova imagem de Michael. Você não precisa ser um grande desenhista para participar, qualquer pessoa pode concorrer.
Sua carta deve ser endereçada a: Discos CBS - Merchandising & Publicidade - Praia do Flamengo, 200 - 15.º - Rio de Janeiro.
Muito breve estará chegando às lojas o novo álbum de Michael Jackson, depois de três anos fora dos estúdios.
Trata-se, simplesmente, do disco mais esperado do ano em todas as partes do mundo — e o maior segredo da indústria fonográfica.
Se o seu desenho for o escolhido, você irá assistir o show de Michael Jackson — com passagem, estadia e ingresso *totalmente pagos*.
Os demais 20 classificados ganharão, cada um, uma coleção completa dos Lps de Michael Jackson.
Para que você também possa concorrer, prolongamos esta promoção até junho. Envie seu desenho hoje mesmo.

Desenhe aqui o novo Michael Jackson

ESTÁ CHEGANDO O NOVO MICHAEL JACKSON

CBS

AS VIRGENS LAGARTO

O balanço instável de um quinteto psicodélico e gótico *flamboyant*, por Luís Antônio Giron

Góticos, hippies ou ciganos? Apenas lagartos virgens fazendo rock...

O nome surpreende como um afresco de Bosch. Sob ele se abrigam o vocal de Xambi, a guitarra e as músicas de Bira, outra guitarra e os teclados de Marcos Coio, o baixo de Pepê e a bateria de Marquinhos. Com idades entre 16 e 24 anos, vestidas de pirata, índio ou cigano, essas virgens nem tão virgens fazem só rock. Em um ano de existência a banda já congregou um grande número de cultores no circuito underground de São Paulo. No cabaré Madame Satã ou em colégios da periferia, as virgens vomitam um repertório de vinte composições, entre acid rocks e baladas.

O som do quinteto tem algo de psicodélico e gótico *flamboyant*. "Buscamos pesquisar ritmos", diz Bira. A banda, de fato, pode ser definida como "goppie progressiva". Lembra tanto as virgens do Mission no uso enfático do baixo e da bateria com sombras de forró e funk.

Nascidas no bairro do Aeroporto em São Paulo da fusão de duas bandas de garagens amigas, As Virgens já começaram ensaiando num estúdio. "Não somos uma garage band", explica Xambi. "Temos consciência de que devemos nos aperfeiçoar munidos de uma tecnologia mínima." O resultado dos ensaios diários em estúdio é interessante. A demo que prepararam exibe quinze composições tempestuosas, genuínas engenhocas de fazer dançar. Exemplo do balanço instável da banda é o rock "Velhas Locomotivas", síntese gingada da história recente do rock: "O sonho breve da triste era de Aquarius/E agora a corrente de Jesus e Maria declama/A decadência punk e seus dedos fálicos". De panfletos póstumos similares em punho, as virgens começam em maio a fazer shows e a projetar um LP à gravadora que se interessar. Salve-se quem não dançar!

ÚLTIMO NÚMERO

O mosaico noturno dos fragmentos de amor e dor engendrando as tramas da memória e do desejo...

Da esquerda: João, Gato Jair, Paulo e Clode

Ficção: na várzea paraibana, uma sombra transmite seu sôfrego monólogo aos seus herdeiros de direito — Gato Jair (vocal), Paulo (baixo), João (guitarra) e Clode (bateria): o Último Número.

Fricção: Belo Horizonte, outrora um paraíso para tuberculosos terminais, não poderia ser melhor abrigo para esta banda, que, desde 85, vem fazendo jus ao legado do patrono Augusto dos Anjos, ao seguir o destino de rimar, uma vez mais, amor e dor. Sem poses ou falsos artifícios, o UN evita os estereótipos ultra-românticos e, com farpas de sarcasmo, sangra poesia.

No inverno de 86, gravaram seu primeiro LP, o *Strip Tease da Alma*, numa modesta, porém bem cuidada, produção da Câmbio Negro Discos. O trabalho sofreu atrasos na prensagem e ninguém sabe ao certo quando o público terá acesso ao vinil. São onze faixas de impacto, coesas, que, no todo, montam um mosaico noturno de perfumes e ciúmes, *spleen* e muito, muito álcool.

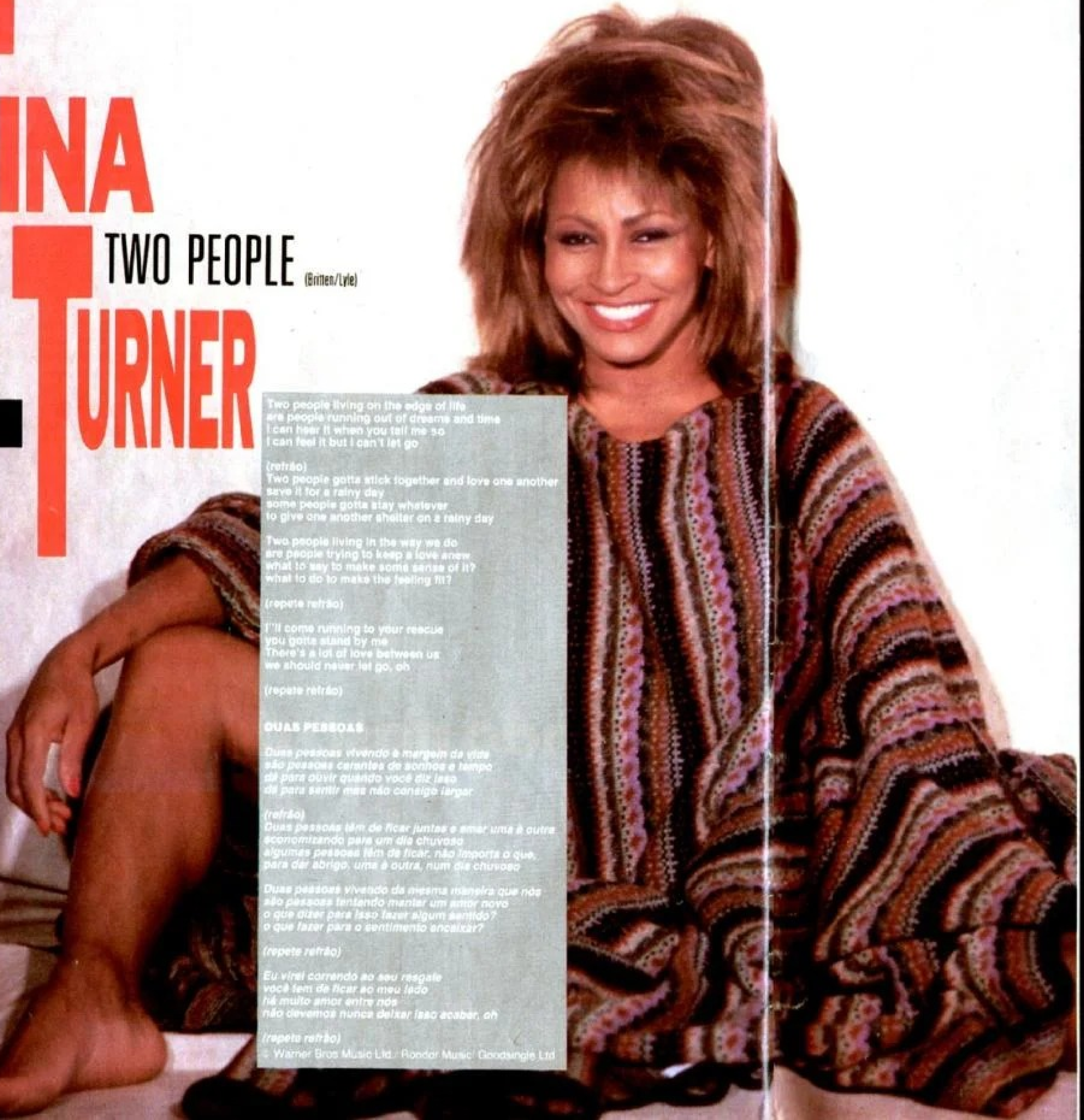
Seria querer tapar o sol com a peneira não destacar o trabalho de Jair, principal letrista, dono de um texto refinado, recheado de sutilezas e que está para o UN assim como Jim Morrison esteve para os Doors. Um exemplo é "A Noite dos Assassinos", construída a partir do antológico *Hiroshima Mon Amour* (Alain Resnais), que veio a se tornar o primeiro hit do grupo.

Como poucos, o UN consegue captar em sua música a essência volátil da vida e a frenética luta das pulsões. *Ars longa vita brevis*. No princípio do fim, no fim do princípio. Flashes casuais do bar do abismo.

Arthur G. Couto Duarte

TINA TURNER

TWO PEOPLE (Britten/Lyle)



Two people living on the edge of life
are people running out of dreams and time
I can hear it when you tell me so
I can feel it but I can't let go

(refrão)
Two people gotta stick together and love one another
save it for a rainy day
some people gotta stay whatever
to give one another shelter on a rainy day

Two people living in the way we do
are people trying to keep a love anew
what to say to make some sense of it?
what to do to make the feeling fit?

(repete refrão)

I'll come running to your rescue
you gotta stand by me
There's a lot of love between us
we should never let go, oh

(repete refrão)

DUAS PESSOAS

Duas pessoas vivendo à margem da vida
são pessoas carentes de sonhos e tempo
dá para ouvir quando você diz isso
dá para sentir mas não consigo largar

(refrão)
Duas pessoas têm de ficar juntas e amar uma à outra
economizando para um dia chuvoso
algumas pessoas têm de ficar, não importa o que,
para dar abrigo, uma à outra, num dia chuvoso

Duas pessoas vivendo da mesma maneira que nós
são pessoas tentando manter um amor novo
o que dizer para isso fazer algum sentido?
o que fazer para o sentimento encaixar?

(repete refrão)

Eu virei correndo ao seu resgate
você tem de ficar ao meu lado
há muito amor entre nós
não devemos nunca deixar isso acabar, oh

(repete refrão)

© Warner Bros Music Ltd./ Rondor Music/ Goodsingle Ltd

Foto Gamma/ Sygma

Tem uma revista só de letras esperando por você nas bancas

André Cristovam empunha sua Fender. Ao lado, a Custom Stratocaster feita à mão por John Suhr

Foto: R. Tucci/ Azul

ANDRÉ CHRISTOVAM

O bluesman brasileiro quer manter viva a tradição da música negra

Com um *background* musical de família — o pai tocava violão e o tio, violino clássico —, André Christovam começou a tocar aos 8 anos de idade, dividindo suas atenções entre o violão e o futebol, como qualquer criança normal. Mas aos 14 anos, quando ganhou sua primeira aparelhagem de som e comprou um disco do Cream, decidiu que queria ser músico, para tocar como aquele *power trio*. Para demonstrar sua força de vontade e conseguir que o pai lhe desse uma guitarra, começou a ter aulas de violão clássico com o professor português Antero Martins, e, no espaço de um ano, passou de meia hora de prática para quatro a cinco horas por dia. André ganhou a parada: a guitarra, um pedal de distorção e um amplificador. A partir daí, passou a dedicar praticamente todo o seu tempo tentando "tirar" as músicas e absorver o estilo dos guitarristas que mais gostava. Eric Clapton, por exemplo.

Enquanto cursava a Faculdade Paulista de Arte e tinha aulas de guitarra no CLAM, André conheceu os professores Cândido Penteado e Luís Chaves (baixista do Zimbo Trio), que lhe transmitiram influências de música instrumental e blues. Mas a pop music também deixou marcas na sua formação musical. Principalmente a vertente californiana da qual fazem parte os Eagles e Linda Ronstadt.

André morou na Califórnia por uns tempos. Em 80, foi para Los Angeles estudar no Guitar Institute of Technology com feras como Larry Carlton, Pat Martino e Robben Ford. "Eu absorvi deles a linguagem jazzística, o gosto pela música, a maneira como eles usam os acordes, uma série de substituições e tudo o mais, mas não acabei me transformando num *real jazz player*. Na minha opinião, ninguém no Brasil toca esse tipo de música com a mesma inflexão."

Foi trabalhando numa loja de instrumentos musicais raros em L.A. que Christovam começou a compreender melhor por que alguns guitarristas preferiam certos instrumentos. Enfim, todos os detalhes que influenciam na qualidade de som do instrumento.

Dan Duran, dono dessa loja e um dos poucos baixistas brancos que tocaram com Aretha Franklin, também ensinou muito. "Quando não tinha cliente na loja, nós ficávamos tocando e foi aí que eu comecei a ter repertório. Foi através dele que eu conheci Albert Collins, John Mayal, Rick Zito (que foi quem me ensinou a tocar com bottleneck)."

Com John Mayal, um dos bluesmen mais importantes da Inglaterra, André acabou fazendo uma turnê pela costa oeste dos Estados Unidos. Participou também de um show onde tocaram Albert Collins, Rick Zito, Ted Green e até o estranho Thumbs Carlile (que toca com a guitarra deitada horizontalmente no colo).

Depois de conhecer e tocar com músicos desse calibre, é fácil entender a afirmação de Christovam: "Manter viva a música negra, o blues, se tornou quase uma obsessão". É por isso que ele mantém na ativa, paralelamente ao trabalho com Kid Vinil e os Heróis do Brasil, a banda Oldsmoblues ("é como uma identidade secreta"), sem se preocupar com o sucesso comercial.

Sobre os Heróis do Brasil, André conta que eles adoram tocar ao vivo, mas detestam ensaiar. Enquanto o Kid cuida da imagem e do carisma do grupo, ele cuida da parte musical.

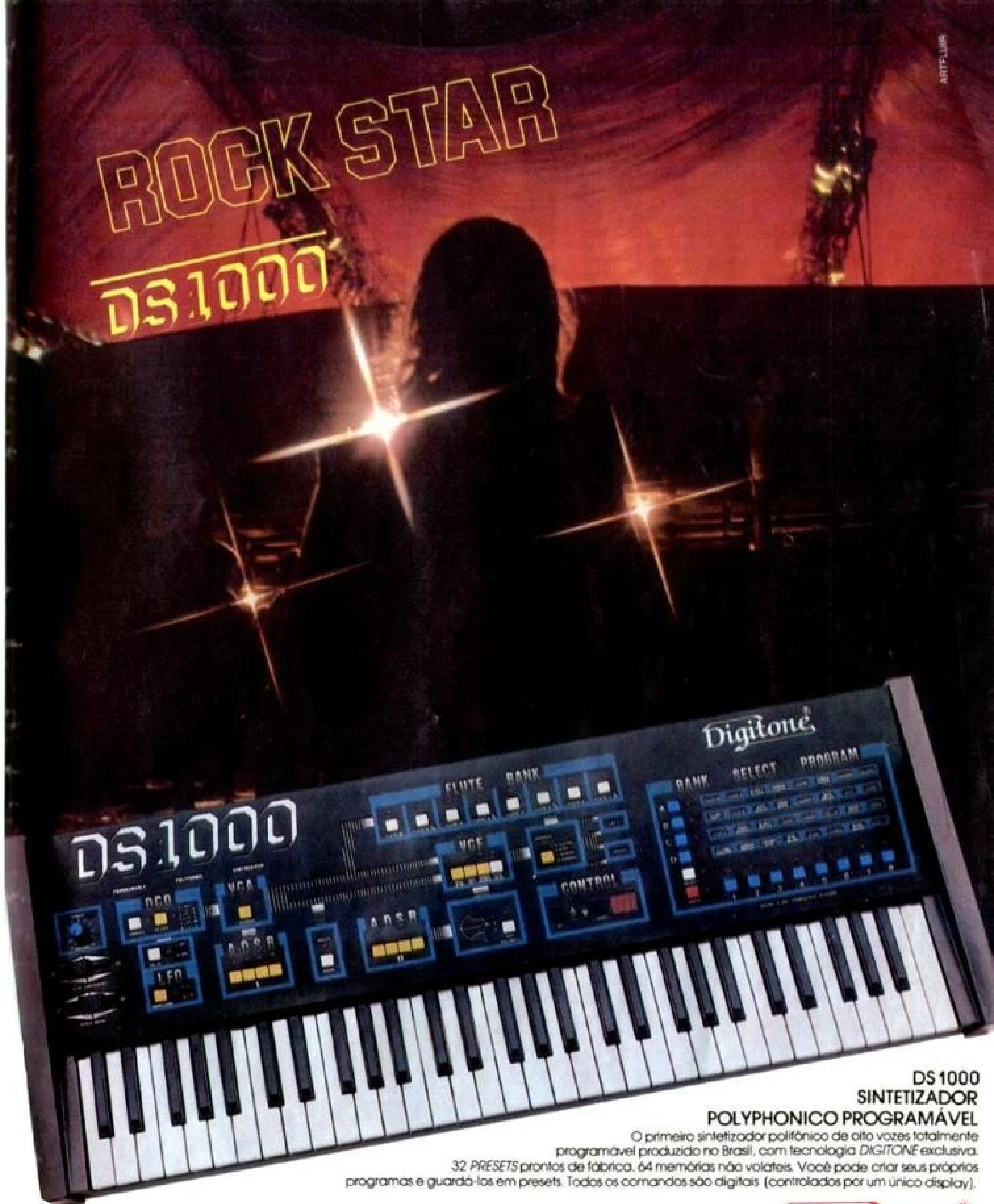
Os guitarristas que ele mais admira são Eric Clapton, Jeff Beck, Eric Johnson, B.B. King, Robert Johnson, Ry Cooder, Mark Stern e Bill Connors.

T.P.

FICHA TÉCNICA

MARCA REGISTRADA: BOTTLENECK

André tem duas guitarras, uma Fender Stratocaster (ano de fabricação 1962) que é seu instrumento principal de trabalho, "ela dorme do lado da minha cama", ele diz) e uma Custom Stratocaster feita à mão por John Suhr, um especialista de Nova York. As cordas que ele usa são Ernie Ball 009-042. Para a guitarra elétrica, o uso de bottleneck de vidro é quase constante, assim como o do metal para guitarra acústica. Quanto ao amplificador, ele tem um Jim Kelley, com over-drive embutido. Tem um rack de efeitos composto por um redutor de ruídos Hush II B e um Lexicon PCM 42.

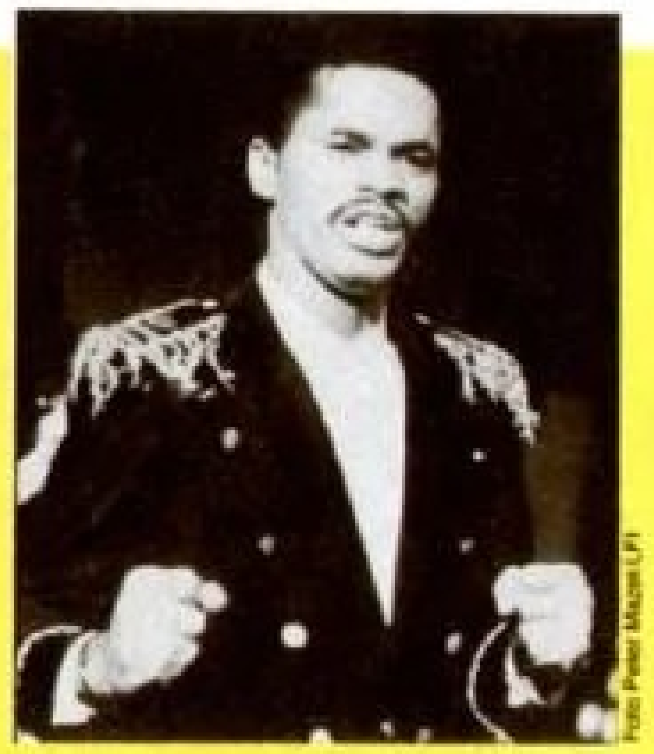


DS1000
SINTETIZADOR
POLYPHONICO PROGRAMÁVEL

O primeiro sintetizador polifônico de oito vozes totalmente programável produzido no Brasil, com tecnologia *DIGITONE* exclusiva. 32 *PRESETS* prontos de fábrica. 64 memórias não voláteis. Você pode criar seus próprios programas e guardá-los em presets. Todos os comandos são digitais (controlados por um único display).

Solicite nosso catálogo. DIGITONE
Av. do Café, 383/387 - São Paulo - SP
Fone (011) 577.3622

Digitone®
DIGITAL KEYBOARDS



A *house music* de Chicago está arrebentando em Nova York e Londres, mas ninguém sabe quando nem como surgiu. De acordo com o duo **J.M. Silk,** os verdadeiros *Jack Masters* (segundo os próprios), a raiz está no som da Filadélfia no final dos anos 70. O primeiro disco *house* genuíno é, segundo Silk, *Music is the Answer*, do **Colonel Abrahams** (foto) — deve ter aí. O hino *house* é, sem dúvida, *Jack Your Body*, com os Silk. *Jack* é a palavra-chave na *house*, assim como *Say What?* (E aí?) para o *go-go* de Washington. *Jack your body* é "dance pra cacete". *Jack the box* é quando um DJ castiga mesmo. *Jack the bass* é aumentar o baixo a nível de fazer vibrar costela. E, acima de tudo, *"jack"* é um termo de infinitas conotações libidinais.

Foto Peter Mazel/LFI

O anúncio iria sair assim — manchete: "Não morra de nada", ilustração: uma camisinha Red Stripe, ampliada, escrito "Frankie". Coisa da ZTT, claro, e do Sr. **Paul** "Deixa a mídia comigo" **Morley.**

Deveria promover o novo single das frutinhas de Liverpool, "Watching the Wildlife". O *NME* e a *N.°1* recusaram-se a publicar a peça. O single sai, camisinha não. A ZTT afirmou que o anúncio "promovia segurança", bem ao estilo da campanha oficial do Departamento da Saúde, onde AIDS é vista como um iceberg, por baixo do qual oculta-se sabe Satanás o que. Não pegou.

A Levi's continua arrasando na sua campanha em cima das *501* fabricadas na Inglaterra (claro que estão a milhas de distância da qualidade original, ou seja, São Francisco, CA, *circa* década de 40). Depois de matar com **Sam Cooke** e **Marvin Gaye,** respectivamente em um *loft* e uma lavanderia de alto estilo, agora é a vez de **Percy Sledge** fazer fundo musical para uma despedida em cenário puro *One From the Heart* (Coppola exige *copyright*). A melô escolhida, claro, só poderia ser "When a Man Loves a Woman", clássica balada sixties. Próximos na cult-lista, com certeza: **Jackie Wilson** e **Otis Redding.**

Foto Abril

Um dos últimos e verdadeiros *guitar heroes* da era pós-punk, **Tom Verlaine,** lançou seu quinto LP, *Flashlight*, meio na sombra. Não por acaso: é um disco que fica a milhas de distância do impecável *Dreamtime*. Verlaine, no entanto, foi desenterrado pelo The Tube, no canal 4, em uma velha jam com o Television, lá por 78, 79. Resultado: tivemos a melhor meia hora de música na TV inglesa desde James Brown sabe o que.

O Canal 4 britânico andou passando uma seriezinha absolutamente notável: o "A a Z" da country music. Todo mundo aparece, de **Loretta Lynn a Johnny Cash,** passando por violeiros da morte e o mestre country-blues **Clarence** "Gatemouth" **Brown.** Tem de tudo: cowboy jazz, honky tonky, hillbilly, Nashville, vaca pastando e até a bichinha **Jimmy** "Ex-Bronski" **Sommerville** cantando "Never So More", da sensacional **Patsy Cline.** Alguém aí compra ou não compra?

Em botecos escolhidos, continua saindo fogo, suor e sangue da noite londrina. Na terça, o point é o *Whisky-A-Go-Go*, no *Wag Club*: soul, funk e trash. Na quarta, *Pneumatic Floorslam*, em Euston Road: funk industrial, punk independente, rap e go-go. Na quinta, *Gaz's Rocking Blues*, no *Gossips*: rhythm'n' blues, ska, rocksteady e soul clássico (tem em disco). Na sexta, o difícil é escolher entre a *Loco-Motion*, em Kentish Town (soul e r&b), o *Purple Pit* em Finchley Road (com a fera **Paul Murphy** arrebentando em soul, r&b e jazz) e o quase impenetrável *Mud Club*, no citado *Busby's* (r&b e funk pesado). No sábado, Murphy volta a Finchley Road com swing, bebop e jazz bluesado (noite braba), e o *Astoria* entope-se com o *Delirium* (funk pós-tudo e clássicos trash). No domingo, só desmaiando no parque ou pegando uma mostra na Tate Gallery. Mesmo assim, resta a *Reptile House*, apogeu do glam, glitter e trash. Sobreviva se for capaz.

Os DJs londrinos caíram de boca na *trash disco*. Trash é praticamente todo o pop anos 70, ou coisas como a euro-disco, Motown lacrimoso ou campeões tipo **Divine** ou **Marc Almond** fase junkie. Aos DJs tropicais interessados na escola, recomenda-se acrescentar **Nilton César** e **Agnaldo Rayol** (foto), inimitáveis trasheiros de categoria internacional.

Foto Abril

Lavoisier reina no pop, como se ninguém soubesse disso. Confirmado: **Jimmy Page** e **Bobby Plant** meteram mesmo a mão em "You Need Love", do mestre *blues-man* **Willie Dixon** (62), para fazerem "Whole Lotta Love", a música favorita do The Cult. Dixon ganhou algumas verdinhas extras em um acordo extra-júri. O Cult, por outro lado, andou metendo a mão em um certo **Keith Richards** para confeccionar seu último single. O velho junkie vai processar o neo-hippie **Ian Astbury,** ou tudo se resolverá com uma audição conjunta de "Immigrant Song", onde Bobby Plant invoca o Walhalla e investe contra os deuses?

A sensação afro-londrina, neste início de ano, são os **Bhundu Boys,** diretamente de Harare, capital do Zimbabwe, para Glasgow, e destilados para o resto da Inglaterra. Têm um LPzinho fulminante, tocaram em tudo quanto é boteco, e são arquiindependentes. Afro-music, na Europa, é luxo de minorias. As multis não se interessam: por racismo, e por considerarem afro-music um "mini-mercado localizado". Bhundu Boys pode mudar um pouco o quadro. Além de tudo, são politizados na medida: caíram de pau na alta jogada de **Paul Simon,** que obteve o apoio de **Hugh Masekela** e **Miriam Makeba** para sua superturnê *Graceland*.

250.000!

Para vender 250.000 discos no Brasil, um disco tem que ser, no mínimo, genial. Por que? Porque o brasileiro gosta de música, entende de música, o brasileiro é música. O Lp **STANDING ON A BEACH,** do **THE CURE**, chegou às 250.000 cópias, o que representa **DISCO DE PLATINA**. Por que? Porque **THE CURE** é rock autêntico. **THE CURE** é honestidade. **THE CURE** é genial. Modéstia à parte.

PolyGram

TELEVISION

MARQUEE MOON (1977)

Malcolm McLaren sabia que os " pais da matéria " estavam nos EUA. Foi lá que ele buscou inspiração para que o movimento punk acontecesse — de forma concentrada — na Inglaterra. O que seria do punk sem o despojamento dos N.Y. Dolls, a demência dos Stooges, o antilirismo do Velvet e a agressividade do MC 5? E não foram só estas — todas elas, bandas extintas anos antes do punk — as fundamentais. Nova York fervilhava de bandas que acabariam traçando os moldes do que viria depois do punk. Eram as bandas new wave de Nova York e, dessas, a mais importante, ao lado dos Talking Heads e dos Voidoids de Richard Hell, foi o Television.

A história deles começa com o grupo Neon Boys, fundado por Tom Verlaine (guitarra/vocais) e Richard Hell (baixo/vocais) em 71. Richard Lloyd (guitarra) e Billy Ficca (bateria) completavam o grupo, que alguns anos depois mudaria de nome para Television. Hell saiu por volta de 74, e Fred Smith, ex-baixista da Blondie, foi chamado para substituí-lo. Em 74, o TV gravou um single e em 77 eles assinaram com a Elektra para gravar o *Marquee Moon*, o primeiro LP.

Em meio à avalanche punk em que a maioria das bandas fazia um som rápido e primário (Ramones, Dead Boys) ou flertava com o pop (Blondie, Marbles), o Television optava por uma linha musical mais elaborada, com melodias harmoniosas, convivendo com ruídos e músicas longas que, ao vivo, se transformavam em verdadeiras *jam sessions*.

O som do TV remete a uma gama de referências musicais, que vão de Byrds a Neil Young, de Doors a Velvet Underground. Não que o TV soasse como uma das bandas citadas. Ele parecia querer ser todas elas ao mesmo tempo e um pouco mais.

A música de *Marquee Moon* é leve em seus ingredientes e pesada em sua atitude. Os instrumentistas não usam efeitos ou pedais. É rock'n'roll puro, de uma fluidez impressionante. Verlaine e Lloyd formam uma das duplas de guitarristas de rock que mais deram certo. Ambos solam, se alternam em riffs, bases e harmonias. Ambas as guitarras — principalmente a de Verlaine — alcançam sonoridades que às vezes parecem com guinchos, grunhidos e gritos. Ficca e Smith formam uma cozinha "à francesa": leve, com toques jazzísticos, sem abusos.

As letras — todas de Verlaine — sugerem mais do que dizem, como na faixa de abertura, "See No Evil" ("Eu entendo tudo/a destruição urge/ela parece tão perfeita/eu vejo/eu não vejo nenhum mal"). As texturas sonoras são molduras perfeitas para as letras, como na faixa seguinte, a balada "Venus", em que Verlaine cai "direto nos braços da Vênus de Milo". Em "Friction" o destaque vai para o solo esquizofrênico de Verlaine, assim como na comprida "Marquee Moon" (que, aliás, tem um belíssimo falso *gran finale*).

O lado B começa com uma jóia, "Elevation" ("A última palavra/é a palavra perdida/por que você não o diz então?"), onde o junkie Lloyd faz um solo emocionante. "Guiding Light" (única co-parceria de Verlaine no disco — com Lloyd) é mais uma balada que demonstra a sensibilidade harmônica de Verlaine. Em "Prove It", a combinação de base sonora simples com o caleidoscópio de imagens evocadas por Verlaine é mais uma vez perfeita. Em "Torn Curtain", a última música do disco, outra magnífica combinação: a voz chorosa de Verlaine relembra os anos passados, enquanto sua guitarra estridente rola suas lágrimas mais amargas.

Nem o Television (que acabou em 79) nem seus integrantes em carreira solo conseguiram fazer um disco à altura de *Marquee Moon* (que na edição nacional saiu com um ridículo carimbo de "punk rock" na capa). É este o disco que prova que eles eram, instrumentalmente, uma das bandas mais integradas da década de 70, e não há músico ou não-músico — de qualquer gênero — que, ao ouvir o disco, não se convença disto.

Celso Pucci, T.P.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Toth
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Atendimento - Texto: Alexandre Dines, Ana Maria Bahiana, Arthur Geraldo Couto Duarte, Celso Salles Pucci, César Garcia Lima, Eva Joory (Londres), Jean-Yves de Neufville, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Luís Antônio Giron, Luiz Nazário, Marcel Plasse, Maria Luiza Fontenelle, Silvano Michelino, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Thompson (New York), D. Gusttinni, Eurico Salis, Eva Joory (Londres), Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, Mauricio Valladares, Rui Mendes, Tucci
Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Supervisor: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lídia Camarate (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 6607311
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Alfredo Nastari
Promoções: Fernando Mendonça (Rio), Paulo Sérgio Vieira (SP)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RÁDIO PIRATA
AO VIVO EM VÍDEO

R.P.M. Vídeo Av. Aclimação 774 - Aclimação - São Paulo
CEP 01531 - SP - Telefone: (011) 270-6633

RECORTE E MANDE JÁ O SEU CUPOM

Quero receber ☐ cópias VHS ☐ cópias Betamax pelo preço de Cz$ 1.790,00.

Valor total do pedido Cz$ ....

Estou enviando:
☐ ch. nominal
☐ vale postal ou autorizo o débito em meu cartão de crédito: ☐ ELO ☐ Credicard ☐ Dinners ☐ A. Express

Nome: ____________ Fone: ____________

End.: ____________

Cidade: ____________ Estado: ____________ CEP: ____________

Cartão nº: ____________

Data: ____________

____
Assinatura (igual a do cartão)

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

BRONCA 1

A BIZZ é para mim a melhor revista do gênero no Brasil. Tenho, porém, uma crítica ao crítico de lançamentos Jean-Yves de Neufville, que se vale sempre do direito de criticar discos de homossexuais. Primeiro foi o disco do Bronski Beat; e, na BIZZ 18, o disco dos Communards. A crítica não é profissional, mas de alguém que usa tão competente e divulgada edição para demonstrar todo o "machismo contra os gays". Acho que toda crítica é válida, desde que obedeça a regras básicas, sem preconceitos tolos e pejorativos, mas crititicar apenas pelo fato de ser contra "gays" é pura babaquice e caretice. **Fernando Silva, Contagem — MG**
(seguem-se onze assinaturas).

Registrada a "crítica à crítica do crítico". A redação esclarece que o autor da resenha do disco Truthdare Doubledare, *do Bronski Beat, foi o jornalista Tom Leão, e não J.Y.N.*

BRONCA 2

O grupo Legião Urbana deu uma grande prova de amadorismo e frescura pura no seu show, dia 22 de fevereiro, em Belém. Pelo fato de um espectador jogar uma sandália no palco durante o show, o senhor Renato Russo abandonou o palco e não mais voltou, no que foi seguido pelos seus três mosqueteiros. Claro que nunca foi um lance legal jogar objetos no palco, mais daí o Mr. Russo abandonar o show no meio é totalmente absurdo. Uma broncazinha surtiria mais efeito e ele ganharia até mais ibope de sua "legião de fãs". Renato e sua tropa não sacaram que, se o público resolvesse depredar o ginásio, seria um tumulto maior. Repudiamos sua atitude, Morrissey candango, neurótico idealista. O grupo tem valor e merece os prêmios que vêm recebendo, mas quem vai pagar o sacrifício e o dinheiro que gastamos para assistir um show de neuroses suas? Exibicionismo por exibicionismo, preferimos o RêPêMê, e achamos que vocês deveriam tomar umas lições de profissionalismo e respeito ao público com eles. **Assis dos Santos, Belém — PA** (seguem-se nove assinaturas).

OS MELHORES DO ANO

Sei que é perda de tempo escrever para esta revista porque vocês nunca respondem. Venho, portanto, em protesto, querer saber por quê e quanto seus críticos ganham para endeusar certos conjuntos e para subestimar outros. Querem exemplos? Fellini, Smack, Mercenárias e outros são considerados por vocês os melhores do Brasil, mas estão em gravadoras independentes, que não tocam nas rádios. O pessoal que não tem dinheiro para comprar estes LPs não conhece o trabalho deles. Por que vocês, críticos, elegeram os dez melhores sem nenhum critério? Acho que se deveria votar em apenas uma música de cada conjunto e separar os independentes numa votação a parte, já que nem todos os leitores conhecem estes grupos, pois estas gravadoras independentes só atuam em São Paulo, deixando a gente a ver navios. Por que certos LPs não foram incluídos naquela lista da cédula de votação, se todos os LPs lançados pela Baratos Afins estavam lá? Da próxima vez sejam mais discretos antes de protegerem certos segmentos de som. Sugestão: dediquem todo mês umas três páginas aos selos independentes e, o resto, ao que nos interessa. Outra: a parada do leitor deveria mudar, ou seja, deveria ser do estilo dos primeiros números, com pesquisas de vendagens e execução em todo o Brasil, ok? **Ediney Soares, Curitiba — PR.**

Em primeiro lugar, respondemos a todas as cartas que recebemos, seja através desta seção ou diretamente pelo correio. Segundo: não ganhamos nada para endeusar ou subestimar grupo nenhum. Terceiro: a votação obedeceu critérios, claro — mas eles são diferentes dos seus. A votação foi geral, incluindo os discos das grandes gravadoras e independentes, destacando a qualidade como um todo. Se alguns grupos e gravadoras pareceram privilegiados, foi reflexo das preferências da redação, não de um protecionismo premeditado. Temos acesso à produção independente paulista e só podemos lamentar que o país inteiro não tenha também. Por isso informamos, com a maior exatidão possível, as novidades sobre esse tipo de produção. Não houve favoritismo: no cupom de votação dos leitores incluímos o item "outros", para que cada um citasse o artista, banda etc. de sua preferência eventualmente deixados de fora. Colocar os independentes numa votação em separado seria vazio num país como o Brasil, onde eles são tão pouco valorizados e com difícil distribuição, como você mesmo notou.

MÊS QUE VEM NA BIZZ

EXCLUSIVAS COM *U2*, *THE CULT* E *MILTON NASCIMENTO*

- ***JOY DIVISION:* FICHA COMPLETA**
- ***GAROTOS PODRES***
- ***BEATLEMANIA ANOS 80***
- ***MICKEY ROURKE,* DE VOLTA ÀS TELAS**

BOB MARLEY

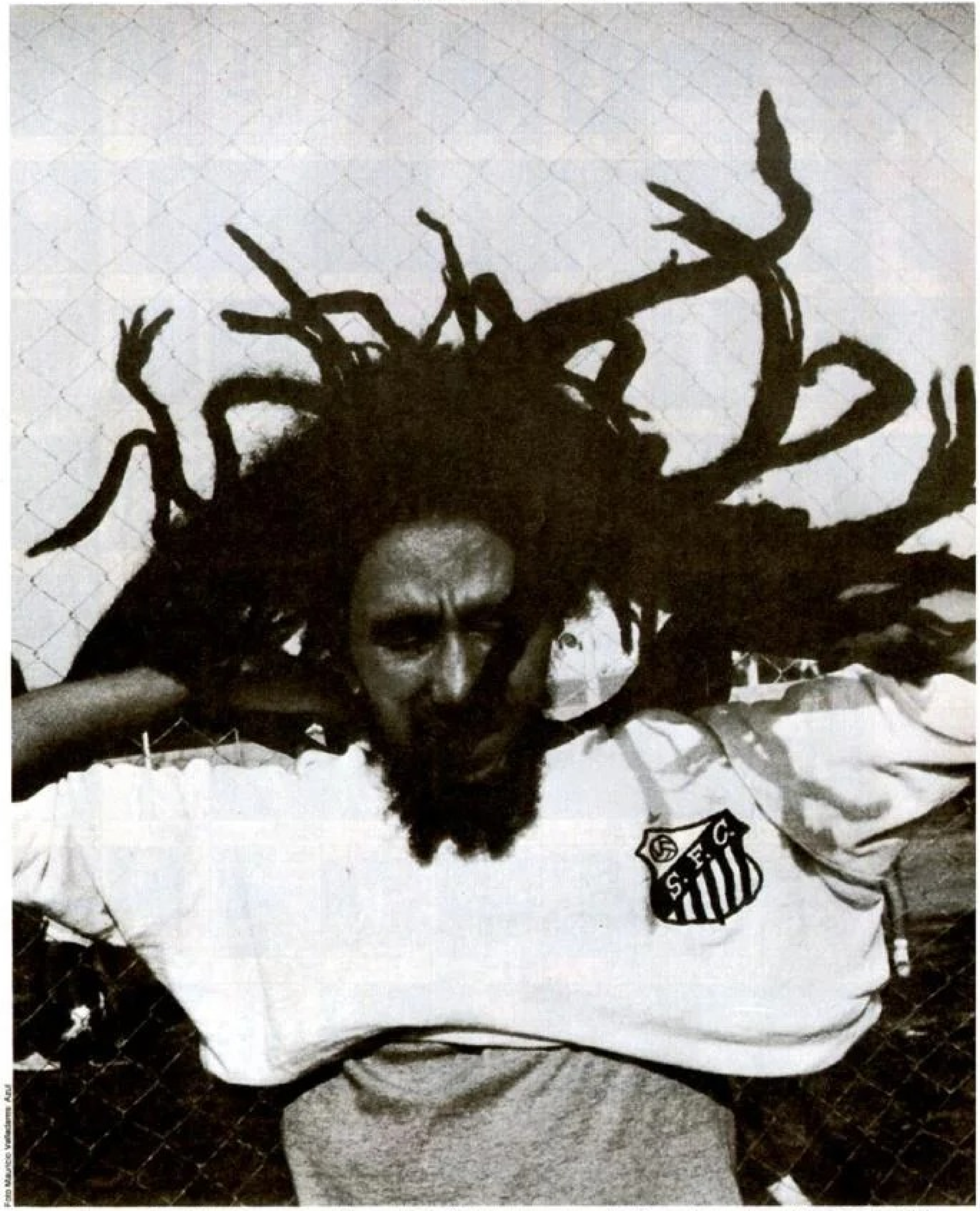


Foto Mauricio Valladares Azul

Sete anos atrás, Chico Buarque convidou o visitante Bob Marley para uma legítima pelada carioca. Olha a camisa dele!

ESTOU DEIXANDO O CÉU RUMO AO INFERNO

Não se assuste tanto assim. Gritos sinceros e insufocáveis como este você constatará no novo LP de um dos mais inquietos e talentosos guitarristas do Brasil. Toda a sua alma blues entregue de bandeja no seu trabalho mais inteiro e vigoroso.

CELSO BLUES BOY 3

JÁ ESTÁ NO AR

EM DISCOS E FITAS PolyGram

BIZZ
A-HA
Artistas exclusivos WEA

BAGAGEM
BIZZ
IRA!
Artistas exclusivos WEA

À PROVA DE RUGAS
The Autobiography of SUPERTRAMP
O Supertramp nasceu para ser eterno.
A prova disso são as 11 faixas do Lp The Autobiography
que está chegando às lojas no Brasil.
Reunir os melhores momentos de uma banda que só tem
grandes momentos foi uma tarefa árdua, mas não impossível.
PolyGram